This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 3756.2

Harvard College Library

BOUGHT FROM THE FUND
BEQUEATHED BY

FRANCIS SALES

INSTRUCTOR IN SPANISH AND FRENCH
1816–1854

«MENINA E MOÇA...»

PORTO — Typ. de A. J. da Silva Teixeira
Rua da Cancella Velha, 70

BERNALDIM RIBEIRO /

MENINA E MOÇA...

EDIÇÃO DIRIGIDA E PREFACIADA

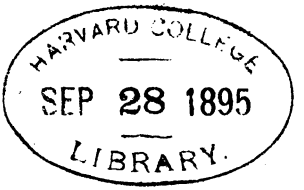
POR

D. JOSÉ PESSANHA

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1891

Todos os direitos reservados

~~IV. 4747~~
Port 5456.25



Sales fund.

A

PORTUGAL,

MINHA PATRIA.

Nos momentos em que o sentimento nacional revive, cumpre fundamental-o pelo estudo de todas as revelações do genio portuguez, pelo exame dos documentos onde mais vivamente palpite a alma collectiva da nação.

J. P.

ADVERTENCIA

Obra de um homem que não é philologo, nem erudito, a edição actual não pretende ser a definitiva da encantadora novella de Bernardim Ribeiro.

Impressionado pela sinceridade commovente d'esta obra, por aquelle perfume suavissimo de tristeza, de resignação e de saudade que se desprende das suas paginas, — delicada e poderosamente realisadas, porque fallam de maguas com as palavras que as maguas dão, — pensei um dia em publicar a «Menina e moça...»

n'uma edição mais correcta e mais para se vêr *do que a de 1852, — unica hoje accessivel. Depois de varias tentativas, o concurso dos editores Lugan & Genelioux permittiu-me realisar esta idéa.*

Segui a edição impressa em Evora, por André de Burgos, em 1557-8; mas, para não difficultar, sem vantagem, a leitura e a execução typographica, orthographei à moderna, sem comtudo alterar uma só fórma, e guardando a variedade e as incoherencias que esse texto offerece, e que são caracteristicas d'uma éra em que não estava ainda fixada para a nossa lingua a disciplina grammatical. Escrevi, por exemplo, que, *e não* qve *ou* q̃; *mas não substitui* aquello *por* aquillo.

Apenas quando a edição de 1559, ou um ms. da bibliotheca da Real Academia de la Historia, *de Madrid, me deram a conhecer variantes que, sem hesitações, devia seguir, me afastei da edição de Evora.*

Erros que tornam o sentido obscuro; uma

pontuação imperfeitissima; e, até, a ausencia de paragraphos, tinham convertido, quasi, n'um verdadeiro rasgo de coragem o aventurar-se alguem á leitura da «Menina e moça...», em qualquer das edições.

É, por isso, geralmente desconhecida, hoje, a saudosa narrativa quinhentista, que, todavia, encerra paginas adoraveis, d'uma intensidade de commoção e d'um effeito emotivo, realmente excepcionaes.

Cumpria, portanto, libertar a mimosa novella de Bernardim Ribeiro das condições de illegibilidade em que se ia tornando esquecida.

Foi esse o meu intento.

J. P.

PREFACIO

O CONSTITUIR-SE hereditaria e dynasticamente uma parte da aristocracia feudal, importou uma profunda metamorphose na sociedade.

O feudalismo é substituido pela monarchia; o poder temporal e o poder espiritual, confundidos na Edade-média, separam-se; e, forte pelo trabalho, apparece a burguezia.

Reata-se então a continuidade historica, prendendo-se o mundo moderno ao mundo

antigo, evocado na Italia em todas as suas manifestações, — a religião, o direito, a philosophia, a litteratura, a arte, — e logo vulgarisado pela typographia e pela gravura, recentemente descobertas.

Renova-se a actividade scientifica das civilisações classicas, interrompida pelo mysticismo demievico, e a interrogação da natureza, observada em variadissimos aspectos nas longas viagens que a bussola permittia realisar, traz valiosas contribuições a todas as sciencias naturaes.

O homem, o individuo, readquire o predominio, a evidencia, que tinha perdido n'um longo periodo tenebroso de submissão e terror.

Admira-se de novo a força, a belleza, a coragem, o desinteresse, a lealdade, o sacrificio no cumprimento do dever, — todas as vantagens physicas e todas as qualidades de espirito que a deslumbrosa arte classica mostrava levantadas á altura de um culto.

Generalisa-se a convicção de que o valor, o merecimento real do homem é independente da sua origem.

O platonismo, vencido pela philosophia de Aristoteles durante o regimen catholico-feudal, reapparece, mas com uma feição ao mesmo tempo ascetica e heroica, modificado pelo christianismo e pela poesia cavalleirosa da Edade-média. E d'esta renovação philosophica deriva o subjectivismo na poesia, tão evidente em Petrarcha, e no lyrismo de Camões. O poeta falla, então, de si: das suas esperanças, das suas alegrias, das suas dôres, das suas saudades.

«.....
.....
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse»

confessa, n'um dos sonetos, Luiz de Camões.

A curiosidade scientifica e o interesse ar-

tistico, dominando largamente, esquecendo distincções de hierarchia e de sexo, realisam um nivelamento quasi perfeito de todas as classes.

A duvida, — essa prodigiosa força do nosso espirito, esse incomparavel instrumento de verdade, — começa a actuar, habilmente empregada por Montaigne e Erasmo, e reabre uma éra de liberdade de pensamento, de que são continuadores os encyclopedistas do seculo XVIII.

O culto enthusiastico da arte domina todos. Francisco I chega a prometter tres abbadias a Benvenuto Cellini para o deter em França. Em Roma, os sinos repicam, festivos, quando se desenterra o grupo de Lacoonte. Erasmo, tão inaccessivel ao enthusiasmo, tão indifferente ao interesse artistico; Erasmo, em quem a propria Florença, deslumbrantemente rica de monumentos, de recordações e de arte, parece não ter causado a mais leve impressão; Erasmo, que

não teve uma palavra, sequer, para os grandes artistas, e para as esplendidas obras d'arte da Italia da Renascença, — foi, ainda assim, amigo e admirador de Alberto Dürer, de Holbein (filho) e de Metsys [1].

As casas perdem o caracter defensivo que tinham tido nos seculos guerreiros da Edade-média; tornam-se graciosamente accessiveis; enchem-se de estatuas e relevos, de quadros e tapeçarias, de moveis e baixellas onde estão realisados verdadeiros prodigios de arte decorativa; preparam-se,

---

[1] V. Émile Amiel, *Érasme* (Paris, 1889), pag. 113. Segundo o professor Carlos Justi, que se tem occupado da pintura portugueza, a influencia de Metsys (note-se que ha divergencias na orthographia d'este nome) é a mais evidente nos trabalhos dos nossos pintores educados nos Paizes-Baixos. — V. Joaquim de Vasconcellos, *A pintura portugueza nos seculos XV e XVI. (Segundo ensaio). Grão Vasco. — In: Portugal antigo e moderno,* tom. XII (Lisboa, 1890), art. *Viseu.*

emfim, para receber uma sociedade espirituosa e culta, livre e alegre, — sensual, decerto, mas, ao mesmo tempo, susceptivel de apreciar os mais altos e delicados prazeres do espirito.

No vestuario entram a predominar a seda, as rendas, os bordados, as plumas.

Tornam-se leves e primorosamente ornamentadas as diversas especies de armas, convertendo-se de instrumentos de offensa ou defensa em verdadeiras peças decorativas. A armadura da Edade-média, pesada como o dominio feudal, e severa como a logica de Aristoteles, cobre-se de relevos ou damasquinuras, — porque só quando o cinzel do lavrante ou o mordente do damasquinador d'ella houvesse feito desapparecer o antigo caracter, o velho espirito, poderia caber n'uma civilisação que era fundamentalmente pacifica.

A *Renascença* é esta gloriosa época de paz e de liberdade de pensamento; este lu-

minoso seculo essencialmente commercial e artistico; esta éra festiva em que *o homem* predomina, como nos aureos tempos da Grecia; este grandioso periodo em que um perfeito conhecimento da antiguidade classica, de longo tempo amorosamente estudada, sobretudo a partir do grande poeta da *Divina Comedia*, — evidencía ás civilisações occidentaes a identidade da sua origem, e lhes dá uma feição generica na esphera da sciencia, da litteratura e da arte, em contraste com as rivalidades provindas dos conflictos dynasticos.

A Renascença foi isto; mas teve os defeitos das suas admiraveis qualidades: — um individualismo perigoso, como as suas multiplices consequencias; uma admiração extrema pelo antigo, que muitas vezes custou a originalidade, a actualidade, a vida, da litteratura e da arte.

*
* *

Em Portugal, a vontade popular, manifestando-se vigorosa e decisiva pela escolha de um rei, em 1385; os estudos litterarios e mathematicos de D. Duarte e do infante D. Henrique; as viagens, que se tornaram lendarias, de D. Pedro; a politica centralisadora de D. João II, — são os primeiros reflexos da luminosa evolução, que tentei descrever, no mais rapido summario.

É, comtudo, á época venturosa, — melhor diria enganosa, — de D. Manuel, que de facto corresponde a Renascença portugueza, em quasi todos os seus aspectos.

Realisando então nas descobertas e navegações o facto inicial da civilisação moderna, Portugal tem um momento de predominio, toma por um pouco a direcção da humanidade.

E esta época, de plena vida historica

para o nosso paiz, constitue, naturalmente, o periodo aureo da nossa litteratura e da nossa arte:

Gil Vicente funda o theatro portuguez, como desenvolvimento do theatro hieratico da Edade-média; realisam-se os trabalhos philologicos de Fernão de Oliveira e de João de Barros; Bernardim Ribeiro escreve as suas deliciosas redondilhas, d'uma simplicidade commovente; Sá de Miranda viaja na Italia, recebe as multiplas influencias educativas da vida italiana da Renascença, e inicia em Portugal o metro hendecasyllabo; Luiz de Camões, perfeitamente educado pela cultura do seu tempo, e tambem pelos accidentes da sua vida de homem de côrte, de navegador e de soldado, acha nos *Lusiadas* a expressão artistica mais perfeita e mais rigorosa do facto fundamental da éra moderna, realisado pelos portuguezes.

É por isso que os *Lusiadas* têm, ao mes-

mo tempo, uma vasta significação universal, e um sentido completamente nosso. Os *Lusiadas* são o grandioso drama da Renascença, visto, sentido por um portuguez, e os portuguezes tinham então assegurado, por um facto decisivo, o direito incontestavel de dizerem perante o mundo: — A civilisação somos nós!

A nossa arte fulge n'uma rapida scintillação de originalidade: os architectos portuguezes acham o sentido nacional da ogiva; nos quadros reconhece-se a vida e a natureza meridional [1].

---

[1] A originalidade da pintura e da architectura portuguezas do seculo XVI tem sido reconhecida por auctorisadissimos criticos estrangeiros, como os professores Carl Justi (pintura) e Albrecht Haupt (architectura). A primeira parte do trabalho d'este notavel architecto, professor e critico, foi recentemente publicada: — *Die baukunst der Renaissance in Portugal, von den zeiten Emmanuel's des Glücklichen, bis zu dem*

O commercio do Oriente, desviâmol-o nós dos portos do Levante com enorme perda para os venezianos, que tentam por muitas vezes evital-a, negociando tratados de commercio com o nosso D. Manuel.

Ainda em 1580, o auctor (anonymo) da narração da viagem dos embaixadores Tron e Lippomani, mandados pela republica de Veneza comprimentar Philippe II, por ter conquistado Portugal, — insiste n'essa perda:

«... só nas especiarias e drogas, que vêm a Lisboa, depois que expirou, pelos annos de 1504, o commercio da Syria e d'Alexandria, ganham (os negociantes de Lisboa) rios de dinheiro, *que perdem os nossos venezianos,* pois eram elles quem, fazendo

---

schlusse der spanischen herrschaft. Erster band. Lissabon und umgegend. Frankfurt, 1890. (*A architectura da Renascença em Portugal, desde os tempos de Manuel, o Venturoso, até o fim do dominio hespanhol. Tomo primeiro. Lisboa e arredores.* Frankfurt, 1890).

trazer estas preciosas mercadorias pelo Marrôxo a Beyruth e a Alexandria, d'alli as transportavam a Veneza nas galés d'alto bordo » [1].

Concorrentemente, modificam-se os nossos habitos austeros de navegadores e de soldados.

D. Manuel rodeia-se de um luxo asiatico, — em parte na estricta significação geographica da palavra. Os bordados mais phantasiosos, as porcellanas da China mais leves e translucidas, os moveis mais delicadamente esculpidos ou marchetados, e, além d'isto, mil graciosos *bibelots*, — como eu diria d'essas pequenas obras-primas da phantasia e da habilidade oriental, se Damião de Goes lhes não houvesse chamado *gentilezas*, — tudo isso as naus que voltam do

1 *In:* Herculano, *Opusculos*, tom. VI (Lisboa, 1884), pag. 124 e 125.

Oriente carregam para a côrte faustosa do venturoso principe, onde tambem se admiram os primores que n'essa éra excepcional produziam os artistas e artifices dos Paizes-Baixos, de França e da Italia.

Os cantores e tangedores, tanto arabes como europeus, são numerosos; as representações de autos, as corridas de touros, os jogos de canas, frequentes.

Os *serões* do paço, onde scintillam a alegria, os bons ditos, a improvisação poetica, as aventuras galantes, trazem deslumbrados os fidalgos, que abandonam a cultura e direcção da propriedade territorial, pela vida fascinante, mas ruinosa, da côrte.

No sombrio reinado de D. João III, Sá de Miranda falla com saudade de tão deliciosos tempos:

« Os momos, os seraos de Portugal,
Tam falados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

Dos motos o primor, e altos sentidos?
Ums ditos delicados cortesãos,
Que é d'eles? Quem lhes dá sómente ouvidos?» [1]

Mas tudo quanto eu podesse accrescentar, seria pallido e inexpressivo deante dos preciosos *quadros de genero* que constituem a *Miscellanea* de Garcia de Rezende, — historiador, poeta, musico, desenhador, homem de variadas aptidões, emfim, como era proprio dos tempos da Renascença. Transcreverei, portanto, algumas das mais caracteristicas e luminosas passagens da *Miscellanea*:

« Muitos damascos da China
cofres de rede dourados
mesas, lectos marchetados
& mui rica prata fina
de bestiães bem laurados:

1 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, (Ed. de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos; Halle, 1885), pag. 809.

& quanto aljofar tem
quanta seda de laa vem?
que policias tam polidas?
riquezas cousas sabidas
q̃ antes nõ soube ninguem? »

. . . . . .

« Vijmos cadeas, collares
ricos tecidos, espadas:
cinctos & cinctas lauradas,
punhaes, borlas, alamares:
muytas cousas esmaltadas:
arreos quanto lustrauam
durauã muito & honrauam
soo com vestidos frisados
com taes peças arrayados
hos galãtes muito andauã ».

« Agora veemos capinhas
muito curtos pellotinhos
golpinhos & çapatinhos
fundas pequenas, mulinhas
giboẽszinhos, barretinhos:
estreitas cabeçadinhas
pequenas nominaszinhas
estreitinhas guarniçoẽs
& muito maas inuençoẽs
pois q̃ tudo sam cousinhas ».

. . . . . .

«.....
.....
.....
.....
.....
... vijmos minas reaes
douro & doutros metaes
no reyno se descobrir
mais que nunca vij subir
ingenho de officiaes».

«.....
.....
.....
..... vijmos trouar
trouas que eram para leer.
.....
.....
.....
.....
.....»

.....

«Musica vijmos chegar
aa mais alta perfeiçam
.....
.....

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .»

« Pinctores, luminadores
agora no cume estam
ouriuizes, esculptores
sam mais sotijs & melhores
q̃ quantos passados sam:
vijmos ho gram Michael [1]
Alberto [2] & Raphael
& em Portugal haa taes
tam grandes & naturaes
que vem quasi a ho liuel ».

« E vijmos singularmente
fazer representações
destilo muy eloquente
de muy nouas enuenções
& fectas por Gil vicente:

---

[1] Miguel Angelo.

[2] Alberto Dürer.

elle foy ho que inuentou
isto caa, & ho vsou
cõ mais graça & mais dotrina
posto que joam del enzina
ho pastoril começou ».

. . . . . .

« Gastos muy demasiados
veemos nas dõnas casadas
em joyas, prata, laurados:
perfumes & desfiados:
tapeçarias dobradas:
has conseruas, ho comer
vestidos, donzellas tẽer
has camas & hos estrados
vijmos per vijnte cruzados
luuas de coiro vender ».

Esta ultima decima já nos deixa entrevêr o reverso da medalha.

Mas é preciso percorrer toda a obra, tão intencional e tão audaciosa, de Gil Vicente, para ter uma concepção exacta da época manuelina. A satyra é um documento preciosissimo, imprescindivel para o estudo rigoroso e completo de uma sociedade.

O esplendor do seculo de D. Manuel estava, effectivamente, longe de corresponder á plenitude de uma existencia nacional vigorosa.

A emigração para as conquistas [1]; a perda do judeu e do arabe, valiosissimos pela sua riqueza, pela sua actividade, pela sua industria e pela sua sciencia; a substituição do commercio á agricultura; a vida de côrte e a degeneração do principio religioso, que mataram na alma portugueza os nobres es-

---

[1] Sá de Miranda, — que era um dos rarissimos espiritos a quem o brilhantismo do seculo XVI não offuscava, — comprehendia bem o alcance da emigração:

«Teme se de um imigo apoderado
Da rezão, que só sonha India e Brasil
Té que cada um de lá torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil
E mil este interesse que haja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo ele vil!»

(*Poesias*, ed. cit., pag. 809).

timulos generosos da honra, da dignidade, do desinteresse, da coragem, — tudo isto nos inhibiu de justificarmos perante o mundo a nossa preponderancia no destino da humanidade, — consequencia do triumpho que tinhamos alcançado no conflicto da civilisação, — e tornou ephemera a nossa grandeza.

Destituidos de energia e dignidade, recebemos, sem protesto, a perda da liberdade de consciencia, — o mais inviolavel dos direitos, — e a quebra da nossa autonomia politica. Porque a verdade, é que, por mais generosa e admiravel que seja a attitude de Phebus Moniz nas côrtes d'Almeirim, as palavras d'elle são antes uma supplica, do que um protesto.

Perdida a liberdade, extinguiu-se logo a radiante florescencia da nossa arte e da nossa litteratura. É que a liberdade é para ellas tão essencial, como o oxygenio para a vida.

Foi tardia, sob o ponto de vista mental, a victoria da Renascença entre nós.

Bernardim Ribeiro, exercendo a sua actividade litteraria, quando a imitação classica não tinha ainda feito desapparecer o amor das coisas simples e actuaes nem esquecer as tradições da Edade-média, mas, ao mesmo tempo, já no culto seculo XVI, — guarda nos seus trabalhos uma feição tradicionalista, peninsular, e tem simultaneamente um idealismo delicado e uma fórma quasi perfeita.

Escrevendo na cadente redondilha meridional, dando-nos um bucolismo sentido e tocante, e criticando as proprias emoções, como um idealista da renovação platonica, Bernardim Ribeiro funde encantadoramente a poesia dos trovadores e a allegoria dantesca, a tradição litteraria da Peninsula e as primeiras scintillações da Renascença.

Está n'isto o seu valor e o seu caracter, e o encanto de toda a sua obra.

*
* *

A figura de Bernardim Ribeiro destaca-se ainda, commoventemente, do fundo mysterioso e poetico de uma velha tradição de altos amores desventurados, que, sobretudo depois de lembrada por Almeida Garrett em varios pontos dos seus dramas e poemas, rarissimos desconhecem.

Poeta da côrte faustosa e galante de D. Manuel, Bernardim Ribeiro ousou amar (segundo corre) a infante D. Beatriz, e depois que ella partiu para Italia, onde foi desposar Carlos de Saboya, o enamorado trovador abandonou a côrte, e refugiou-se entre as penedias e mattos de Cintra, como se alli podesse *esquecer á desaventura,* — até que um dia as saudades o levaram a Italia, onde Beatriz, tendo-o reconhecido, apesar do trajo de mendigo em que se occultava, deixou cahir sobre o immenso amor do poeta esta

phrase pungentissima, severa como o dever e fria como a indifferença:

— «Já lá vai o tempo dos galanteios da côrte!»

Mentirá acaso a tradição? Creio que sim.

D. Beatriz partiu para Italia no dia 9 de agosto de 1521; e se porventura Bernardim Ribeiro veio para a côrte n'esse anno, só muito breve poderia ter sido o idyllio. Que a princeza depressa teria esquecido as homenagens do poeta, proval-o-hiam a dedicação, correspondida, de Beatriz pelo esposo; a sua affectuosa resignação deante da pobreza de Carlos de Saboya, — e não se esqueça que D. Beatriz fôra educada na opulentissima côrte de D. Manuel; a sua interferencia, constante e energica, na politica [1].

[1] Como provas de tudo isto, vid. os documentos publicados por G. Claretta, nas suas *Notizie storiche*

Mas o facto de não ter a nossa infante o nome de *Joanna*, que, transformado no de *Aonia*, tão preponderantemente figura nos escriptos de Bernardim Ribeiro, e, sobretudo, a notavel divergencia entre um retrato, authentico, de D. Beatriz, que se guarda em Turim, e o retrato dispersivamente feito, pelo poeta, da sua desventurada Aonia, — levam-me a não acreditar na existencia do amor de Bernardim Ribeiro pela infante D. Beatriz, sem comtudo me decidir, — devo dizel-o já — por nenhuma das outras duas interpretações da «*Menina e moça...*» até agora propostas.

Não sei de escriptor mais antigo do que Faria e Sousa, que se refira a esses amo-

---

in torno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, duchessa di Savoia (Turim, 1863), e transcriptos no que têm mais significativo, por Alberto Pimentel, nas suas *Historias de reis e principes* (Porto, 1890).

res. Faria escreveu o seguinte, na sua *Fvente de Aganipe o Rimas varias,* part. I (Madrid, 1646), no «Discvrso de los Sonetos», n.º 4:

«Era natural (Bernardim Ribeiro) de la Villa del Torram, hidalgo de nascimiento, i jurista de professiõ. Diose tãto a las amorosas passiones, i tristezas, i soledades, q̃ de noche se quedava algunas vezes por los bosques, i a las margenes de los rios, gimiẽdo i llorãdo. Resultôle esto de aver dado en el desatino de enamorarse profundamẽte de la Infanta D. Beatriz, hija del Rey D. Manuel, i ella, cõ irle dãdo cuerda (burlas de Palacio) le acabô de rematar. Escribio sus Eglogas, i otros versos a estos amores: i sus prosas intituladas la Menina i moza, ô Saudades de Bernardin Ribeiro, despues q̃ perdio de vista a la Infanta, q̃ fue quãdo la llevaron a su marido, el Duque de Saboya IX en el Titulo, i III en el nombre de Carlos. Sucedio esta ausẽcia el año 1521 i a

*

ella escribio él una Cancion, que empieça assi:

Desque o meu sol, etc.»

E na sua *Evropa Portuguesa,* tom. II (Lisboa, 1679), part. IV, cap. I, pag. 549 e 550, torna Faria e Sousa a occupar-se de Bernardim Ribeiro e D. Beatriz, mas, então, muito mais detidamente:

«Oygamos un de los más raros exemplos de amor en un pecho, y de pena en un amante. Bernardin Ribeyro, hombre noble, y de nobilissimo ingenio, amava cordeal y puramente a esta Princesa (D. Beatriz), porque ella, como apreciadora de la Poesia benemerita, le honrava, y favorecia con escuchar cuidadosamente sus versos, porque no eran ellos en lo afetuoso para oyrse con descuydo. Viendo él agora que se le ausentava ella, corrió a ponerse en la mas alta cumbre de la roca de Sintra, adonde, con los ojos inmobles en el baxel que la llevava (como el Aguila en el Sol que la examina),

estuvo elevado asta que le perdió de vista. Pareciole que para quien avia perdido tal amparo se avia acabado el Mundo: y olvidado de todo lo que no fuesse el dolor de aquella ausencia, se dió a la vida solitaria en aquel propio sitio. Alli compuso aquel libro tan estimado que intituló Saudades: ya por las que Beatriz le dexó a él de su estimacion, ya por las que llevava ella de su Patria. Passó de Hermitaño en esta Sierra a peregrino en Italia. Vió todas sus grandezas, y teniendo por mayor que todas su pena, y el motivo della, bolvió por Saboya. Sabiendo alli que Beatriz (no perdiendo la piedad de Principes Portugueses, aun que perdiesse el vivir entre ellos) salia en horas señaladas a ponerse en uña puerta para dar limosna a los pobres, introduxose entre ellos para verla; y ella, reconociendolo, mandole que no se detuviesse en la Ciudad, porque ya eran passados los dias de los entretenimientos antigos de Palacio. Obedeciola

en esto, mas no en acetar un socorro gruesso que le ofrecia para bolverse; y, buelto a la patria, fue fin de la vida, el de la peregrinacion. Deviose un escrito tan afetuoso a tan elevado amor; un amor tan notable a tan virtuosa Princesa; un vivir tristissimo a tanto sentimiento; y un morir de puro sentido a tanta perdida».

No artigo consagrado na *Bibliotheca Lusitana* [1] a Bernardim Ribeiro, Barbosa Machado confundiu o saudoso auctor da «*Menina e moça...*» com Bernardim Ribeiro Pacheco, nomeado por Philippe II capitão-mór da armada que em 1589 devia partir para a India [2], e com um governador de S. Jorge da Mina, de nome igual ao do poeta.

Barbosa Machado acreditava que Bernar-

---

[1] Tom. I (Lisboa, 1791), pag. 518-519.

[2] Alvará de 8 de março de 1589, registado na Torre do Tombo, a fl. 246 do liv. 16.º das *Doações*, de Philippe I (II em Hespanha).

dim Ribeiro tinha dedicado os seus affectos á infante D. Beatriz.

O movimento litterario denominado Romantismo avivou esta poetica tradição.

O auctor da «*Menina e moça...*», pela sua vida romanesca, e por aquelle *perfume de bonina selvagem,* que se desprende das suas poesias (*singelas flôres do monte, reunidas, já com arte, n'um ramalhete* [1]), — impressionou vivamente o maior vulto do Romantismo em Portugal, o grande artista do *Frei Luiz de Sousa.*

Almeida Garrett hesitava em ter como verdadeiro o idyllio entre D. Beatriz e o poeta das *Saudades.* Umas vezes seguia a tradição, recordando que não ia longe da época de D. Manuel o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem enfado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trova-

1 Imagens de Garrett.

dores; outras vezes, duvidava, e promettia illustrar o obscurissimo ponto d'esse imaginado amor. Por ultimo, confessou n'uma nota ao seu drama *Um auto de Gil-Vicente,* que não se atrevia ainda a cumprir tal promessa (e não chegou a cumpril-a), accrescentando, porém:

«O que parece mais certo é que (Bernardim Ribeiro) *não morreu de paixão,* porque depois foi feito commendador da ordem de Christo, e governador de San-Jorge da Mina...» [1].

Herculano, empenhado sempre em fundamentar historicamente a obra litteraria do Romantismo, publicou no *Panorama* [2], pouco depois de ter sido representado pela primeira vez o drama inicial da renovação do nosso theatro tentada por Almeida Garrett

---

[1] É a confusão de Barbosa Machado.

[2] Vol. III (Lisboa, 1839), pag. 276-8.

— *Um auto de Gil-Vicente,* — uma noticia da viagem de D. Beatriz até Saboya, encontrada pelo nosso historiador, n'um ms. do seculo XVI.

Segundo essa narrativa, anonyma, foi perfeitamente descortez a recepção que tiveram em Italia, a princeza e a sua numerosa comitiva.

Para o auctor da *Historia de Portugal,* o conhecimento dos amores de Beatriz com um fidalgo portuguez, e o receio de que elle fosse na armada, protegido, acaso, por alguma dama, constituem a unica explicação provavel d'essa descortezia, tanto mais surprehendente, quanto era ainda cavalleiroso aquelle tempo, e quanto haviam sido instantes e reiteradas as diligencias feitas pelo duque de Saboya para obter a mão da nossa princeza [1].

[1] A este porfiado empenho se refere largamente

Entre o documento publicado no *Panorama* e a narrativa do historiador italiano Revelli, citado por Claretta, ha divergencias.

Segundo Revelli, D. Beatriz chegou a Villa-Franca no dia 29 de setembro (1521) *ás 3 horas da noite,* e, *por sua vontade,* logo desembarcou e seguiu para Nizza.

Segundo o auctor da noticia transcripta por Herculano, chegou á *1 hora depois do meio dia,* e queria ficar aquella noite em o navio. Afinal, desembarcou, mas *contra sua vontade.*

Estas divergencias permittiriam pôr em duvida a veracidade da noticia portugueza, se acaso não fosse possivel determinar com o maximo rigor a sua genese, e o seu espirito.

Garcia de Resende na sua *Ida da iffante dona Breatiz pera Saboya,* — narração incluida no *Lyuro das obras de Garcia de Resẽde,* etc. (Lisboa, 1545).

Era tão completa a opposição entre o modo de pensar e de viver dos portuguezes do tempo de D. Manuel, e os habitos e opiniões que, sob a influencia da burguezia e da Reforma, dominavam ao norte da Italia, que, na verdade, não podia esperar-se que fosse perfeitamente cordeal a recepção, isento de conflictos o contacto d'essas duas sociedades heterogeneas.

Foi esta, evidentemente, a causa d'alguns dos factos narrados na memoria de que venho fallando, que, em todo o caso, não podia ter a significação que lhe foi attribuida por Herculano, visto que da correspondencia politica e particular de D. Beatriz e de seu marido se deprehende com evidencia que os dois esposos mantiveram sempre, um para com o outro, a mais affectuosa dedicação.

Os nossos, habituados a Lisboa, onde se agrupavam, na confusão deslumbrante e pittoresca de uma vastissima feira universal,

os productos da culta Europa e do voluptuoso Oriente, é que não podiam voltar maravilhados d'uma região democratica e protestante, de habitos austeros [1].

D. Beatriz, porém, em breve esqueceu o fausto da côrte de seu pae, e se acaso nas suas cartas uma ou outra vez se refere á pobreza em que vivia, — sem baixellas, sem tapeçarias, sem côrte, e cheia de dividas, — é sempre sem uma palavra de resentimento contra o marido, e por motivos que importavam aos negocios politicos, ou, pelo menos, ao pundonor de Carlos III.

Por outro lado, corria entre nós que o duque de Saboya não tinha qualidade nem estado para merecer a nossa princeza. D.

---

[1] As cartas de Alvaro Annes (Arch. nac. da Torre do Tombo, *Corpo chronol.*, part. 1, maço 27, doc. 64 e 65), têm a mesma origem e valor da noticia a que me referí.

Manuel hesitou, effectivamente, em conceder-lhe a mão de D. Beatriz, e só condescendeu depois de ter mandado a Italia, occultamente, o escrivão da sua camara, Sylvestre Nunes, informar-se do *estado, senhorio e poder* de Carlos III.

Todavia, as duvidas do povo não se desvaneceram nunca, e a prova é que Damião de Goes consagra o capitulo LXXI da quarta e ultima parte da sua *Chronica do felicissimo Rei Dom Emanvel,* a mostrar pela historia e pelas suas observações directas de viajante e de critico o merecimento de Carlos III. Um povo acha, em regra, *mal empregadas* as suas princezas, quando casam com principes estrangeiros. Factos contemporaneos o demonstram.

Não surprehendem portanto, rivalidades e conflictos, nem admira o azedume e a mordacidade dos portuguezes.

Note-se, que, segundo aquelle nosso chronista, o duque recebeu a princeza «cõ gran-

de pompa, assim dos de sua casa, & senhorios, quomo de muitos senhores, & gentis homẽs de Frãça que se alli acharam...» [1]

Jacob Spon em sua *Histoire de la Ville et de l'Estat de Genève,* dá tambem noticia da esplendida recepção que os duques tiveram na Ponte d'Arve, em 1523. D. Beatriz, longe de apreciar as honras que lhe faziam os burguezes, — *não como subditos, por dever; mas como amigos, por affeição,* — mostrou tal desdem e altivez, que as festas estiveram a ponto de ser interrompidas. Afinal, proseguiram.

— « On excusoit la fierté de la Duchesse, — accrescenta Spon, — disant, *che eran los costumbres de Portugal,* que c'estoit la coûtume de Portugal » [2].

Occorre naturalmente perguntar como se teria constituido a formosa tradição reco-

[1] Quarta e ultima parte, cap. LXX.

[2] *Op. cit.,* 3.ª ed. (Utrecht, 1685), pag. 168.

lhida por Faria e Sousa, e tantas vezes memorada pelo primeiro poeta portuguez do seculo XIX.

Provavelmente, as aventuras da côrte que todos sabiam constituirem a trama da novella, e outros factos apenas simultaneos, combinaram-se na imaginação popular, dando uma côr de certeza á existencia de amores entre o poeta e a infante.

Camillo Castello Branco, n'algumas das suas digressões pelo campo da historia, occupou-se tambem de Bernardim Ribeiro, e conseguiu deslindar a confusão que o auctor da *Bibliotheca Lusitana* havia feito do poeta das *Saudades* com o filho primogenito de Luiz Estevianes Ribeiro, thesoureiro do infante D. Fernando (filho de D. Manuel), e com outro Bernardim Ribeiro, que foi governador da fortaleza de S. Jorge da Mina [1].

[1] D'este Bernardim Ribeiro, só tenho noticia pelos estudos de C. C. Branco.

Fixou tambem, o nascimento de Bernardim Ribeiro em 1500 ou 1501.

Theophilo Braga, n'um dos volumes da série consagrada ao estudo da nossa evolução litteraria [1], levado a não acceitar a tradição, por motivo da differença entre a idade do poeta e a da princeza (D. Beatriz nasceu em 1504, e Bernardim Ribeiro, segundo Theophilo Braga, em 1475); pelo caracter altivo da filha de D. Manuel, e pela impossibilidade de identificar Beatriz com a desventurosa Aonia da «*Menina e moça...*», — tenta provar que a pastora Joanna, *de louros cabellos ondados,* descripta pelo poeta na *Ecloga segunda,* é a formosa D. Joanna de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, irmão do duque de Bragança, — prima, portanto, de D. Manuel.

Effectivamente, D. Joanna *foi levada, me-*

[1] *Bernardim Ribeiro e os bucolistas* (Porto, 1874).

nina e moça, de casa de seu pae pera longes terras.

Não fôra sem protestos da aristocracia que o *principe perfeito,* — « o Homem » como a D. João II chamava Isabel de Hespanha, numa concisão eloquente e admirativa, — conseguira realisar em Portugal o caracter distinctivo da politica do seculo XVI: — a unidade monarchica.

Nas côrtes d'Evora (novembro de 1481) D. Fernando, duque de Bragança e de Guimarães, e seu irmão D. Alvaro, tinham, é certo, *dado obediencia* a el-rei, e a elle *haviam feito menagem* por todos os seus castellos.

Tinham, porém, anteriormente, praticado muitas vezes, como refere Garcia de Resende, sobre a fórmula das *menagens,* por se lhes afigurar demasiado *aspera* aquella em que D. João II queria fossem feitas. D. Fernando tinha, alem d'isso, correspondencia com a visinha Castella, sobre a unificação da

Peninsula, e um acaso permittiu que fosse descoberta, num cofre onde guardava *os papeis de seu segredo,* parte d'essa correspondencia, em que por vezes apparecia a propria lettra de D. Fernando, — executado, afinal, no dia 20 de junho de 1483.

Quanto a D. Alvaro, determinou el-rei que, *até sua mercê,* não podesse estar em Portugal, Roma ou Castella, continuando, porém, a receber todas as suas rendas. Partiu effectivamente D. Alvaro, — com direcção a Jerusalem; mas teve uma recepção tão affectuosa na côrte de Castella, que determinou lá ficar, mandando depois a sua mulher e a seus filhos que para alli se transferissem.

Isto, segundo Resende; porque, no capitulo XLV da terceira parte da sua *Chronica,* refere Damião de Goes que D. Alvaro *pediu licença* a el-rei para ir a Jerusalem, em romaria. D. João II dilatou o mais possivel o despacho d'este requerimento;

mas, deante da insistencia de D. Alvaro, consentiu que partisse, ordenando-lhe, comtudo, que não entrasse na côrte de Castella nem na de Roma, e que não se demorasse em Veneza.

D. Alvaro, partiu logo; mas tão devagar fez seu caminho por Castella, que D. João desconfiou que seu primo quizesse illudir as ordens com que partíra, avisando-o logo d'isso, e ameaçando-o com a inteira confiscação dos bens que D. Alvaro tinha em Portugal, se não guardasse as restricções que lhe havia imposto.

D. Alvaro respondeu que, emquanto S. A. se limitára a mandar, por coisa nenhuma do mundo elle desobedecêra; mas que, desde o momento em que lhe impunha como pena a confiscação da fazenda, elle, que em pouco tinha os bens, não hesitava em ir á côrte hespanhola.

Fosse como fosse, D. Alvaro esteve annos em Castella, e só voltou a Portugal

*

quando, em 1496, tinham já desapparecido, com D. João II, as causas do desterro de alguns fidalgos.

Joanna de Vilhena tinha tres annos quando a levaram para a côrte de Fernando e Isabel. Era, portanto, *menina e moça,* e desconhecia *a causa da sua levada.*

D'este e d'outros factos da vida d'aquella dama, conclue Theophilo Braga o seguinte, quanto á exegese da novella de Bernardim Ribeiro:

Aonia de quem *Bimnarder* se enamora, e que afinal casa com *Fileno,* por influencia de *Lamentor,* é D. Joanna de Vilhena, amada pelo poeta Bernardim Ribeiro, e depois unida por D. Manuel ao conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal. A dama que chora a perda de seu filho é D. Leonor, viuva de D. João II; e o *Cavalleiro da Ponte,* o principe D. Affonso. *Belisa* é D. Isabel primeira mulher de D. Manuel; e *Cruelsia,* porventura D. Maria Coresma (Quaresma), a

quem Bernardim Ribeiro amou antes de conhecer, na côrte, D. Joanna de Vilhena.

Seriam tão evidentes as diversas allusões, a novella sería tanto historia, e, por consequencia, tão grande a temeridade de Bernardim Ribeiro, se fosse verdadeira a exegese d'aquelle escriptor, — que só uma prova decisiva, ainda não dada até agora, me obrigaria a seguil-a sem hesitações. É verdade que as *Saudades* nunca foram impressas na vida do auctor... Mas, — confesso, — hesito por emquanto.

E é sobretudo este reparo, que dá motivo á minha indecisão.

A notada altivez de D. Joanna de Vilhena, por que motivo se não quebraria deante do amor do poeta?

Figura-se tambem destruidor da brilhante hypothese de Theophilo Braga o facto de ter sido a condessa de Vimioso uma esposa dedicadissima, e de se ter consagrado exemplarmente ao governo da sua casa. Isto,

E Jano, pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar;
E, se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar» [1].

O poeta conta em seguida o encontro de Jano com a *fermosa e mal empregada* Joanna, de quem o pastor do Torrão logo se enamora a ponto de confessar:

«*Agora hei vinte e um annos,*
E nunca inda té-gora
Me acorda de sentir danos,
Os d'este meu gado em fóra:
E hoje, per caso estranho,
Não sei em que hora aqui vim,
Cobrei cuidado tamanho,
Que aos outros todos poz fim;
Eu mesmo a mi mesmo estranho» [2].

Tinha, portanto, Bernardim Ribeiro, — que é sem duvida elle quem se occulta sob a figura de Jano, — vinte e um annos, quan-

[1] *Versos de Bernardim Ribeiro* (Lisboa, 1886), pag. 19 e 20.

[2] *Op. cit.*, pag. 25.

do foram as grandes fomes do Alemtejo.

Na opinião de Theophilo Braga, o poeta refere-se á prolongada fome de 1478-96, e foi neste ultimo anno que se realisou a sua vinda para a côrte. Havia, portanto, nascido em 1475.

Camillo Castello Branco, porém, entende que Bernardim Ribeiro allude á fome de 1521 e 1522, e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, seguindo esta opinião, lembra que só d'essa fome contam diversos escriptores antigos, que deu causa a uma numerosa emigração para Lisboa, e accrescenta, com referencia á data 1496, fixada por Theophilo Braga:

— «... sería singular que um pastor se lembrasse de fugir do logar onde soffrêra 16 a 18 annos, no proprio momento em que o mal estava extincto» [1].

[1] *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle, 1885), pag. 769.

Por outro lado, a illustradissima editora de Sá de Miranda, examinando as referencias d'este poeta ao delicado escriptor das *Saudades,* deprehende (alem de outros factos da mais alta importancia) que os dois poetas foram companheiros, amigos e mutuos confidentes dos seus amores, devendo ter portanto, pouco mais ou menos, a mesma edade. Nem Francisco de Sá (1495-1558), admirando a suavidade dos versos de Bernardim Ribeiro, fala d'elle como de um mestre ou antecessor. Deante d'isto, é mais plausivel, na verdade, a exegese de C. C. Branco, e a hypothese de Theophilo Braga torna-se improvavel.

Cumpre, no emtanto, observar que, se as relações entre Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda levam a fixar o nascimento d'aquelle nos ultimos annos do seculo XV ou nos primeiros do seculo XVI, o facto de apparecerem no *Cancioneiro* de Resende, *publicado em 1516,* versos de Bernardim Ribeiro, faz-

me acreditar que o poeta nasceu antes de 1500 ou 1501, embora depois de 1475, — porventura numa data que permitta conciliar o amor de Joanna de Vilhena com a amizade de Sá de Miranda.

A que fome se referirá, nesse caso, o poeta na *Egloga segunda?* Não sei. Nos reinados de D. João II e D. Manuel, houve por muitas vezes séccas e fomes.

Apesar de tudo, — torno a dizel-o, — hesito, por ora, em seguir a hypothese de Theophilo Braga, principalmente por causa do ligeirissimo disfarce em que as *Saudades* envolveriam as pessoas e os acontecimentos, se ellas effectivamente memorassem os factos que Theophilo Braga aponta.

O diplomata e escriptor brazileiro F. A. de Varnhagen, occupando-se da «*Menina e moça...*», na sua obra *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias* (Vienna, 1872), — duvida do amor de Bernardim Ribeiro pela infante D. Beatriz:

«D. Beatriz nascêra em 1504. Ora no *Cancioneiro Geral* de Resende, impresso em 1516, e preparado naturalmente antes, encontrâmos os seguintes versos de Bernardim Ribeiro, que por certo se não referiam a uma menina de menos de doze annos, nem seriam de poeta mui moço:

«Venham estes desenganos
Do meu *longo* engano e vão,
Que já *o tempo e os annos*
Outros cuidados me dão».

. . . . . .
«Lembre-vos que *se passaram*
Muitos tempos, muitos dias;
Todos meus bens s'acabaram;
Comtudo, nunca mudaram
Querer-vos minhas porfias».

Em outros versos, impressos igualmente em 1516, no *Cancioneiro Geral,* commemora o poeta certa partida da sua dama «para não tornar mais»:

«..... posso crer,
Que, pois qu'assi me leixaes,
É pera não tornar mais.
. . . . . .
Mas tudo o qu'eu mais queria
Já se foi pera um logar
Donde não póde tornar».

Não será referencia á mesma dama de que trata na novella? Em tal caso, não póde haver sido ella a infanta D. Beatriz, que só partiu de Lisboa para Saboya alguns annos depois» [1].

. . . . . .

«... decifrados os anagrammas (da «*Menina e moça...*»), apparece Bimnarder apaixonado de certa Joana, irmã de Isabel, mulher de *Lamentor*. Ora se admittirmos que este fosse elrei D. Manuel, resultariam os amores de Bernardim, não com a filha d'este

[1] *Op. cit.*, pag. 118-120.

rei, mas sim com sua cunhada D. Joana [1], a mãi de Carlos V, mulher de Filippe o Bello, e filha (como a rainha D. Isabel, sua irmã) dos reis Catholicos Isabel e Fernando. Em tal caso, o mesmo *Filippe* corresponderia ao *Fileno* e *Orphileno* (marido de Aonia da novella) e o pai das duas irmãs Belisa e Aonia, «um cavalleiro velho que parecia anojado em sua barba e vestido», não poderia ser senão o rei D. Fernando o Catholico, já viuvo» [2].

. . . . . .

«Se a essa Princeza se referem os amores, se o poeta, á maneira dos antigos trovadores, a *filhára* por senhora, em virtude de alguma mirada, um pouco mais aguda, por ella menos discretamente lançada, só tal

---

1 *Joana* é tambem o nome da pastora da Egloga 2.ª *(Nota de Varnhagen).*

2 *Op. cit.*, pag. 123 e 124.

poderia haver tido logar sendo ella mui jovem, e antes de casar-se. Nascida em novembro de 1479, passou a Flandres, a reunir-se ao seu esposo, embarcando-se em Laredo em 22 de agosto de 1496. E se bem que depois por duas vezes veiu a Castella, era muita a paixão que tinha pelo marido, para a podermos suppôr, durante esse tempo, capaz da mais innocente *coqueteria.* Acompanhára por ventura Bernardim Ribeiro a D. Alvaro, quando em 1496 passou a Castella a sondar a possibilidade de pedir o rei D. Manuel a mão da viuva (D. Isabel), nora de D. João 2.º? A novella envolve episodios de um Alvaro (Avalor). — Falta examinar se a infeliz desterrada em Tordesilhas tinha os olhos verdes, tão celebrados pelo poeta» [1].

Segundo Varnhagen reconhece, e é inquestionavel, o amor de Bernardim Ribeiro

[1] *Op. cit.*, pag. 125 e 126.

pela desventurosa Joanna, só poderia ter começado antes de 1496, ou precisamente nesse anno. Mas, sendo assim, como explicar a sua intimidade de *amigo i buen compañero* com o auctor dos *Vilhalpandos,* que só nasceu em outubro de 1495? E, sobretudo, como se póde fixar em época anterior ao mez de agosto de 1496 uma aventura que foi logo communicada a Sá de Miranda, sabendo-se que este poeta nasceu em outubro de 1495? [1]

Na *Egloga segunda,* Jano é encontrado por *um pastor seu conhecido:*

> « *Franco de Sandovir era*
> *O seu nome;* e buscava
> Uma frauta que perdêra,
> Que elle mais que a si amava.
> *Este era aquelle pastor*

[1] Aproveito, contra a hypothese de Varnhagen, este argumento de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, contra a exegese de Theophilo Braga.

A quem Celia muito amou,
Nympha do maior primor
Que em Mondego se banhou,
E que cantava melhor » [1].

Franco de Sandovir, vendo o seu amigo *tão demudado,* pergunta-lhe:

« Ou que houveste, ou perdeste?
Se ha remedio, havel-o-hás » [2].

Jano refere-lhe, então, como acabára de se cumprir a prophecia de Pierio, que *chamava por amigos todos os pastores,* e que um dia, ao ver-lhe *a barba pungida,* lhe predissera que elle *havia de ir a terra extranha, por não perder o seu gado,* e que lá *passaria longos males por uns mui breves prazeres, que veria, ou não veria.*

E accrescenta:

---

[1] *Versos de Bernardim Ribeiro* (Lisboa, 1886), pag. 27.

[2] *Op. cit.,* pag. 30.

«De todo o que te hei contado,
Todo casi aconteceu,
Que o que ainda não é passado
Pelo passado se creu:
Agora dantes pouco ha
Viram meus olhos, que foram,
Quem m'os leva, após si, lá;
A alma e vida se me foram,
Desprezaram-se de mi já» [1].

Franco de Sandovir (Sá de Miranda), a quem Jano (Bernardim Ribeiro) conta o seu amor, que era recente, nasceu em 1495. Não póde, portanto, haver-se dado no anno seguinte essa aventura inicial do auctor das *Saudades*.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, tendo estudado todas as referencias de Sá de Miranda a Bernardim Ribeiro, conclue que

«... as noticias de Miranda ácerca do seu

[1] *Op. cit.*, pag. 34.

amigo confirmam alguns dos factos conhecidos da sua vida e desmentem outros, sem preencher a lacuna que d'ahi resulta com dados positivos. O que se apura é o seguinte:

«1.° Que B. R. foi natural da villa do Torrão.

«2.° Que Sá de M. e B. R., que já conhecemos como amigos de D. Leonor de Mascarenhas [1], se fizeram mutuos confidentes dos seus amores, como bons camaradas. Miranda chama a Bernardim «o meu bom Ribeiro amigo» ou «amigo i buen compañero».

«3.° Que B. R. estava em Portugal na

---

1 D. Leonor de Mascarenhas era uma das senhoras mais esquivas e formosas da côrte de D. Manuel. Muitos poetas lhe dedicaram versos, como Bernardim Ribeiro, — que tambem era da familia dos Mascarenhas (o editor de 1645, Manuel da Silva Mascarenhas, declara que o auctor das *Saudades* era primo co-irmão de

época em que Miranda sahiu da côrte (1532), e que influiu sobre esta retirada».

Consinta-se-me uma interrupção.

É desconhecida, por emquanto, a causa do desterro de Sá de Miranda, — das fundas amarguras que o levaram a imitar, tão sentidamente, a formosa canção de Petrarcha «*Vergine bella...*». D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos suppõe que fosse o modo como Sá de Miranda fala do saudoso auctor da «*Menina e moça...*», a coragem com que accusa «um gram senhor» de crueldade e inconstancia para com o seu amigo, que via-

---

seu avô), — Sá de Miranda, Fernão da Silveira, D. João de Menezes, etc.

Miranda compara D. Leonor á illustre e celebrada florentina Victoria Colonna, sua parente, a quem, ao viajar pela Italia, teve decerto occasião de conhecer e admirar. (V. *Poesias de Sá de Miranda*, ed. cit., pag. 39 e 40, e 774 e 775.

jára, como elle e porventura com elle, em paizes extrangeiros (Hespanha e Italia), mas que, no regresso a Portugal, não voltára para a côrte, como Francisco de Sá, e ficára na provincia. Miranda ousa, então, recordar o seu amigo:

«..... aqui cantó *Ribero*
.....».

Tudo isto na *Egloga primeira* [1]; e segundo uma nota do começo do seculo XVII, encontrada num exemplar da segunda edição das obras de Sá de Miranda (1614), foi motivo de *sentimento dos Ataides* contra o poeta, esta passagem d'aquella *Egloga:*

«De *aquel gran pino* á la sombra...
Ia ves quanto que ensanchó!
Que el prado i zarzas cobrió,
I los vezinos asombra».

1 Ed. cit., pag. 99-150.

O conde da Castanheira, valido de D. João III, era da familia *Ataíde,* e neto de Maria *Pinheiro* (em hespanhol, *pino*). É crivel, portanto, que o altivo conde fosse a pessoa muito poderosa a quem desprazia a *Egloga primeira* de Sá de Miranda, e como este poeta dá a entender na *Egloga segunda* [1], que foi Bernardim Ribeiro a causa do seu voluntario desterro, — conclue D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que o motivo do resentimento do temido conde, e, portanto, da retirada de Sá de Miranda, foi exactamente a defesa do auctor da *« Menina e moça...»*.

Que teria occorrido entre Bernardim Ribeiro e D. Antonio de Ataíde?

Fecho o parenthese, e prosigo na transcripção das valiosas conclusões de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

---

[1] Ed. cit., pag. 153-183.

«4.º Que a infeliz sorte de B. R. teve por origem intrigas da côrte, onde, até certo tempo, foi bem visto por todos.

«5.º Que a sua tristeza já era notada nos paços reaes.

«6.º Que soube ainda desprender-se a tempo e virilmente dos laços que o prendiam á vida aulica, «deixando porém a pelle», e que encontrou em alguma parte um asylo seguro.

«7.º Que Ribeiro, do mesmo modo que Miranda, andou por fóra do paiz e cantou ao modo extrangeiro, i. é: italiano. Miranda põe na sua bôca dois especimens: — uma canção e um leixaprem, em hendecasyllabos.

«8.º Que Miranda, apesar dos louvores que concede aos seus «versos chorosos», á sua «vena blandissima», nunca allude a elle como mestre ou antecessor; antes o trata como um seu camarada e companheiro, collocando-se n'uma posição totalmente diffe-

rente d'aquella que toma em frente de Garcilaso, seu verdadeiro mestre» [1].

Estas conclusões são d'um altissimo valor, e, quando evidenciadas, modificariam a posição relativa dos nossos bucolistas: — *Chrisfal* (*Christovão Falcão*) seria o iniciador do genero bucolico e teria Bernardim Ribeiro como primeiro successor e imitador. Sá de Miranda seguiria os dois, quando, antes de transformado pela influencia classica do Renascimento, metrificava em redondilhas as suas primeiras eglogas.

Outros escriptores, como Sismondi, Bouterwek, F. Dénis, Costa e Silva e o auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, limitam-se a registar dúvidas, e a frisar contradicções, quanto aos amores de Bernardim

1 *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, pag. 767 e 768.

Ribeiro e D. Beatriz, fundando-se, quasi todas, no affecto do poeta por sua mulher, D. Maria de Vilhena, — porque não descobrem o erro da *Bibliotheca Lusitana,* em confundir o escriptor das *Saudades* com o dedicadissimo esposo d'aquella dama — Bernardim Ribeiro Pacheco.

Por minha parte, posso apenas dar conta do seguinte documento, que não vi ainda citado:

Carta de 23 de setembro de 1524, pela qual *o doutor Bernaldim Ribeiro* é nomeado *escrivão da camara* de D. João III, *por confiar el-rei da sua bondade, saber e discrição, e pela pratica e ensino que tem* [1].

Note-se que estas palavras constituiam, com pequenas variantes, uma fórmula consagrada.

---

[1] Torre do Tombo, liv. 37.° de D. João III, fol. 164.

Conheço tambem uma serie de documentos officiaes, que vão desde 8 de abril de 1558 até 20 de outubro de 1594, e que se referem a um *Bernaldim Ribeiro,* successivamente nomeado ouvidor nas Caldas, procurador do numero em Obidos, contador do hospital de Nossa Senhora do Populo (Caldas da Rainha), etc.

Conheço ainda uma carta (de 23 de julho de 1586), em que se permitte a *Bernaldim Ribeiro,* tabellião em Barcellos, o *ter uma pessoa que o ajude a escrever, subscrevendo elle* [1].

Referir-se-ha porventura ao nosso poeta algum d'estes documentos? Acaso o primeiro, — o que, todavia, não me atrevo a assegurar.

[1] Torre do Tombo, chancel. de Philippe I, liv. 5.º dos *Privilegios,* fol. 137 v.º

*
* *

Em conclusão:

O que se me figura evidente na obscurissima historia de Bernardim Ribeiro, é apenas o seguinte:

O poeta nasceu no Torrão (Alemtejo), no ultimo quartel do seculo XV; e aos vinte e um annos veiu para a côrte, onde se envolveu em aventuras de amor que o obrigaram a emprehender uma longa viagem.

Importa observar que o mestre-de-capella da cathedral de Toledo, Bernardino de Ribera, citado na *Lyra Sacro-Hispana,* de Eslava, não é o auctor da «*Menina e moça...*». Em carta de 18 de junho de 1872, escreve D. Francisco Asenjo Barbieri a Joaquim de Vasconcellos:

«... Bernardino de Ribera no era portu-

gués, sino español por todos cuatro costados...

«...nació en la ciudad de Játiva, siendo sus padres Pedro de Ribera, natural de Sevilla, y Beatriz Andresa, natural de Játiva. Abuelos paternos, Alonso Garcia de Ribera y Ana Rodriguez, naturales de Sevilla, y maternos, Juan Andrés y Castellana Ciprés, naturales de la dicha Játiva» [1].

No seculo XVI, havia em Hespanha importantissimas colonias portuguezas. Não surprehenderia, por isso, que o mestre-de-capella da celebre cathedral hespanhola fosse portuguez, podendo-se, neste caso, suppol-o o poeta das *Saudades*.

A carta de Barbieri é, porém, decisiva.

---

[1] *In: Poesias de Francisco de Sd de Miranda*, ed. cit., pag. 770.

*
* *

As obras de Bernardim Ribeiro foram impressas (pela primeira vez?) em Ferrara, no anno de 1554; em Evora, por André de Burgos, em 1557-8; em Colonia, por Arnold Birckmann, em 1559; e em Lisboa: em 1645, por P.° Craesbeeck; em 1785, por Domingos Gonçalves; e em 1852, constituindo o primeiro volume da collecção intitulada — *Bibliotheca Portugueza.*

Os *versos* foram impressos em separado na *Typographia Elzeviriana* (Lisboa), em 1886. Edição primorosa, composta de cento e onze exemplares, numerados no prelo, e assignados tanto pelo revisor (Xavier da Cunha), como pelo editor (Alfredo de Carvalho).

Quanto á «*Menina e moça...*» (já agora é impossivel chamar-lhe *Saudades,* como tal-

vez o seu auctor quizesse [1], e esquecer a designação vulgar, que mostra exactamente quanto a novella foi estimada, até de pessoas pouco habituadas a designarem os livros pelos seus verdadeiros titulos [2]), — quanto á « *Menina e moça...* », repito, é esta a primeira vez que se publica separadamente, — por um interesse de artista, e sem o trabalho crítico indispensavel para restituir

---

[1] Na edição de 1557-8 já apparece o titulo *Saudades:* — « Primeira e segũda parte do liuro chamado as saudades de Bernardim Ribeiro, com todas suas obras ».

Nas edições de Ferrara e de Colonia chama-se á novella — *Hystoria de Menina e Moça.*

[2] Observação de Ticknor (*History of spanish literature,* tom. II, Londres, 1849, pag. 58, nota 19).

Como são as palavras iniciaes do primeiro capitulo, ou, antes, do prefacio ou introducção da novella, que formam o titulo vulgar, escrevo sempre — « *Menina e moça...* », e não — *Menina e Moça.*

á sua primitiva pureza uma obra tantas vezes e tão profundamente modificada.

Oxalá que bem cedo se realise a edição definitiva de Bernardim Ribeiro, a quem teem sido attribuidas composições de outros, e talvez roubadas algumas das que porventura deixou!

Só então poderá ser rigorosamente apreciado um escriptor, que, no emtanto, deve considerar-se já como dos mais poderosos e delicados da litteratura patria, apesar de lhe ter cabido trabalhar num tempo em que a nossa lingua estava bem longe de possuir aquella riqueza, aquella plasticidade indispensavel para a realisação perfeita da mais difficil e complexa das obras d'arte: — a obra litteraria.

Setembro, 1890.

José Pessanha.

«MENINA E MOÇA...»

(SAUDADES)

[CAPITULO I] [1]

Menina e moça, me levaram de casa de meu pae pera longes terras.

Qual fosse então a causa d'aquella minha levada, — era pequena, — não na soube. Agora,

---

[1] É um verdadeiro prefacio, como observa Bouterwek. No emtanto, para não alterar a numeração dos capitulos seguida nas edições de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, guardo a designação — *Capitulo I,* pondo-a, porém, entre parentheses.

não lhe ponho outra, senão que já então paresce havia de ser o que depois foi.

Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario pera não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu naquella terra; mas, — coitada de mim! — que em breve espaço se mudou tudo aquello que em longo tempo se buscou, e pera longo tempo se buscava.

Gran desaventura foi, a que me fez ser triste, ou a que, pola ventura, me fez ser leda. Mas, depois que eu vi tantas cousas trocadas per outras, e o prazer feito mágua maior, — a tanta paixão vim [1], *que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha.*

Escolhi, pera meu contentamento (se antre

---

[1] *Que a tanta paixão vim,* nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *A tanta tristeza cheguei,* na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.* (Col. « Salazar », estante 7.°, grada 2.ª, numero 76. Let. dos fins do sec. XVI. — Ha uma copia, recente, na Bibl. nac. de Lisboa, sob a marcação Y-5-125).

tristezas e saudades ha algum), vir-me viver a este monte, onde o logar, e mingua da conversação da gente fosse como pera meu cuidado compria,—porque, grande erro fôra, depois de tantos nojos [1], *quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanço que elle nunca deu a ninguem;—estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um cabo, que se não mudam nunca, e, do outro, aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu já que esquecia á desaventura,—porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas podémos, não leixámos em mim nada em que podesse nova mágua ter logar (antes havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas)* [2], *— e com rezão.*

---

1 Máguas, desgostos.

2 *Que é povoada de tristezas...* (Ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852).

Mas paresce que, em desaventuras, ha mudanças pera outras desaventuras; porque, do bem, não na havia pera outro bem.

E foi assi, que, por caso extranho, fui levada em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheas, todas minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dor.

Alli vi, então, na piedade que houve d'outrem, camanha a divêra ter de mim, se não fôra tão demasiadamente mais amiga de minha dor, do que paresce que foi de mim quem me é a causa d'ella; mas, tamanha é a rezão porque são [1] *triste, que nunca me veiu mal nenhum, que eu não andasse em busca d'elle.*

Antes tudo havia muito tempo como ha que é povoado de tristezas... (Ed. de 1559).

Antes tudo havia muito tempo como ha que é povoada de tristezas... (Ms. da *R. Ac. de la H.*).

[1] Sou.

D'aqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ella aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, pera vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei que me sobejavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu.

Agora, ha já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tão sómente detreminar pera quando m'aguarda a derradeira hora. Não póde já vir longe.

Isto me poz em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas, depois, cuidando commigo, disse eu, que arrecear de não acabar d'escrever o que vi, não era causa [1] *pera o leixar de fazer; pois não havia d'escrever pera ninguem, senão pera mim só. Quanto mais, que, em cousas não acabadas, não havia de ser*

---

[1] *Cousa*, em todas as ed. cit., e no ms. da *R. Ac. de la H.*

nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim? Antes me pareceu que este tempo, que hei d'estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse, — pois Deus quiz que assi minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parescendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas máguas, e não ainda pera as d'outrem.

Os tristes o poderão ler: mas ahi não os houve mais, homens, depois que nas mulheres houve piedade. Mulheres, si; porque sempre nos homens houve desamor. Mas pera ellas não no faço eu; que pois o seu mal he tamanho, que se não pode confortar com outro nenhum, pera as mais entristecer sem-rezão seria querer eu que o lẽssem ellas; mas antes lhes peço muito que fujam d'elle, e de todas las cousas de tristeza;

que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão de poder ser ledas; porque assi está ordenado pela desaventura com que ellas nacem.

Pera uma só pessoa podia elle ser; mas, d'esta, não soube eu mais parte, depois que as suas desditas, e as minhas, o levaram pera longes terras extranhas, onde bem sei eu, que, vivo ou morto, o possue a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós commigo, e eu comvosco, sós, soíamos [1] *a passar nossos nojos grandes, (e tão pequenos pera os de depois). A vós contava eu todo* [2]*. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda, senão que estava espreitando já que vos fosseis.*

E por que tudo mais me maguasse, tão sómente me não foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber pera que parte da terra ieis;

---

1 Costumavamos.

2 Tudo.

ca [1] *descansaram os meus olhos em levarem pera lá a vista.*

Tudo me foi tirado; no meu mal, remedio nem conforto nenhum houve ahi. Pera morrer, asinha [2] *me podéra isto aproveitar; mas, pera isso, não me aproveitou.*

Ainda comvosco, usou a vossa desaventura algum modo de piedade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa), em vos alongar da vista d'esta terra; cá, pois pera não sentirdes máguas não havia remedio, pera as não ouvirdes vol-o deu.

Coitada de mim, que estoi [3] *falando, e não vejo eu ora que leva o vento as minhas palavras, e que me não pode ouvir a quem eu falo!*

Bem sei eu que não era pera isto a que m'eu ora quero pôr; que o escrever alguma cousa

---

1 Porque.

2 Facilmente.

3 Será erro typographico?

pede muito repouso; e, a mim, as minhas máguas ora me levam pera um cabo, ora pera outro. Trazem-me assi, que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão; porque não são tão constrangida a servir o engenho [1], *como a minha dor.*

D'estas culpas me achárão muitas neste livrinho; mas da minha ventura foram ellas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro ha de ser do que vai escripto nelle.

Das tristezas, não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontescem ellas.

Tambem, per outra parte, não me dá nada que o não lea ninguem; que eu não no faço senão pera um só, ou pera nenhum; pois d'elle,

[1] Nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*, lê-se *engano*. *Engenho*, traz a ed. de 1559.

como disse, não sei parte, tanto ha. Mas, se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos.

Muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

CAPITULO II

EM QUE A DONZELLA VAI PROSEGUINDO SUA HISTORIA

NESTE monte, mais alto de todos (que eu vim buscar pola saudade [1] differente dos outros, que nelle achei) passava eu a minha vida como podia, ora em me ir polos fundos valles que

---

[1] No sentido primitivo de *soledade.*

Nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, *suavidade.* Na de 1559, *soidade.* No ms. da *R. Ac. de la H., saudade.*

o [1] cingem derredor, ora em me pôr, do mais alto d'elle [2], olhar a terra como ia acabar ao mar, e depois o mar como se extendia logo após ella, pera acabar onde o ninguem visse.

Mas, quando vinha a noite, accepta a meus pensamentos, que via as avés buscarem seus pousos, umas chamarem as outras, parescendo que queria assocegar a terra mesma, — então eu, triste, com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia.

Assi passava eu o tempo, quando, uma das passadas, pouco ha, levantando-me eu, vi a menhan como se erguia fermosa, e se

---

[1] *Os*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *O*, — na de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *Elles*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Elle*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

extendia graciosamente por antre os valles, e deixar indo os altos; cá o sol, já levantado té os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorear da terra.

As doces aves, batendo as azas, andavam buscando umas as outras. Os pastores, tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados, começavam assomar polas cumiadas.

Pera todos parescia que vinha aquelle dia assi ledo. Os meus cuidados sós, vendo, — ao parecer, — como vinha poderoso seu contrairo [1], recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos pera quanto prazer e contentamento podéra aquelle dia vir, se não fôra

1 *Vendo como vinha seu contrairo (ao parecer poderoso)*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Vendo como vinha o seu contrario ao parecer poderoso, — na ed. de 1559.

Vendo parece como vinha poderoso seu contrairo, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

tudo tão mudado. D'onde, o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste.

E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura ordenado, me começassem de entrar pola lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fôra, — senhorearam-se assi de mim, que me não podia já soffrer apar [1] de minha casa, e desejava ir-me por logares sós, onde desabafasse en suspirar.

E inda bem não foi alto dia, quando eu (parece que acinte) determinei ir-me pera o pé d'este monte, que d'arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras é cheo; per onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno, que, nas noites caladas, o rugido d'elle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o somno; onde, outras muitas, vou eu lavar

[1] Junto, ao pé.

minhas lagrimas, e onde, muitas infindas, as torno a bever.

Começava então de querer cahir a calma: e no caminho, com a pressa, por fugir d'ella, ou pela desaventura que me levava a mim, tres ou quatro vezes cahi alli: mas eu (que, depois de triste, cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquello, em que paresce que Deus me queria avisar da mudança, que depois havia de vir.

Chegando á borda do rio, olhei pera onde havia melhores sombras. Paresceram-m'o as que estavam alem do rio.

Disse então, que naquello se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver; porque não se podia ir alem sem se passar a agua, que corria alli mansa, e mais alta que na outra parte.

Mas eu (que sempre folguei de buscar meu damno) passei alem, e fui-me assentar

de sob a espessa sombra de um verde freixo, que, pera baixo um pouco, estava.

Algumas das ramas extendia per cima d'agua, que alli fazia tamalavez [1] de corrente, e, empedida com um penedo, que no meo d'ella estava, se partia pera um e outro cabo, murmurando.

Eu, que os olhos levava alli postos, comecei a cuidar que tambem nas cousas que não tinham entendimento, havia fazerem-se nojo umas ás outras.

Estava d'alli apprendendo tomar algum conforto no meu mal: que, assi aquelle penedo estava anojando aquella agua, que queria ir seu caminho, como minhas desaventuras, no outro tempo, soiam fazer a tudo o que eu mas queria, — que já agora não quero nada.

E crescia-me de aquello um pesar.

---

[1] Algum tanto.

Porque, a cabo do penedo, tornava a agua a juntar-se, e ir seu caminho sem estorvo [1] algum, mas antes parescia que corria alli mais depressa que pola outra parte. E dezia eu, que sería aquello por se apartar mais asinha d'aquelle penedo, imigo de seu curso natural, que, como por força, alli estava.

Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se extendia, se veo pousar um roussinol; e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir.

E elle cada vez crecia mais em seus queixumes, que parescia que, como cançado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então.

---

[1] *Estrondo*, em todas as ed. cit. e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Triste da avesinha, que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

Pareceu aquello signal de pesar, naquelle arvoredo, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua, e as folhas após ella, e quizera-a eu ir tomar; mas pola corrente que alli fazia, e pelo matto que d'alli pera baixo ácerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista.

O coração me doeu tanto então em ver tão asinha morto quem, d'antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas.

Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assi chorasse de vontade; mas, em parte, este meu cuidado não foi em vão; porque, inda que a desaventura d'aquella avesinha fosse causa de minhas lagrimas, lá

ao sahir d'ellas, foram juntas outras muitas lembranças tristes.

Grande pedaço de tempo estive assi embargada dos meus olhos, antre os cuidados que muito havia que me tinham já então, e ainda terão, té que venha o tempo que alguma pessoa extranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem máguas de si.

E estando assi olhando pera onde corria a agua, ouvi bulir o arvoredo.

Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo; mas, olhando pera alli, vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e meneos seguros do corpo e do rosto e do oulhar, parescia d'acatamento. Vinha só. Na semelhança, tão cuidosa, que não apartava os ramos de si, senão quando

lhe empediam o caminho, ou lhe feriam o rosto. Os seus pés trazia per antre as frescas ervas, e parte do vestido extendido por ellas. E antre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colhia um cançado folego, como que lhe queria fallecer alma.

Sendo ácerca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (a maneira de medo de mulher) um pouco como que víra cousa desacostumada ficou; e eu tambem assi estava. Não do medo, — que a sua boa sombra [1] logo m'o não consentiu; mas da novidade d'aquello, que ainda alli não víra, havendo muito que, por meu mal, tinha continuado aquelle logar e toda aquella ribeira.

Mas não esteve ella muito, que, paresce, conhecendo tambem como estava, com uma

[1] Aspecto.

boa sombra começou a dizer, vindo contra mim:

— « Maravilha é ver donzella em ermo. Depois que a minha grande desaventura levou a todo o mundo o meu... » —

E d'ahi a grande pedaço, misturado já com lagrimas, disse:

— « ... filho... » —

Depois, tirando um lenço, começou a limpar o seu rosto, e chegar-se pera onde eu estava.

Alevantei-me eu então, fazendo-lhe aquella cortezia, que me ella com a sua, e comsigo mesma, obrigava.

E ella:

— « O descostume grande, — me disse, — (que ha muito tempo [1] que vivo neste ermo,

[1] *Grande tempo*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Muito tempo*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

sem ver [1] pessoa alguma), me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, fermosa e só ». —

Eu, que um pouco tardava em lhe responder, pola dúvida em que estava do que lhe diria, paresce-me que entendendo-me ella:

— « A mim podereis dizer tudo, — me tornou, — que eu são mulher como vós, e, segundo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme; porque me paresce (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste; que vossos olhos teem vossa fermosura desfeita, e, ao longe, não se enxergava ». —

— « Paresceis vós logo ao longe, — respondi eu, — o que sois ao perto; e não vos saberia negar cousa em que de mi vos

[1] *De ver*, — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852. *Sem ver*, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

servisseis, que os vossos trajos, e tudo o que vos eu olho, é cheo [1] de tristeza, — cousa a que eu são ha muito tempo conforme: e porque posso mal encobrir o senhorio que eu mesma, ás longas máguas, sobre mi tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradescer quererdes saber de mim o que quereis, pera ser, ao menos, meu mal escuitado algum'hora ». —

— « Pois dizei-m'o, — me tornou ella, — que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é tambem de me obrigardes; mas assi me pareceis vós, que de vos ser obrigada folgo muito ainda ». —

Satisfazendo-lhe eu então, disse:

— « Fui uma donzella que, neste monte da vanda d'alem d'este ribeiro, pouco ha

[1] *Encheo*, — na ed. de 1557-8. *É cheo*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H. Vem cheio*, — nas ed. de 1645, 1785 e 1852.

que vivo, e não posso viver muito. Noutra terra naci; noutra de muita gente me creei, d'onde vim fugindo pera esta, despovoada de tudo, senão de só as máguas que eu trouxe commigo. Este valle, per onde correm estas aguas claras, que vedes; os altos arvoredos de espessas sombras sobre o verde; erva e flores, que por aqui apparescem, e a seu prazer se extendem; ribeiras d'esta agua fria; doces moradas e pousos das sós deleitosas aves, — são tão conformes a meus cuidados, que o mais do tempo que o sol assegura [1] a terra, passo aqui, que, em que me vejais só, acompanhada estou. Muito ha que tenho andado este caminho. Nunca vi senão agora a vós. A grande saudade [2] d'este valle, e de toda esta terra por aqui derredor, me faz ousar vir assi, mulher (fermosa,

---

1 Anima.

2 No sentido primitivo de soledade, solidão.

bem vedes já que não). E pois não tenho armas pera offender, pera me defender já pera que me serian necessarias? A toda parte posso já ir, segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo, que elle não vá após mim. Agora d'antes, estava eu aqui só, olhando pera aquelle penedo, (mostrando-lh'o [1] eu então, d'alli) como estava anojando aquella agua, que queria ir seu caminho. Ante os meus olhos, sobre aquelle ramo que a cobre, se veo pôr um roussinol, docemente cantando. De quando em quando, parescia que lhe respondia outro, lá de muito longe. Estando elle assi, no melhor do canto cahiu morto sobre aquella agua, que o levava tão asinha, que o não pude eu ir tomar. Tamanha má-

[1] *Mas tirando-lhe,* — na ed. de 1557-8. *Mas tirando,* — nas de 1645, 1785 e 1852. *Mostrando-lhe,* — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

gua me creceu d'isto, que me accordei d'outras minhas, de que tambem grandes desastres causa foram, e levavam-me onde me eu tambem não podia ir tomar ». —

A estas palavras se me arrasaram os olhos d'agua, e fui com as mãos a elles.

— « Isto, senhora, fazia quando vós apparecestes, e o faço as mais das vezes; porque sempre ou choro, ou estou pera chorar ». —

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco, cuidando como lhe perguntaria outro tanto d'ella, — maiormente da causa que foi das suas lagrimas, quando não poude, senão muito tarde, dizer: — « filho ».

Ella, cuidando que, pela ventura, eu não queria dizer mais, disse:

— « Bem se vê nisso, senhora, que sois d'outra parte, e ha pouco que estais nesta; pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma historia, muito

falada n'esta terra por aqui darredor, muito ha que aconteceu. Lembra-me que era eu menina [1], e ouvia já então contar a meu pae, por historia. Agora, inda folgo de cuidar nella, pelos grandes acontecimentos e desaventuras que nella houve. E ainda que nenhum mal alheo possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber, pera o soffrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem rezão, e contra rezão. De boa vontade, — pois parece inda que a não ouvistes, — vol-a contarei; que, segundo entendo, devem-vos d'aprazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis ». —

— « O sol, — lhe respondi eu, — vai alto; e eu folgaria muito de a ouvir, pola ouvir a vós, e, depois, por saber como não busquei

---

[1] *Lembra-me menina,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Lembra-me que era eu menina,* — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

embalde esta terra pera minhas tristezas, pois tanto ha que se costuman nella. Outra cousa, senhora, vos quizera eu agora preguntar; mas fique pera depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a historia dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia». —

— «Os dias são agora grandes, — me tornou ella, — e não poderam elles nunca ser tão pequenos, que vos eu, a todo meu poder, não fizesse a vontade nelles. Assi são, senhora, pagada de vós. Mas olhae o que quereis antes». —

— «Porque é cousa em que vós folgais ainda agora de cuidar, — lhe respondi eu, — não póde ser pouco pera desejar d'ouvir. Fique o que eu d'antes quizera pera depois, ou pera sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui que eu não folgarei de ouvir a historia; porque esto podéra ser, se não fôra de tristezas, pera qu'eu vou achando, já agora, o tempo cur-

to, — tanto folgo co'ellas [1]. Por isso, contae-a, senhora, contae-a, pois é de tristezas. Gastaremos o tempo naquello pera que parece que nol-o [2] deram, a vós e a mim ».—

[1] *Ella,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Ellas, — na ed. de 1559.

[2] *Vol-o,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Nol-o, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO III

DA CONTA QUE A DONA DÁ Á DONZELLA
DE SUA VINDA AQUELLA TERRA

«COITADA de mim, — começou ella, — que, pera me maguar, busco ainda desaventuras alheas, como que as minhas não abastassem; que são tantas, que muitas vezes, neste despovoado, eu mesma ando espantada de mim, como as posso soffrer!

« Por isso vos não parescia, sem causa, triste; que, assi o são eu, que, se o soubesseis, ainda muito mais vol-o pareceria, do

que cuido que parecerei na presença; porque a longa dor [1], que ha já muito tempo que eu passo, tem o cançado d'este meu corpo tão acostumado a soffrel-a, que já agora vive nella.

« Este é um dos queixumes grandes que eu tenho do corpo: — que não ha cousa pera que elle, por longo costume, não seja; que, assi, ha já muitos annos que eu não vivo pera mim, e que vim pera estes ermos, fugindo das gentes pera quem só anoutece u e amanheceu.

« Muito m'aprouve achar-vos tambem conforme a minha tristeza; porque nos consolaremos ambas desconsoladas. Que isto vai assi como quem é doente d'alguma peçonha, e se cura com outra.

---

[1] *Da longa dor,* — nas ed. de 1557-8, 1645 e 1785. *A longa dor,* — nas ed. de 1559 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

« E quando vos eu da primeira vi, em o apartamento de toda a gente (que nesta terra ha muito) e o muito que tambem ha, que eu não vi nella cousa com que falasse, me moveu a alteração, e não puz em vós os olhos, tanto, como depois que vos falei. E quanto mais vos olho, mais acho que vos olhar.

« As passadas palavras vossas me dizem que deveis ter o coração altamente aggravado. Nas máguas que as lagrimas teem feitas no vosso rosto (que pera esse effecto parece que não foi dado) entendo eu quão dada deveis ser aos cuidados, — que não soem ellas [1] fazerem-se debalde. Vejo-vos moça; ainda ereis pera viver no mundo.

« Mal haja a desaventura que tão cedo co-

[1] *Elles*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Ellas, — na ed. de 1559.

meçou em vós, e tão tarde acaba em mim!

« Muito folgaria de me contardes vossa tristeza, uma e uma, que, assi como vol-a eu ouvi, não me abastou mais que pera me maguar. Mas, pois vós, senhora, assi fostes servida, eu são contente, e, por outra parte, folgo pelo vosso. Cá pois não podestes excusar desaventuras, menos é virdes ter mal que folgueis ter encoberto; que o pesar onde ha este bem, inda que não aproveite pera elle doer menos, aproveita logo pera se soffrer melhor [1].

---

[1] *O pesar ha este bem: inda que não aproveite pera elle doer menos, aproveital-o quero pera se soffrer melhor,* — na ed. de 1557-8.

Nas ed. de 1645 e 1785, como na ed. de 1557-8, á excepção de — *doer menos,* que apparece substituido por *doermo-nos.*

Nas ed. de 1559 e 1852, — como na actual.

No ms. da *R. Ac. de la H.,* — como nas ed. de 1559 e 1852, exceptuada a palavra — *doer,* em logar da qual se lê — *ao.*

«Isto é assaz pera as tristes das mulheres, que não teem remedios pera o mal que os homens teem; porque, nesse pouco tempo que ha que eu vivo, tenho apprendido que não ha tristeza nos homens. Só as mulheres são tristes; que as tristezas, quando viram que os homens andavam de um cabo pera outro, e, como as mais das cousas com as continuas mudanças, ora se espalhavam, ora se perdiam, e que as muitas occupações lhe tolhiam o mais do tempo, —tornaram-se ás coitadas das mulheres. Ou porque aborreceram as mudanças, ou porque ellas não tinham pera onde lhe fugir.

«Cá, certamente, segundo as desaventuras são desarrazoadas e graves, aos homens se haviam de fazer; mas, quando com elles não poderam, tornaram-se a nós, como á parte mais fraca. Assi que padecemos dous males: — um que soffremos, e outro que se não fez pera nós. Os homens cuidam outra cousa, mas do quê das mulheres

não cuidam: — logo costumaram ter em pouco as suas tristezas. Mas, se ellas [1] por isso, teem razão de serem mais tristes, sabel-o-ha quem souber que mágua é manter verdade desconhecida ». —

A isto não pude eu ter hum cançado suspiro de dentro da alma; e ella, sentindo-o (com quanto o eu encobri) extendeu a sua dereita mão, e tomando a minha, com dissimulação suspeitosa, tornou a falar pera mim, dizendo:

— « Quando eu era da vossa edade, e estava em casa de meu pae, nos longos serões das espaçosas noutes de inverno, antre as outras mulheres de casa, d'ellas fiando, e outras devando [2], muitas vezes, pera enganarmos o trabalho, ordenavamos que algu-

[1] *Elles*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Ellas, — na ed. de 1559.

[2] Dobando.

ma de nós contasse historias, que não leixassem parescer o serão longo; e uma mulher de casa, já velha, que víra muito e ouvíra muitas cousas, — por mais ancian, — dizia sempre, que a ella pertencia aquel officio. E, então, contava historias de cavalleiros andantes.

« E, verdadeiramente, as affrontas, e grandes aventuras que ella contava que se elles punham, polas donzellas, me fazia a mi haver dó d'elles.

« Que cuidava eu, que um cavalleiro, apostamente [1] armado, sobre seu fermoso cavallo, pola ribeira de um rio de gracioso campo passeando, podia ir tão triste como uma delicada donzella, em alto aposento, encostada a seu estrado, antre paredes só podia estar, vendo-se de altos muros cercada, e tantas guardas, — feitas pera tão pequena

[1] Convenientemente, perfeitamente.

força. Mas pera lhe tolherem as vontades fizeram grandes defesas, e pera lhe entrar o nojo, muito pequenas.

«Mais maneiras teem os cavalleiros, pera se mostrarem mais tristes, do que são; e mui menos teem as donzellas, pera se mostrarem mais tristes, do que parecem aos homens. Ao menos, se eu, depois que soube, muitas cousas, podéra tornar atraz, menos me houveram de maguar, do que me maguaram. Que tambem se deve esperar da dor aquello pera que cada um a tem. De outra maneira, não se devia ella ter.

«Digo isto, senhora, porque polo logar onde suspirou vosso coração (que vós de mim, quanto podieis, vos quizereis encobrir) suspeito eu, que d'alguma grande sem-rezão deveis trazer o cuidado maguado; porque a vossa edade não era pera mattos. Se os homens não acostumaram aggravar donzellas, muito fôra de sentir; mas, das cousas costumadas, quem se deve de aggravar?

«Muito bem vos posso dizer isto (ainda que o conhecimento d'antre nós seja pouco) porque são mais velha que vós, e porque é verdade, pera que se não deve esperar tempo, como pera as outras cousas.

«Quantas donzellas comeu já a terra com a saudade que lhe leixaram cavalleiros, que come outra terra, com outras saudades? Cheos são os livros de historias de donzellas, que ficaram chorando por cavalleiros que se iam, e se lembravam ainda de dar d'esporas a seus cavallos, porque não eram tão desamorosos como elles.

«Neste conto, não entram sós os dous amigos, de que é a historia que vos eu d'antes prometti. Nelles sós, cuido que se encerrou a fé que em todo' los outros se perdeu; e creo que por isso ordenaram outros homens de os matarem á treição, mámente; porque se não pareciam com elles.

«Cá o mal, não tão sómente avorreceu o

bem, mas não quizera ainda que o houvera ahi.

«Lembra-me que, quando meu pae contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavalleiros, pera matarem os dous amigos, dezia que muito folgára de a não ouvir pola não saber, pois não viera em tempo pera deixar d'ir á terra maguado, — que já geração d'elles não havia ahi.

«Mas, se muito pera sentir foi a morte dos dous, muito mais pera sentir foi a das tristes duas donzellas, que a desaventura trouxe a tanta estreita [1], que não sómente conveiu aos dous amigos tomarem a morte por ellas, mas ainda conveiu ellas tomarem-na per si mesmas.

«Os dous amigos, no que fizeram, compriram com ellas e comsigo mesmos, a que eram tidos pola cavalleria que mantinham:

---

1 Angustia, apertura, infortunio.

ellas, sós compriram com elles, — o que eu creio que é de maior estima; porque, ellas, por outros, não fizeram aquello, e elles, por outras, diveram-no de fazer. Assi que, como de pessoas que fizeram mais, se deve tambem a morte de sentir mais.

« Mas, ainda que a mim egualmente me doem umas e outras, — ellas, porque eram mulheres, e elles, porque eram homens, — isto digo eu pera vós e pera mim; porque meu filho tambem era homem com'elles ». —

CAPITULO IV

DAS PALAVRAS QUE A DONA CO'A DONZELLA PASSOU

COM estas palavras, começaram as lagrimas a correr polas suas faces abaixo, e ella, não soltando a fala, seguiu diziendo:

— « Perdoar-me-heis, senhora (que, por minha edade, bem vos posso chamar filha), se muitas vezes me virdes fazer isto; ainda que, a vós, não vos devem lagrimas ser extranhas, pois tanto folgastes de buscar logares sós, como estes onde estais, que já em outro tempo dizem que foram cheos de mui

nobres cavalleiros e fermosas donzellas; e ainda agora, por aqui, a logares, acham moças que guardam gado, pedaços d'armas, e joias de grande valia, — o que parece que faz este valle de mais triste sombra, que outro nenhum.

«Não sei este desconcerto do mundo onde ha d'ir ter: — um tempo foram estes valles muito povoados, e agora, muito desertos: soíam gentes andar nelles; agora, andam alimarias feras: uns deixam o que outros tomam. Pera que eram tantas mudanças em uma só terra?

«Mas parece que tambem a terra se muda, como as cousas d'ella: e esta, porque passou o tempo de quando foi leda, veo este de quando havia de ser triste. De muito povoada, e de edificios reaes nobrecida [1],

[1] *Nobrecidos*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Nobrecida*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

tornou-se de altos arvoredos (como os a natureza produzia) a povoar.

« Ainda em alguns cabos d'este valle, estão algumas antigas arvores, que pelo muito descurso de tempo, e descostume de como foram creadas, parecem já d'outra pomagem [1] differente d'aquella de que deviam ser [2], quando, ajudadas de pomareiras mãos, ellas produziam seu perfecto fructo.

« Tudo quanto é neste valle, é cheo de uma lembrança triste pera quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu nelle, e o que foi já em outro tempo; que pareceria, então, que

---

[1] *Plumagem*, — na ed. de 1557-8. *Promagem*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H. Pomagem*, — nas ed. de 1645, 1785 e 1852.

[2] *Que deviam ser*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

De que deviam ser, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

não era pera vir a este de agora. Mas tudo é assi. Emfim, fazem-se umas cousas pera outras, pera que se não faziam.

« Mal cuidariam os dous amigos, quando acceptaram a empresa de guardar as aventuras d'este valle (pera só aprazer ás fermosas duas donzellas) que era pera tanto seu desprazer d'ellas! E tambem mal cuidaram ellas, quando aquelle dia (da grande desaventura) se vistiram e concertaram ricamente, pera verem os dous cavalleiros amigos, que era pera os não verem mais!

« Trazem-nos os nossos fados não sei quê ante os olhos, que temos ás cousas deante e não as vemos. Tudo anda trocado, que não se entende; e assi nos veem tomar as máguas, quando estamos mais assegurados d'ellas, que nos doem, a um mesmo tempo, o bem que perdemos, e o mal que depois cobrâmos ». —

Aqui deu ella um grande suspiro, e este-

ve como que quizera dizer outra cousa. E tornou dizendo:

— « Mas tempo é de comprir o que vos prometti; cá bem vejo muito ha hoje que me leva minha dor após si ». —

CAPITULO V

DO QUE LAMENTOR PASSOU NAQUELLA PARTE
ONDE FOI APORTAR COM SUA NAU,
E DA BATALHA QUE TEVE COM O CAVALLEIRO DA PONTE,
E DO QUE MAIS LHE SUCCEDEU

«DE reinos extranhos, dizem que veo num tempo passado ter a estas partes um nobre e famoso cavalleiro.

«Aportou, cêrca d'aqui, em uma nau grande, carregada de muita riqueza, e, sobretudo, de duas fermosas irmans, e uma a que elle mas que a si queria. E porque ella não sentisse a saudade de sua terra, trouxeram outra irman donzella, mais peque-

*

na que aquella por quem elle vinha buscar terras extranhas.

« Cá, contam que ellas eram filhas de um alto homem, como se depois por tempo suspeitou, pelos muitos cavalleiros andantes que pelo mundo foram espalhados, naquella sazão.

« Mas esta historia será longa.

« Aportado [1] Lamentor (que assi se chamava) nestas partes, como digo; havida inteira enformação da terra e da gente d'ella; como elle viesse da maneira que vinha, não queria fazer seu assento em nenhum logar muito povoado; e, sahindo um dia pola manhan da nau, com todas suas riquezas, começou caminhar por este valle arriba (que pera tudo tinham já seus creados o concerto necessario).

---

[1] *Aportando,* — no ms. da *R. Ac. de la H.,* e em todas as ed. cit., á excepção da de 1559, em que se lê — *aportado.*

« Em umas ricas andas, que Lamentor na nau trouxera, iam as duas irmans; porque a maior vinha prenhe de dias [1].

« E a menhan era graciosa, — porque assi parecia que se acertou pera lhe a terra mais contentar, — e o anno no mez d'abril, quando florecem as arvores, e as aves (que té então estiveram caladas) começavam andar fazendo as querellas do outro anno. Pelo que, per antre o arvoredo d'este valle (bem podeis cuidar quejendo sería então, pois agora é tanto) estavam ellas tomando solaz [2], numa cousa, ora em outra, — cá, tudo buscava Lamentor pera que sua senhora, e a donzella sua irman, em alguma maneira perdessem a saudade de sua terra, e o nojo do mar.

« Sendo elles acerca de uma ponte, que ahi logo ainda está, e querendo-a passar,

---

1 De bastante tempo.

2 Consolação, allívio.

lhe disse um escudeiro, que no começo d'ella estava:

— « Senhor cavalleiro, se quereis passar, convem que façais uma de duas: — ou que confesseis que o cavalleiro que mantem este passo, quer bem com mais rezão que ninguem, ou o detreminará a justa ». —

— « Muitas cousas havia mister de saber, — lhe respondeu Lamentor, — quem houvesse de responder a essa pergunta. E como se póde saber se quer elle bem com mais rezão, sem ouvir, primeiro, onde ou como o quer? Mas, por agora, d'isso eu não me curo; porque, a mim, basta-me saber, que, por mais rezão com que elle queira bem [1], eu o queiro mais que elle, e que todos os do mundo. Isto, que sei certo de mim, me

[1] *Com que elle queira,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Com que elle queira bem, — nas ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

excusa saber mais d'elle, que a condição [1] com que elle guarda esta ponte; e a rezão que tem pera isso, guarde-a pera si; que pera elle poderá ser que parecerá a mór do mundo. Deveis, bom escudeiro, dizer-lhe que faria bem deixar-nos passar, antes que o julgue a justa». —

« O escudeiro, que já oulhára pera as andas, e nunca cousa tão bem lhe parecêra, lhe tornou:

— « É excusado pera elle essa embaixada; porque está tão ufano, que não póde agora ninguem com elle (e na verdade tem causa); porque, fará d'aqui a oito dias tres annos, que elle mantem este passo, sem achar cavalleiro que o vencesse, sendo o mais continuado d'elles, que por toda esta

---

[1] *E a condição,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Que a condição, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

terra ha. E então se acaba o praso que lhe foi dado per uma donzella mais fermosa, que nestas partes se sabe, filha do senhor d'aquelle castello, que alli parece; em que lhe ella prometteu seu amor, sendo esta ponte por elle guardada com a dita condição. Mas se elle fosse sabedor da companhia que vós trazeis, com rezão devia temer agora mais que nunca; mas eu não lh'o posso ir dizer, que já outras vezes lhe levei assi embaixadas, e elle tornava-me má reposta: e succedendo depois a sua vontade, m'o deitava em rosto, como que minha tenção ficasse, pelo seu acontecimento, culpada ». —

— « Ora pois, detremine-o a justa » — disse Lamentor, olhando já pera as andas.

« E tirando-a d'um tiracollo, o escudeiro tocou uma corneta [1].

---

1 *E tirando d'um tiracollo o escudo tocou uma corneta.* (Ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852).

« E d'ahi a um pouco, deixou-se sahir d'um espesso arvoredo, que alem da ponte estava, um cavalleiro bem armado, a cavallo, e vindo-se dereito pera a ponte, alli houveram ambos justa, em que meu pae contava muitas cousas de grande esforço e valentia, que vos eu não contarei; porque, ainda que as mulheres folguem muito d'ouvir cavallerias, não lhe está bem contarem-nas, nem ellas parecem, nas suas bôccas, como nas dos homens que as fazem. *

« Mas, comtudo, dissera-vol-as eu, se me lembraram inteiramente; porém não me lembran, senão que contava meu pae que romperam tres lanças, e, á quarta, cahiu o cavalleiro da ponte; e com a queda grande

---

E tirando d'um tiracollo o escudeiro tocou uma corneta. (Ed. de 1559).

E tirando então de um tiracollo o escudeiro uma corneta, tocou-a. (Ms. da *R. Ac. de la H.*).

do encontro (que tambem foi grande) ficára sem se poder levantar, um pouco.

«Lamentor se apeou rijo [1]; e, quando chegou, o achou sem fala, e, descobrindo-o, lhe pareceu como mortal. Mas, d'ahi um pouco, accordou, todo mudado na côr, e, levantando os olhos pera Lamentor, — que sobre elle estava [2], — com um suspiro:

— «Ai! ai! cavalleiro, — lhe disse. Que [3] vos nunca víra, prouvera a Deus, ou que, ao menos, vos não tornára a ver!» —

«Lamentor houve d'elle dó, maiormente de suas lagrimas, que lhe viu; e, tomando-o pelo braço, o ajudou a erguer, dizendo:

---

[1] Impetuosamente.

[2] *Que só com elle estava,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Que sobre elle estava,* — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[3] *Quem,* nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. É, evidentemente, erro de copista ou de typographo.

— « Do amor, senhor cavalleiro, vos [1] podeis queixar com rezão: que, assi como vos elle a vós fez aqui guardar este passo, me fez a mim fazer-vos nojo: de vol-o ter feito, me pesa como homem; que, fazer-vol-o, foi como namorado. Noutra alguma cousa de vosso contentamento vol-o emendarei, quando mandardes. » —

« O cavalleiró da ponte, que assi o viu mesurado [2], bem lhe paresceu rezão de lhe agradescer aquella vontade; mas, tamanha era a dor que tinha no coração, que não poude acabar de forçar a sua.

« Comtudo, porque era de alta creação:

— « O amor [3] demasiado, — lhe disse,

---

[1] *Nos*, na ed. de 1557-8. Erro, egualmente, sem dúvida.

[2] Cortez.

[3] ... *e amor*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

... *o amor*, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

como desculpando-se, — não vive [1] em terra de rezão; mas eu irei tomar vingança d'elle noutras, alongadas d'esta, onde não veja cousa com que os meus olhos descancem; ainda que esta vingança bem me pesa, porque ha de ser de mim e de meu cuidado! » —

« E assi se virou pera outro cabo, e deu andar pelo valle abaixo: e como elle, da queda grande que dera, ficasse mal tratado, e (segundo depois paresceu) quebrasse alguma cousa de dentro, não foi muito pelo valle abaixo, que, acabando um seu escudeiro de tomar o cavallo, começando d'ir após elle, o alcançou perto d'alli: e achando-o já lançado no chão, de bruços, foi pera o erguer, e viu que elle era em estado de morte.

---

[1] *Não vive,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Não vive, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

« Começou a choral-o feramente [1]; e Lamentor, que o ouviu, deu a correr pera lá; e vendo como estava o escudeiro com seu senhor como mortal nos braços, deceu-se prestesmente, e foi-se pera élle; e vendo-o no derradeiro termo de sua vida, e como esmaiado:

— « Qu'é isto, senhor cavalleiro? — lhe começou a dizer, — esforçae! Que este é o passo verdadeiro pera que tomastes a ordem de cavalleria. » —

« E elle, accordando, pôz os olhos em Lamentor, e extendeu-lhe vagarosamente a mão dereita, como em signal que parecia de paz. Com uma voz cançada:

— « Ao esforço, se me elle podéra valer, — disse, — perdoára eu tudo; pois me fallesce agora, que me a mim tanto cumpre viver!... » [2]. —

---

1 Copiosamente, abundantemente.

2 ... *e pois me fallesce agora aqui quem me a mim*

«E com a força que fez [1] pera dizer isto (como homem que tinha alguma dor grande de dentro) foi-se-lhe o folego, e, cerrando os seus olhos, ficou como passado d'este mundo.

«Mas d'ahi a um pouco, os tornou a abrir, fazendo [2] menção com o rosto pera aquella parte d'onde estava o castello da donzella por quem guardava o passo, e que todo aquelle valle descobria. E levan-

---

tanto cumpre de ver, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

... *pois me fallece agora, que me a mim compre tanto viver,* — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[1] *Que se fez,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Que fez, — na de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] ... *e fazendo,* — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852.

... *fazendo,* — no ms. da *R. Ac. de la H.*

do [1] pera lá os olhos, paresce que lembrando-lhe que não tinha já mais de oito dias pera acabar o prazo que lhe fôra assignado, como cousa [2] que lhe mas maguava, ainda disse estas derradeiras palavras:

— « Ó castello, quão perto agora antes estava de vós! » —

« E com isto, deixarâm-se-lhe os seus olhos ir cançadamente cerrando pera sempre ».

---

1 ... *levando,* — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852.

E levando, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

2 *E como cousa,* nas ed. de 1557-8, 1645 e 1785.

... *e como cousa,* na de 1852.

... *como cousa,* na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO VI

EM QUE SE DIZ A REZÃO POR QUE O CAVALLEIRO DA PONTE SOSTINHA AQUELLE PASSO,
E DE COMO SUA IRMAN ALLI VEO TER

«CHEGADAS eram já alli as andas com as duas irmans e toda a outra gente; e vendo como o cavalleiro da ponte (que desarmado já o rosto tinha) era de fermosura e presença extremada, e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes de tamanho desastre.

«Lamentor, que via como o escudeiro estava lançado aos pés de seu senhor, tristemente chorando, havendo d'elle compaixão,

(que, assi na prática que com el tivera d'antes na ponte, como naquello, lhe parecêra de boa maneira e de creação [1]), foi-se pera o consolar; e tirando-o fóra d'alli, d'onde estava chorando, lhe disse:

— « Té nas cousas proveitosas, a temperança é muito louvada: os choros não aproveitam pera nada: por isso, é muito mais necessaria nelles; nem se devem de ter senão como cousa que se não póde excusar. Vosso senhor fallesceu como cavalleiro: e ainda vos digo, que as pessoas que lhe bem queriam não devem ser tristes; antes se devem alegrar muito, que foi de tão alto coração, que não poude sopportar ser vencido; que sel-o, ou não, está na ventura ». —

— « D'esta desaventura minha, — disse o

---

1 *Discrição*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

De creação, — na de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

escudeiro, chorando, — (pois fico só) [1], não me pesa tanto a mim, senhor, como por ser tomada por quem é ». —

— « Os cavalleiros, por amores, — tornou Lamentor (desejando saber o que isto era), — tudo lhes está bem fazer ». —

— « Em logar, — lhe respondeu o escudeiro, — que lhe seja agradescido: mas meu senhor sobre todas as cousas do mundo queria bem a uma donzella, que não tinha pera elle mais armas que a fermosura; porque a vontade (segundo ella mostrou) nunca foi d'elle; mas antes, disseram algumas pessoas de sua casa, que o dia que ella concedeu o prazo, chorou muitas lagrimas,

---

1 *D'esta desaventura minha só (disse o escudeiro chorando) pois fico...* (Ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852).

D'esta desaventura minha só é, disse o escudeiro chorando, pois fico... (Ms. da *R. Ac. de la H.*).

*

e que nunca o concedêra se não fôra por seu pae, que lhe era tão affeiçoado a meu senhor (e com rezão) que, a cabo de longo tempo, alcançou isto de sua filha; e ainda a hora de sua morte ». —

« Todos ficaram espantados d'ouvir isto; porque o cavalleiro da ponte era fermoso, e o fizera na justa grandemente.

« Lamentor, a quem d'isto pesou muito polo esforço que elle na justa lhe víra, com gran menencoria [1] disse:

— « Consolae-vos, que amor nunca perdoou desamor: tarde ou cedo vereis vingança ». —

« O escudeiro, chorando, tornando-se a lançar aos pés de seu senhor:

— « Ai! senhor cavalleiro, — disse, — pera a morte não ha 'hi vingança! » —

« Lamentor o tornou a erguer, dizendo-

[1] Melancholia.

le que, pera o chorar, haveria tempo: que, por então, curasse de entender no que havia de fazer.

« O escudeiro lhe disse que iria, d'ahi a uma jornada, d'onde estava uma fortaleza de seu senhor, em que vivia uma sua irman viuva, a quem a [1] elle dera pera lhe comer as rendas, emtanto que elle seguia as aventuras; e d'ahi viria o concerto pera o levarem ao jazigo de seus antecessores; e que, por então, leixasse allí Lamentor um seu escudeiro, que o guardasse.

« O sol ia já declinando, e era tempo de repousar, mórmente quem do mar sahíra [2]. E porque não muito longe d'aquelle logar e

[1] *O*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

A quem elle dera, — na ed. de 1559.

[2] *Sahia*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Sahira, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

da ponte, estava um assento gracioso d'arvoredo, e corria por antre elle agua, ordenou Lamentor de alli jantar, e assi o fez, depois dizendo ao escudeiro que queria ir repousar naquelle logar; que lhe daria as andas em que o levasse, e que, se lhe mais comprisse, que de boamente o faria. O escudeiro, tendo-lh'o em mercê, disse que assi fosse.

« E começando-se a ordenar tudo, foi assi acaso [1] que a irman do cavalleiro da ponte, porque sabia que não havia mais que oito dias pera se acabar o prazo, em que seu irmão (que ella muito queria) todo seu contentamento tinha posto, — detreminára de vir ahi o dia d'antes, com grandes

[1] *Foi assi ser a caso,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Foi assi acaso, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

concertos [1] e atavios, como aquella que lhe devia, por amor e obrigação, acompanhál-o até fim; cá havia ella por certo, que acabaria com grande honra, pois tanto tempo mantivera sua aventura, que não havia já cavalleiro em toda essa parte, que por alli não tivesse passado.

« E acertou então de vir. E vendo aquelle ajuntamento e as andas, não soube que dizer; mas logo lhe deu o coração uma volta, e chegando-se rijo, viu o escudeiro, que ella bem conhescia, andar chorando [2]. Preguntou-lhe que cousa era aquella. Oulhou, e viu o irmão jazer já sobre uns panos ricos, que Lamentor lhe mandára pôr, e apeando-se apressadamente, foi correndo pera elle; e lançando os seus toucados em terra,

---

[1] Pompas, fausto.

[2] *Correndo*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Chorando*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

começou ir, carpindo-se cruelmente os seus cabellos (que longos eram), pera d'onde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo:

— « Pera a dor grande não se fizeram leis ». —

« Isto dezia ella, porque era costume muito guardado naquella terra, e [1] ficára d'outro tempo sob grandes penas prohibido, não se pôr mulher nenhuma em cabello, senão por seu marido.

« Chegando a elle, o abraçou muitas vezes, e o beijou, dizendo:

— « Irmão meu, que morte foi esta, que assi vos levou tam asinha, que vos não pude falar? Quão enganada me trouxe até'qui, do vosso castello, a desaventura? Que descon-

[1] *Que ficdra*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

E ficdra, — na ed. de 1559.

certos da fortuna [1] são estes? Pera verdes outrem, tomaveis vós esta empresa; e eu, pera ver a vós parti de casa. E tudo era pera não vermos o que desejavamos!... Triste de mim, que quando me vós, com outro rosto, fostes correndo abraçar-me, dizendo: — *« D'aqui a tres annos, senhora irman, haverei a cousa do mundo mais desejada, e, de vossa licença, que mais quero»*, — logo me deu n'alma, e disse-vos: — *«Que largo prazo, esse, pera quem o recebe; cá, quem o põe, parece que o não põe pera al!»* Mas vós, que pera isto quizestes este bem, como que não folgaveis de m'ouvir [2], me tornastes: — *« O grande amor assegura essa demanda»*. Inda mal muitas vezes, por-

[1] *De fortuna*, — na ed. de 1557-8.

Da fortuna, — nas ed. de 1559, 1645 e 1785 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *De o haver*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

De o ouvir, — na ed. de 1559.

De m'ouvir aquillo, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

que foi tão grande! Mas não me comerá a mim a terra, com esta dor, sem fazer, a todo meu poder [1], que custe o largo prazo alguma cousa a aquella que tanto custou a vós e a mim! » —

« As duas irmans, que já d'antes eram descidas pera darem as andas, se foram pera ella, e tomando-a antre si, começaram a agasalhar-la, á maneira de a quererem consolar, — que a linguagem d'aquella terra, não a sabiam.

« Ella, com alta voz, disse:

— « Deixae-me, senhoras, chorar meu irmão, pois não tem outrem que o chore! » —

« Chegou-se Lamentor, que sabia a fala, e andára todas as partidas [2], e disse:

— « Os cavalleiros, senhora, que em fei-

[1] *Todo meu poder*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

A todo meu poder, — na ed. de 1559.

[2] Regiões.

tos d'armas acabam como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens; cá elles acham o que buscam. Vós, senhora, posto que muitas causas tenhais pera ser triste, pola perda que perdestes nelle, que era o melhor cavalleiro d'esta terra toda, — tendes tambem muita rezão de louvar a Deus por elle ser tal. Leixae o pranto, e vede o que mandais que se faça; que paresce, senhora, escandalo curardes mais de vossa dôr que de vosso irmão, em quanto o tendes deante ». —

« Nisto, chamou o escudeiro, que lhe dissesse como estava d'antes ordenado. E ella o houve por bem, e fez-se assi.

« E pozeram o cavalleiro da ponte sobre as andas em ricos panos; e a irman, chorando, pediu que a mettessem com elle. Lamentor a tomou pelo braço, e a donzella pelo outro (que a irman não podia) e pozeram-na dentro.

« E querendo Lamentor soltar os para-

mentos [1] das andas, como cousa de tanto dó, se chegou mais pera ella, e disse estas palavras:

— « Ainda que o tempo, senhora, seja pera outra cousa, porque não sei quando vos tornarei a ver, de mim sabei certo que podeis fazer a vosso serviço. O mais, sabereis do escudeiro ». —

« E ella não tornou resposta, que ia coberta toda, lançada já sobre o rosto de seu irmão, chorando.

« Elle, soltou os paramentos, e assi se foram » [2].

[1] Armações, cortinas.

[2] *Soltou os paramentos assi e foram-se*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Soltou os paramentos, e assi foram-se, — na ed. de 1559.

Soltou os paramentos, e assi se foram, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO VII

COMO DEPOIS DE PARTIDA A IRMAN DO CAVALLEIRO DA PONTE, POR APRAZER AQUELLE LOGAR A LAMENTOR, ORDENÁRA FAZER ALLI SEU ASSENTO

«TRISTES ficáram todos por aquella desaventura; mas Lamentor, que não esquecia quem trazia comsigo, alimpando os olhos das lagrimas que lhe aquella partida assi fazia, veo-se pera onde sua senhora com a irman estava, com estas palavras:

— « Ora [1] nos podemos, senhora, ir; que

[1] Agora.

na mortalha alhea não temos mais que fazer ». —

« E tomando-as cada uma per sua mão, mandou os seus pera aquelle logar que d'antes lhe parescêra bem, dizendo-lhes o que haviam de fazer entrementes.

« Foram-se então todos por sobre a ribeira d'este rio, olhando pera elle.

« Falando em outras cousas estiveram alli um pouco, porque, o mais asinha que ser podia, foi armada uma rica tenda, e concertado [1] de comer, que todo vinha em grande abastança. Repousaram té bem tarde, que as andas tornaram; e por não serem já horas pera caminhar, se leixaram ficar alli aquella noite (que a fortuna tinha já ordenado que fosse pera sempre).

« Belisa, — que assi se chamava aquella

[1] Preparado.

senhora que vinha prenhe, — emmentes [1] alli estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu-se; e accordando um pouco agastada, viu apar de si Lamentor, e lançando-lhe amorosamente os braços sobre o pescoço, esteve assi cuidosa, um pouco.

« E elle, vendo que sonhára, pelo desaccordo com que accordára, lhe perguntou:

— « Que cousa, senhora, foi essa? » —

— « Sonhava senhor, — lhe respondeu ella, — que estavamos, vós e eu, ambos presos com um fio, e eu cortava-o, e que vos não via mais ». —

« Lamentor, não lhe paresceu senão que lhe atravessavam aquellas palavras o coração (como na verdade assi foi [2]) e assi elle,

---

[1] Emquanto.

[2] *Como na verdade emfim o foram,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Como na verdade emfim foi, — na ed. de 1559.

Como na verdade assi foi, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

com isto que em si sentiu, se entristeceu grandemente. E adivinhava-lhe, paresce, a alma o seu mal.

« E não poude tanto dissimular, que o não conhecesse ella, e disse-lhe:

— « Que é isto, senhor, que assi vos mudastes com o que vos disse? » —

« Mudando [1] elle o proposito em cousa que tambem lh'o mudasse a ella, por lhe excusar alguma maginação, pelo perigo, em que vinha, da emprenhidão, — lhe respondeu, dizendo:

— « Hei-vol-o, senhora, de confessar, — ainda que nisto force minha condição, — que nem dizer-vol-o, nem cuidál-o quize-

[1] *Mudando-lhe,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Mudando, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

ra: — Houve menencoria. Perdoae-me, que de vós não se póde haver. Mas, como os sonhos não venham senão do que homem traz na phantesia, paresceu-me, porque [1] me dissestes que sonhaveis que me não vieis mais, que era desconfiar do que vos quero, e de mim, sendo vós tão segura por ambas ellas, ou por cada uma ». —

« Ella, com a bocca chea de riso (que abastava pera o desagastar, se elle aquello cuidára) [2] se chegou mais pera elle, dizendo-lhe:

— « Bem longe viera eu buscar essa desconfiança! Eu os perdôo; que parece que é

[1] *Pareceu-me que, porque,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Pareceu-me, porque, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *Cuidava,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Cuidára, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

este dia assi aziago, que tantos desastres acontecem nelle ». —

« Nisto, e em outras cousas, passaram aquelle dia, emquanto houve sol; o qual com mais prazer se havia de pôr, do que amanheceu, pelo que ouvireis ».

CAPITULO VIII

DE COMO A BELISA VIERAM EM CRECIMENTO
AS DORES DO PARTO,
E, PARINDO UMA CREANÇA, FALLECEU

«VINDA a noite, repousando já todos, Belisa se começou (a) agastar levemente; mas, crecendo-lhe a dor cada vez mais, houve de chamar por sua irman.

«Accordando ella, que perto em uma cama dormia, lhe contou Belisa de como a dor lhe ia em crescimento. A senhora Aonia (que assi se chamava a irman) accordou as mulheres de casa, e uma dona honrada que

de parteira sabia muito, e pera isso a trouxera Lamentor; porque, quando já partíra, Belisa era prenhe; e, se não fôra porque se não podia já encobrir, não a trouxera elle assi a terras extranhas; mas, na necessidade, o amor não achou outro melhor remedio, que desterro.

« Belisa, que a Lamentor queria [1] sobre todas as cousas do mundo, disse escontra [2] as outras, que a ajudassem tirar do leito em que jazia, pera a camilla de sua irman, pelo não accordarem, que estava cançado do caminho.

« Assi se fez, o mais manso que poderam.

« Gran parte da noite passaram em fazer

---

[1] *Que Lamentor queria,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Que a Lamentor queria, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] Para.

remedios pera a dor de Belisa; mas a senhora Aonia, que via sua irman cada vez com mais agastamentos:

— « Quereis, senhora irman, — lhe disse, — que chamemos meu irmão? » —

— « Pera tomar paixão, — lhe disse ella, — não o chameis vós; que prazerá a Deus que se me irá esta dor, e isto, ao menos, ganharemos d'ella ». —

— « Assi praza a Deus, — falou a dona honrada, d'acolá d'onde estava, — porque não me parece nenhum signal, senhora, de parirdes tão cedo. Deve ser isto do caminho, ou mudança da terra ». —

« Porém, era já menhan quasi: e a dor não amansava, antes se fazia maior, e começavam-lhe vir uns agastamentos e desmaios ao coração. A primeira vez que lhe isto veo, supportou-o ella, e a outra vez tambem; mas, quando veo a terceira, em tamanho crescimento lhe veiu, que lhe tolheu a fala, um pouco.

« Tornando ella em si, olhou pera sua irman, dizendo-lhe que já agora lhe pesára de o não chamarem. E, porque nisto se começou a sentir melhor, tornou asinha escontra sua irman, que já ia pera o chamar, dizendo:

— « Mas não no chameis, que paresce que me acho melhor ». —

« Um pedaço grande esteve então Belisa desagastada. E, porque uma rica camisa que tinha vestida, estava maltratada dos remedios que sobre o coração lhe punham, escontra as mulheres disse:

— « Vistam-me a mim outra camisa, que, se morrer, não vá sequer assi ». —

« A senhora Aonia se poz a chorar, com estas palavras, e, olhando pera ella Belisa, lhe vieram as lagrimas aos olhos; e, querendo-lhe dizer alguma cousa, a dor não a deixou, que então começou mais apertadamente que d'antes.

« Aquella dona honrada, que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom er-

guerem-na de todo; e, querendo-a sua irman tomar per um cabo, se virou Belisa a ella, dizendo-lhe:

— « Não sei que ha de ser isto ». —

« Mas tamanhos foram os agastamentos, e tão apressados, que não houve ahi accordo pera a erguerem de todo, e ficou como assentada; e, emfim, foi assi a desaventura, que em breve espaço a poz no extremo da morte. E, já [1] a ella lhe ia fallecendo a fala, levantando os olhos pera sua irman, como forçadamente disse:

— « Chamem-no; chamem-no ». —

« Foi a senhora Aonia, rijo chorando, chamar Lamentor, que no mais alto somno dormia, dizendo-lhe:

— « Accordae, senhor; accordae; que vos levam Belisa ». —

« Ergueu-se apressadamente Lamentor, le-

[1] *E que já*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *E já*, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

vando a mão a um traçado, que apar da cabeceira tinha; mas, vendo chorar todos derrador da cama de Aonia, e Belisa, a que tinham erguida té os peitos, como passada d'este mundo, — abraçando-a se chegou pera ella, dizendo:

— « Que cousa foi esta, senhora? » —

« E as lagrimas lhe enchiam, com estas palavras, todo o rosto seu e d'ella.

« Levantou então Belisa cançadamente uma mão, com a manga da camisa tomada, pera lhe alimpar os olhos; mas, não seguindo ella já a vontade, se lhe deixou tornar a cahir pera baixo. E ella, pondo os olhos fitos nelle, no mais [1] disse pera sempre. E d'ahi, os foi cerrando vagarosamente, como que lhe pesava d'o deixar assi.

« Lamentor, que isto não poude ver, cahiu d'outro cabo, como morto, e assi esteve um gran pedaço.

---

[1] *No*, em vez de *nom* (actualmente, *não*).

« Neste meio tempo, ouviu a dona honrada chorar uma creança na cama; e, cuidando o que era, attentou, e achou uma menina nada, que chorava muito. E, tomando-a então nos braços com os olhos não enxutos, disse assi:

— « Oh! coitadinha de vós, menina, que chorando vossa mãe nasceis! Como vos crearei a vós, filha extrangeira, em terras extranhas? Mal vá ao dia que assi sahimos do mar, pera passar toda a tormenta na terra! » —

« Mas, como sábia que era [1], ordenou d'a curar, tomando o negocio todo sobre si; que Lamentor, e a irman, bem via que outro mór carrego tinham. E assi, mandou o que se havia de fazer, e proveu sobre tudo ».

1 *Mas como sabia o que era,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Mas como sabia que era, — na ed. de 1559.

CAPITULO IX

DO PRANTO QUE AONIA FEZ, PELA MORTE DE SUA IRMAN BELISA

A SENHORA Aonia, lembrando-lhe do que vira fazer á dona viuva, sobre o corpo de seu morto irmão, que o devido costume ao tempo do lucto lhe parescia então, posto que em sua terra se não usasse, — pondo-se sobre o corpo de sua irman, rasgando os toucados dos seus fermosos cabellos, que longos eram a maravilha, a cobriu toda, e tambem Lamentor, que ella tambem cuidou que era fallecido;

que, pelo grande bem que elle queria a sua irman, leve lhe foi isto de crer, vendo-o da maneira que via.

«Depois de muito cançada, em alta e dorida voz começou por estas palavras:

— «Triste de mim, donzella de pouco tempo, desemparada em terra alhea, sem parente, e sem ninguem, e sem prazer! Como vós, senhora irman, me podestes deixar só, tão longe e em tal logar?!... Pera vos tirar a saudade, me dezieis vós que vinha eu cá: e vós... pera m'a dar a mim vinheis! Malaventurada de mim!... Pera outras fadas cuidava eu que me creava a mim minha mãe; e ella foi a enganada, e eu, a que hei de pagar agora o engano!... Que sem-rezão tamanha, senhor cavalleiro, me é feita deante vós; e, de quantas donzellas de vós foram já emparadas, eu só estava pera o não ser! Coitada de mim, que farei? onde me irei?...» —

«E assi, se lançou sobre o corpo de sua

irman. Mas, ao mentar[1] do cavalleiro que ella fez, Lamentor a ouviu, como per sonhos; e, tornando em si, que viu deante tantas maguas, ficou sem fala um pouco; e, vendo logo como se matava toda a senhora Aonia, esforçou-se pera ir a ajudar que tão cruelmente se não matasse, dizendo:

— « Esforçae, senhora! Pois a Fortuna quiz que um tão desconsolado vos console ». —

« E foi-a a erguer; e, querendo-lhe falar, lhe fallesceu a fala.

« Alli, houveram ambos mui triste pranto; e antre si se deziam, um ao outro, palavras de muita magua, começadas pela dor, rotas pelo pranto. E era já menhan crara. E acertou assi que, aquella hora, chegava um cavalleiro á ponte, e vinha de longes terras buscar aquella aventura, per mandado d'uma senhora que lhe queria bem a elle: mas elle, a ella, devia-lhe mais do que lhe queria.

[1] Memorar, mencionar.

« Não achando ninguem na ponte, e ouvindo perto d'alli tão gran pranto, paresceu-lhe algum mysterio, ou cousa alguma de dor. Deu a andar pera onde era: e, vendo uma rica tenda, e ouvindo muita gente, dentro e fóra, chorando, — perguntou a um servidor que topou, que cousa era aquella: e elle lh'o contou.

« E, apeando-se elle então, mandando primeiro deante ao escudeiro de Lamentor, muito mesurada e humilmente entrou após elle.

« E, entrando, que viu a senhora Aonia, que em grande extremo era fermosa, soltos os seus longos cabellos que toda a cobriam, e parte d'elles molhados em lagrimas, que o seu rosto per alguma parte descobriam, — foi logo trespassado do amor d'ella, sem haver quem, por parte d'outrem, fizesse defesa alguma: que, como o amor viesse juntamente com a piadade, parescia que vinha ella só [1];

[1] *Que vinha elle só*, — nas ed. de 1557-8 e 1645.

mas, tanto que se descobriu, eram já conhescidas tantas rezões, por parte da senhora Aonia, que não tão sómente lhe esqueceu a outra, mas não lhe lembrou mais, senão pera lhe pesar do tempo, que gastára em seu serviço.

« D'esta maneira foi elle preso do amor da senhora Aonia; e, depois, veo morrer por ella.

« Este foi um dos dous amigos de que é a nossa historia: e, por isto, soía meu pae dizer, que tornára o amor d'este cavalleiro a morrer, na paixão onde se alevantára.

« Mas, pera isto, seu tempo lhe virá ».

Que vinha só, — nas ed. de 1785 e 1852.

Que vinha ella só, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO X

DE COMO NARBINDEL, VINDO-SE COMBATER
COM O CAVALLEIRO DA PONTE,
VENDO O PRANTO QUE SE FAZIA NA TENDA DE LAMENTOR,
ENTROU DENTRO A O CONSOLAR

«DITO era já a Lamentor de como o cavalleiro entrára; mas elle não no viu, senão quando já o achou apar de si, dizendo-lhe palavras de consolação.

«Lamentor as recebeu d'elle o melhor que poude, — mais por lhe não dar causa de se deter muito, que por estar pera isso. Mas, depois d'estarem um pouco, vendo Lamen-

tor como elle não fazia menção de se ir, forçadamente lhe disse:

— « Senhor cavalleiro, a vossa visitação vos tenho em mercê. Prazerá a Deus que em outra mais alegre vol-a pague! Nós vimos de caminho, como sabereis. As pousadas não são móres do que vêdes: — não ha 'hi outra casa senão esta, pera a tristeza e pera nós. Devieis-vos, senhor, ir pera onde ieis. Não tomareis, ao menos, parte de tanto nojo, porque as maguas alheas tambem doem a quem as vê. Perdoae-me, que não tenho agora outra cousa em que vos sirva vossa boa vontade ». —

« O cavalleiro, passando os olhos pela senhora Aonia: [1]

---

[1] *O cavalleiro, passando, poz os olhos na senhora Aonia,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

O cavalleiro, passando os olhos pela senhora Aonia, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

— « Eu não tenho d'onde ir d'aqui » — lhe disse.

« E, parece que lembrando-lhe que a havia de deixar, cahiram-lhe umas ralas lagrimas pelos peitos.

« Mas, como elle visse que alli não tinham mais d'aquella tenda e outra pequena, bem lhe pareceu que não podia caber naquelle tempo, alli, gente extrangeira, — ainda que elle, no seu coração, já o não era, — e erguendo-se então, seguiu sua fala, dizendo:

— « D'este nojo, senhor, não me póde a mim já caber pequena parte, por onde quer que vá. De boamente vol-o ajudára a passar; mas, emfim, vós, senhor, cavalleiro sois: e mais, pois vindes de longe terra (como soube de um servidor vosso) não deve ser este o primeiro que tendes visto; porque, nas suas mesmas terras, os que nunca se mudam d'ellas, não se podem excusar d'haver nojo cada dia, e cada hora do dia ». —

« E, dizendo-lhe mais que visse o que lhe

mandava, se despediu d'elle [1] com os olhos postos na senhora Aonia, e assi foi um pouquichinho, que a tenda não lhe deu mais logar; mas, quando se houve de virar todo, com muita dor sua os arrancou d'alli.

«Assi se sahiu da tenda, e assi o leixaremos pera seu tempo».

[1] *E despedido d'elle,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Se despediu d'elle, — na ed. de 1559.

Se espediu d'elle, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XI

DE COMO SE DEU SEPULTURA AO CORPO DE BELISA, E DO PRANTO QUE COM ELLE FEZ LAMENTOR

((LAMENTOR se tornou a seu pranto, que muita causa tinha elle par' elle. Mas, estando elle e a irman assi, per um grande espaço de tempo, que ia já o sol contra o meio-dia, a dona honrada (que ama se chamou depois, pela creação da menina), como era já de dias, era de muito saber; e, chegando-se pera onde ambos estavam no seu pranto:

— « Senhores, — começou a dizer, — pera

o pranto, muito tempo nos ficará; que a desaventura paresce que é nesta terra como na nossa. Leixae as lagrimas, que não é agora tempo pera vós, senhor, não parecerdes cavalleiro, nem vós, senhora, pera parecerdes tanto mulher. Lembre-vos que a tristeza é de todos: que tamanho mal foi o nosso, que não tão somente o hemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns com outros! E, pois temos a dor pera sempre, doamo-nos, sequer, como de nós que ficámos vivos. A sepultura é devida aos mortos: hão-se de fazer as cousas necessarias. Olhae que é o derradeiro dom da vida.

« Termos o corpo da senhora Belisa mais sobre a terra, parecêra fazermos-lhe força no mais pouco de sua partida; e pela ventura se deve ella anojar negarmos-lhe o seu, quando não nos ha de pedir mas, em outra cousa! » —

« Acabadas estas palavras, que não foram ditas sem muita dor de todos, tomou ella á

senhora Aonia como sobraçada, e a levou pera a tenda pequena, que chegada a aquella estava; e, d'hi, tornou por Lamentor, e tambem o ajudou a ir pera lá. E, depois, entendeu em concertar o necessario.

« Mas Lamentor não quiz que levassem o corpo de Belisa pera outra parte, antes mandou que alli, onde fallescêra, fosse a sua sepultura; porque logo assentára em sua vontade de núnca mais, emquanto vivesse, se mudar d'aquelle logar. E assi o fez.

« E, porque nos reinos d'onde elles vinham se costumava, antes que mandassem os corpos mortos á terra, virem todos os parentes a beijarem-nos nas faces e os familiares nos pés, e o parente mais chegado, por derradeiro de todos (paresce que faziam aquello como saudação, por que aquella transmigração fosse como em boa hora), — como tudo foi acabado, a ama veo chamar a Lamentor e á senhora Aonia, que foi rijo lançar-se sobre as faces de sua irman, e, bei-

jando-a muitas vezes, levantou a voz, dizendo:

— « Noutra terra, muitas tivereis vós que fizeram isto, mais que nesta! » —

« E, aqui, começou rasgar o seu fermoso rosto. E todos alevantaram um triste pranto, a maravilha. Cada um lembrava a sua dor, e assi a iam a beijar nos pés.

« Lamentor, a que mais doia, onde inda nunca outra cousa lhe doêra, depôis de muitos suspiros arrancados d'alma, olhando pera o que devia fazer, pelo costume, d'esta maneira disse:

— « Senhora Belisa, como vos hei de saudar, eu? Por mim, leixastes vós vossa mãe, e vossa terra, e vossos amigos e parentes! Quem vos poude apartar de mim, em terras extranhas, pera me fazerdes tão triste? Não me querieis vós a mim tamanho bem? Como me deixastes só? Mas alguma desaventura me houve inveja, que o que me vós fazieis pera ser o mais ledo cavalleiro do mundo, pera

eu ser o mais anojado o fazieis vós... Malaventurado cavalleiro, que pera vós, senhora, estava ordenando [1] uma sepultura em terra alhea, e pera minha vida, duas! Mas a vossa terá o corpo; e a minha, vida e alma!... Não era mais rijo, senhora, o fio que nos a nós tinha ambos? Como o cortastes vós sem mim? Não vos lembrou que era eu o que vos não havia de ver mais?... Mas pedistes, senhora, — me disseram, — que vos levassem de apar de mim, por me não tirarem do repouso, e outrem tirava-m'o estando, a furto de vós! Não abastou a minha desaventura haver de ser a mais triste do mundo, mas ainda a maneira de como me veo o havia tambem de ser!...

---

[1] *Ordenado,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Ordenando, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

«Não me chamaram, senão pera vos não ver; e, ainda então, vos doestes de mim, que quizereis alimpar-me as lagrimas, e a minha desaventura não queria. Falleceu-vos a mão, como que vos leixava, sendo já senhora da vontade a morte, e, com os olhos derradeiros postos em mim, me fostes mostrando, que, com a alma, se vos ia claramente tambem a vontade. Mas devidos eram os meus annos a este vosso caminho; mas mais o era eu ás tristezas! E, pois fico pera ellas, melhor é ficar sem vós...» —

«E, com isto, compriu o costume.

«Mas a ama, que via não haver ahi outrem sobre quem carregasse o cuidado das honras derradeiras, senão a ella, arredando a Lamentor e á senhora Aonia, tomou uma rica toalha nas mãos, e, lançando-a por cima do rosto de Belisa:

— «Agora jamais, — disse, — vos compre olhar pera o ceu, onde ella bemaventuradamente está; que isto é terra. Quem a cho-

rar [1], pois já ella a leixou, paresce que errará ao bem que lhe quizer ». —

« Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dor presente consolar-se.

« Mas assi a enterraram.

« Leixemos aqui as cousas de Lamentor, — que foram muitas e extremadas que elle fez, pelo muito que a Belisa queria; porque, como este conto seja dos dous amigos, aggravo se lhe fará, ao muito que d'elles ha pera dizer, gastar-se noutrem parte alguma do tempo ».

[1] *Amar*, — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852.

Chorar, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XII

DO QUE SUCCEDEU AO CAVALLEIRO,
QUE SAHIU DA TENDA VENCIDO DO PARECER E FERMOSURA
DA SENHORA AONIA

«TORNO-VOS ao cavalleiro, que sahiu da tenda tão triste, que não poude alongar-se muito d'alli. E, apeando-se, assentou-se ao pé de um freixo que ácerca de aquelle ribeiro e da ponte estava; e, por cuidar mais á sua vontade, mandou ao seu escudeiro arredado d'alli, que desse de comer ao seu cavallo, ribeira d'aqueste rio; que logo se temeu de o elle ver assi, e cahir em alguma suspeita que

fosse contar a Cruelcia (que era aquella por quem viera alli, como ouvistes), porque muito lhe eram, todos os seus, affeiçoados; que, como ella quizesse a elle muito grande bem, a elles não se podia ter, que lh'o não mostrasse todo [1] em as obras; d'onde nascia irem-lhe elles a dizer e contar tudo o que elle passava. Assi que, o que ella [2] fazia por bem, lhe sahia ás vezes em mal, — que, pera camanho bem lhe ella queria, não podia leixar de ouvir, pelo tempo, cousas que a maguassem; nem tambem elle não as podia deixar de fazer, pelo pouco que lhe queria, — como, de feito, assi, por derradeiro, lhe foi isto causa, a ella, de triste fim.

«Mas, assentado o cavalleiro ao pé do

---

[1] *Tudo,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Todo,* — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *Elle,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Ella,* — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

freixo, esteve per longo espaço revolvendo muitas cousas na phantesia. E, quando se lembrava do que a Cruelcia devia, parecia-lhe sem-rezão deixál-a. Per outra parte, lembrando-se de quão bem lhe parescêra Aonia, parescia-lhe desamor não lhe querer bem.

« Tinham-no assi entre ambas, fermosura e obrigação, a ver quem o levaria; mas, por derradeiro, poude mais a [1] de mais perto.

« Soía dizer meu pae, que fôra vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de dereito o pago no amor; e vencêra a fermosura, como quem de só o amor se pagava ».

[1] *O*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
A, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XIII

EM QUE SE DIZ QUEM FOSSE CRUELCIA, E DO QUE O CAVALLEIRO PASSOU COM SEU ESCUDEIRO

ERA Cruelcia uma de duas filhas a quem sua mãe mas que a si queria, e de boa fermosura. Mas obrigou tanto este cavalleiro, com cousas que fez por elle, que o endividou todo nas obras. Não lhe leixou nada, tão só pera que lhe devesse a fermosura.

«Paresce que lhe quiz tamanho bem, que não sufrio a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: — deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assi; mas não no namorou.

«Coitadas de as mulheres, que, porque vem que as namoram os homens com obras, cuidam que assi se devem elles tambem de namorar! E é muito pelo contrario, que, aos homens, namoram-nos desdens e presumpções. Após uma brandura de olhos, aspereza muita de obras.

«Isto, de seu natural lhes deve vir; porque são tão rijos, que paresce não terem em muito, senão o que trabalham muito.

«Nós outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa; porém, se elles comnosco entrassem a juizo, que rezão mostrariam per si? Cá o amor, que é, senão vontade? Ella não se dá nem se toma por força. Mas, como quer que seja, — ou pela desaventura das mulheres, ou pela ventura dos homens, — sentença é dada em contrairo: que, a elles, vençan-nos esquivanças; e boas obras, a ellas.

«Esta só maneira poderam ter pera os

namorarem [1], se não foram namoradas d'elles. Mas, ao amor, quem lhe porá lei? Porém, este desagradecimento dos homens (que é o seu nome verdadeiro) trouxe muitos desaventurados fins, como vereis neste cavalleiro em que falâmos.

« E não foram vãos os rogos que Cruelcia fez, com as mãos erguidas ao ceu, pedindo d'elle vingança. Comtudo, assentou elle, per derradeiro, de a leixar; porque, alem de lhe parecer a senhora Aonia a mais fermosa cousa que vira, paresceu-lhe tambem, que, por vir de longas terras, e ser naquella estrangeira, que mais asinha haveria seu amor.

« Esta esperança, — ainda que bem visse elle que era de longe, — comtudo, grande

---

[1] *Namorados*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Namorarem, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

ajuda foi então pera acabar de assentar e confirmar, ou de fazer muito grande, o bem que lhe queria; porque isto vai assi, como quando algum emparo tolhe o sol: — se o toma em cheo, é muito maior a sombra, que o emparo que a faz. Assi os que bem querem; porque as esperanças, por pequenas que sejam, tomam sempre em cheo, ou paresce que tomam, os estorvos que tolhem a cousa bemquista: — fazem o amor muito maior, do que ellas são; d'onde vem depois os cuidados, que, com morte ou longa tristeza, se possuem, como foi neste cavalleiro, que já não cuidava senão como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois de apartado, lhe não causasse suspeita alguma de aquelle logar, pera elle mais á sua vontade gosar d'elle.

« Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia elle, que havia de soffrer mal ver-lhe leixar Cruelcia; cá era da creação d'ella, e lh'o dera pera o acompanhar, e

nunca lhe al elle dizia, senão que a havia de tomar em matrimonio; porque era de alto sangue, e herdava terras onde podia repousar os derradeiros dias da vida, que não leixam tomar armas com honra.

« Mas, emfim, cuidando o que determinou, o chamou, e, fazendo-lhe um arrezoamento largo, antre outras cousas lhe disse, que lhe não parescia bem ser elle mesmo o que levasse á senhora Cruelcia a nova d(a) aventura que não achára, vindo por amor d'ella; mas que seria bem levar-lh'a elle, e dizer-lhe que, de sua mofina, quizera elle mesmo que fosse outrem o portador; que, pera ella, não podia elle ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castello, que perto d'alli estava, té tornar a trazer-lhe recado se queria ella pôl-o noutra aventura, pois aquella assi se não podéra acabar ».

CAPITULO XIV

DE COMO, PARTIDO O ESCUDEIRO DO CAVALLEIRO DA TENDA, ENTROU EN PENSAMENTOS DE COMO SE APARTARIA D'ELLE, E MUDARIA O NOME

PARTINDO-SE o escudeiro com o recado, — enganado elle, e pera quem o levava, — ficou o cavalleiro só, e começou a entrar en pensamentos de que maneira mudaria o nome, pera que não fosse sabido onde estava, nem se podesse saber pera onde ia; que tanto se senhoreou, naquelle pouco tempo, o amor, d'elle, que a si mesmo queria já, em parte, leixar.

« Mas, lembrando-lhe, nisto, que noutro tempo lhe dissera um adivinhador, que, quando elle mudasse a vida e o nome, seria pera sempre triste, ficou, um pouco, mais cuidoso; mas, tornando logo fazer menos conta d'aquellas cousas, como incertas, e, comtudo, não querendo ir de todo contra ellas, por outras muitas que tinha ouvidas, — cuidou em trocá' las lettras de seu nome. De maneira que, assi, o não mudaria, nem tentaria os fados. Mas elle não viu que isto era engano tambem dos fados.

« Estando elle assi, neste pensamento, acertou-se acaso que um matteiro vinha do matto, polo caminho que ia ter á ponte; e vinha encima de sua besta, como deitado, e mal coberto com um enxalmo. E paresce que, andando elle despido cortando a lenha, ateára-se algum fogo perto do seu vestido, e queimára-lh'o; e então o matteiro, por lhe querer acudir, descuidára-se de si, e o fogo fizera-lhe algum nojo, por partes de seu corpo.

« E, dereito do cavalleiro, topou com outro matteiro, que pera o matto ia, que lhe perguntou, vendo-o vir assi sem lenha, que pera que fôra ao matto; respondendo-lhe o matteiro queimado, falando-lhe gallego, estas sós palavras:

— « *Bin arder* ». — [1]

---

[1] Esta passagem, transcrevi-a da ed. de 1559 (substituindo apenas *Bimarder*, por *Bin arder*), porque, na de 1557-8, está truncada: — « . . . *outro matteiro que pera o matto ia, que lhe perguntou: Queimado? Falando-lhe gallego, respondio estas sós palavras:* Bimnarder ».

O ms. da *R. Ac. de la H.* só diverge da ed. de 1559 em ter *falou* e *respondeu*, em logar de *falando* e *respondendo*.

A phrase *Bin arder*, está assim escripta nas diversas ed.: — *Bimnarder*, nas de 1557-8, 1645 e 1785; *Bimarder*, na de 1559; e *Bim' n'arder*, na de 1852. O ms. da *R. Ac. de la H.* tem *Bimmarder*.

A phrase gallega, e, ao mesmo tempo, anagramma de *Narbinder* e de *Bernardim* é — « *Vin* (na pronuncia, *bin*) *arder.* » O nome pelo qual o cavalleiro trocou o

« Olhou o cavalleiro pelo barbarismo das lettras mudadas na pronunciação de *B* por *V* e *M* por *N*[1], e paresceu-lhe mysterio, porque elle era aquelle que tambem se fôra arder, e quiz-se chamar assi, d'alli ávante ».

seu, escrevo-o como na ed. de 1557-8 *(Bimnarder)*, empregando o *m* com o valor de *til*.

[1] R *por* M, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Na ed. de 1559 está apenas — « ... de *b* por *v*... »

CAPITULO XV

DE COMO BIMNARDER SOUBE DE UM SERVIDOR DE LAMENTOR, COMO ORDENAVA FAZER ALLI UNS PAÇOS; E DO MAIS QUE LHE ACONTECEU, COM A SOMBRA QUE LHE APPARESCEU

((ÃO passou muito, que por aquelle logar não veo um dos servidores de Lamentor, que atravessava pera o castello. Quando Bimnarder soube d'elle, como Lamentor tinha ordenado fazer alli uns paços grandes, e morar nelles toda sua vida, algum repouso mais deu isto a Bimnarder; que, d'antes, a pouca certeza que tinha, da estada de Aonia naquella terra, lhe

dava grande fadiga ao pensamento. Mas, afrouxado da parte d'este cuidado, entrou noutro, do que faria de si, e pera onde se iria; no qual esteve té noite, sem poder assentar nada comsigo. Cá ir-se, d'ahi pera outra parte, lhe era já grave; ficar... parescia-lhe impossivel cousa poder-se esconder de seu escudeiro.

«Combatido assi de uma cousa e d'outra (ainda porém sem determinação nenhuma) ergueu-se, como forçado da noite, mais que da vontade. Buscando seu cavallo onde o deixára o escudeiro, não no achou.

«Tornando-se então pera o freixo onde d'antes estivera, pera d'alli olhar se fôra bever a este rio, mas não o vendo, nem sentindo em nenhum cabo, — encostou-se então assi ao freixo, cuidando, á primeira, no cavallo. Mas não tardou, que logo não tornasse ao seu verdadeiro cuidado, imaginando, — parece, — a senhora Aonia na phantesia, afegurando vel-a da maneira que a vira. E,

de piedade amorosa, lhe estavam vindo as lagrimas aos olhos.

« Estando elle assi, todo occupado d'aquella doce tristeza, sentiu como alguem apar de si. Olhando, com o luar que então fazia, viu uma sombra de homem, de estatura desproporcionada (de nosso costume), estar perto d'elle.

« A supita novidade o commoveu (a) alteração; mas, como esforçado, que era, lançando mão a sua espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era; e, vendo que, comtudo, se calava, se pôz em se mover pera elle, já com a espada arrancada, dizendo:

— « Ou me dirás quem eres, ou o saberei eu ». —

— « Está quedo, Bimnarder, — (chamando-o assi por seu nome), lhe disse a sombra, — que inda agora foste vencido de uma donzella chorando ». —

« Deteve Bimnarder o passo, espantado

d'aquello, que inda então cuidava elle que o não sabia ninguem; mas, tornando logo a querer-lhe perguntar de d'onde o sabia, a mea palavra olhou, e viu aquella sombra que, virando-se pera umas moutas grandes, que 'hi cêrca estavam, se ia mettendo per antre ellas, pouco a pouco.

«E assi se encobriu, e desappareceu».

CAPITULO XVI

DE COMO, ESTANDO BIMNARDER MUITO CUIDOSO NO QUE FARIA, VIU DE SUPITO VIR O SEU CAVALLO FUGINDO D'UNS LOBOS QUE O QUERIAM MATAR

FICANDO Bimnarder com o pensamento cheo do que aquello seria, começou de ouvir um estrondo grande, que vinha pelo matto escontra onde elle estava.

E, inda o não ouvia, quando, correndo por ante si, viu passar o seu cavallo, e uns lobos após elle; e após elles, de longe, vinham correndo uns cães, com grande gasnada. E, ao saltar d'este ribeiro, cahiu nelle

o cavallo; e, chegando os lobos, começaram a ferrál-o por todas partes, de maneira que, comquão prestemente Bimnarder acudiu, já elle era morto.

« E não tardou nada, que uns pastores que, perto d'alli, tinham a malhada do seu gado, ao filar dos cães, vieram alli ter, afegurando-se-lhes ser morta alguma rêz; e, achando Bimnarder assi agastado, começaram-no a querer consolar, com palavras e modos rusticos, offerescendo-lhe pousada por aquella noite.

« Acceitou elle, ainda que não desejava então companhia; mas pelas horas o fez, e tambem porque logo cuidou que, como os pastores fossem no seu fato, não lhe haviam mais de tolher o tempo ao cuidar, — que, pera elles, não se fizera a noite senão pera dormir.

« Foram assi ao fato de uma grande manada de vaccas, que todas estavam alevantadas, com o alvoroço dos cães, e medo dos

lobos, mettendo-se os pastores e Bimnarder por antre ellas, que lhe iam fazendo logar, e escornando umas as outras.

« E assi, sahindo d'antr' ellas, estava uma fogueira grande, apar de uma choupana de seves cortiçada por cima. E junto d'outra, ao fogo, jazia deitado, sobre rama verde espalhada, um pastor já de todo branco, que maioral era do fato; e tinha sua cabeça sobre um tronco de madeira encostada, e uns rafeiros ainda pequenos lançados, parte, por cima do velho pastor; outros, com as cabeças grandes sós extendidas sobre elle.

« E, em os pastores chegando, ergueu elle a cabeça um pouco, e, como homem que era avisado em semelhantes casos, descançadamente começou a perguntar pelo que passava. Contando-lhe elles que não era nenhuma rêz morta, tambem lhe contaram do cavalleiro que traziam.

« Ergueu-se elle então assentado, e, fazendo-lhe logar na rama de sua cama, lhe ro-

gou que se fosse assentar. E assentado Bimnarder, e assentados todos darredor d'aquella fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder, que lhe contasse como aquelle desastre lhe acontecêra.

« Contou-lh'o elle brevemente, por lhe satisfazer: — como, andando o seu cavallo pascendo, vieram aquelles lobos, e mataram-lh'o, primeiro que lhe podesse valer. Ao que, começou, com uma fala retumbada, falar o pastor, como que o queria consolar em aquella mofina, dizendo:

— « Os desastres que acontescem com as alimarias feras, neste valle, é cousa espantosa; e, pera quem o souber, mais leves de soffrer (se a companhia em isto dá consolação); que a mea noite de inverno, escura, sendo eu mais mancebo que agora, deante os meus olhos me tomaram a minha vacca bragada, — mãe dest'outras bragadas, que tenho inda agora, — e mataram-na. Pois tinha eu então apar de mim o rafeiro malhado, e

a rafeira branca sua mãe, armados os pescoços ambos, que nunca me achei com elles em logar tão ermo, nem noite tão fazendeira [1], que não estivesse seguro, como na metade do dia. Mas, então, pouco aproveitavam elles a mim, que bradava a coitada da vacca, e bramia tão doridamente, que, em breve espaço, ajuntou quanto gado tinha, que estava, a-la-fé, bom pedaço d'alli. E já me aqui, d'onde agora estou, vieram, no claro dia, matar quantos bezerrinhos tinha, que inda não eram pera andarem com as mães ». —

— « Pois porque estás logo aqui, pastor honrado? » — lhe disse Bimnarder.

— « Nunca vistes al [2], — lhe disse o pas-

---

1 Trabalhosa.

2 *Tal*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Al, — na ed. de 1559.

tor. Não ha o haver, senão onde ha o perder. A terra é abastada de pastos, e, assi como cria o bom, cria o mau; e já ouvi dizer a um grande homem, que era dado ás cousas do outro mundo, falando na povoação d'esta terra (que, ainda que a vêdes assi por partes mettida a matto, é de pastores em muita maneira povoada), que esto era uma das maravilhas da natureza: — de uma terra mesma, nacerem duas, tão contrairas uma da outra. E que isto não era só nas alimarias, mas nos homens; que não ha maus, senão onde ha os bons, e não ha ladrões, senão onde ha que furtar. Mas, quanto eu, não sei qual é peior pera nós outros, pastores: — na terra que é de pouca ervagem, peresce-nos o gado á fome; e, cá nest'outra, matam-nol-o. Assi, que em toda parte nos vai mal. Mas nós outros somos, emfim, como dizem que são todos os outros homens (lá vós, senhor cavalleiro, o sabereis): — podemos melhor soffrer o mal que nos faz ou-

trem, que o que nós fazemos a nós outros mesmos. Os damnos da terra fraca, porque é em nosso poder sahirmo-nos d'ella, não nos podemos soffrer; os da outra, que não é em nós vedarmol-os, soffremol-os como podemos. Assi tambem digo eu, senhor cavalleiro, no vosso caso: — não esteis agastado; descançae, e tornae tudo á culpa da terra ». —

« Estas palavras a Bimnarder paresceram bem; e, se não fôra porque era contar o [1] pastor a verdade de sua vida, cuidára elle que não eram, estas, palavras de pastor. Mas o que cada um passa, ligeiramente o sabe bem contar; e, por isso, não lhe tornou resposta, mais, que umas palavras em signal d'agradescimento d'aquelle bom conforto, fa-

[1] *Ao pastor,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Do pastor, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

O pastor, — na ed. de 1559.

zendo menção de querer repousar; o que vendo o velho pastor, mandou a todos que se calassem, e que dormissem. E foi feito assi.

«E começaram em breve espaço os pastores a roncar, estirando seus rusticos membros, uns pera cá, outros pera lá, como ao somno aprazia. Só Bimnarder não podia repousar, tendo no seu coração a quem elle não doia; e, quando a todos a escura claridade das estrellas amoestava somno, d'elle o tinham desterrado os seus cuidados. Antes, com os olhos postos pera aquella parte d'onde viera (segundo parescia, com o corpo só), á senhora Aonia, ausente, elle a ouvia chorar.

«E em a longa noite esteve assi, até que aquelle cançado corpo adormeceu aquella parte dos sentidos sobre que tinha algum poder. Sonhos e phantesias occuparam a outra.

«Mas, depois de um pouco somno, accor-

dou elle, todo banhado em lagrimas, que sonhava, chorando, que o levava d'alli, por força, a sombra que vira d'antes; e, correndo-lhe, per isto, muitas cousas pelo pensamento, assentou comsigo de se não ir d'aquella terra, té vèr o que podia ser d'elle, naquelle cuidado que o assi tomára, e assi o seguia. D'esta maneira, cuidava elle que não iria contra aquello que porventura lhe adivinhava o sonho, se o fizesse.

« Tamanho desejo tinha de se não ir nunca d'alli, que tudo lhe parecia que lh'o amoestava; e, de muitas maneiras que cuidou, nesta assentou, por derradeiro: — despedir-se cedo d'aquelle velho maioral, e ir-se a algum logar perto d'alli, onde mudasse os trajos, e tornasse (a) assentar [1] vivenda com

[1] *Aceptar*, — na ed. de 1557-8.
Aceitar, — no ms. da *R. Ac. de la H.*
Assentar, — nas ed. de 1645, 1785 e 1852.

elle, que grande fato lhe parecia que trazia. E, ainda que muitos mancebos lhe visse, a pouquidade da soldada lhe faria que lhe não fosse sobejo qualquer pastor.

« E assi o fez ».

CAPITULO XVII

DE COMO BIMNARDER ASSENTOU VIVENDA
COM O MAIORAL DO GADO,
E DO QUE A DONZELLA PASSOU COM A DONA,
EM SUA HISTORIA

«Eis Bimnarder pastor de vaccas, — que não houve 'hi nada impossivel ao amor grande.

«Muito tempo passou elle naquella vida, com maus dias e peiores noites; porque Lamentor, no começo logo de seu assentamento, mandou fazer primeiro umas casas pera recolhimento, no mais, e a muita gente que era vinda pera as obras, pela negociação grande que tinha a casa,

e grande pressa [1] que Lamentor dava a ellas,—tolhia a sahida das mulheres; per onde, Aonia não paresceu um grande tempo, pera Bimnarder, ao menos, levar aquelle contentamento que vista dos olhos dá, a aquelles que do mais carecem.

«Conheciam-no porém já todos os de casa, e chamavam-lhe *o pastor da frauta;* porque elle acostumava trazêl-a sempre, cá pera remedio de sua dor a escolhêra, depois de se desconhecer.

«Tambem assi muitas vezes, hora pela ribeira d'este rio, e, outras horas, por aquestas altas assomadas,—que fazem, como vêdes, mais gracioso este valle,—andava tangendo, em palavras pastoris; cá este só contenta-

[1] *A causa da grande pressa,*—nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

A casa, e grande pressa,—nas ed. de 1559.

E a causa da grão pressa,—no ms. da *R. Ac. de la H.*

mento lhe era algum conforto pera o seu mal, e pera desabafar o seu coração, que tão occupado de profundos e muito penosos pensamentos trazia.

« Muitas cousas sabia meu pae suas, que arremedavam pastor, e tinham as cousas de alto engenho, ou, mais verdadeiramente, de alta dor, postas e semeadas tão docemente, por outras palavras rusticas, que, quem bem olhasse, ligeiramente entenderia como foram feitas.

« E, assi, tinha mais outra cousa, a meu fraco juizo e parescer: — que o bom pastor, naquella baixeza de estylo, pela impressão da presumpção que punha, e de si mostrava, commovia mais asinha a haver d'elle compaixão, todas as pessoas que o ouviam, — tanto póde a imaginação em todas las cousas!

« Mas, de todas, uma só me vem á memoria, e lembra que dezia meu pae que elle cantára, e ouvíra-lh'a (a) ama da menina.

«Por certo, paresce que assi o ordenou a ventura, pera que Aonia fosse sabedor de seu cuidado, já quando elle de todo andava desesperado; e, não se podendo d'alli apartar, ordenava andando desvairadas cousas de si, que desvairadamente o atormentavam.

«Tambem, porque tudo fosse como compria á desaventura que estava ordenada, aconteceu-se que a velha ama era natural d'esta terra, e noutro tempo, quando era moça, paresce um mercador muito rico e gentil homem (que viera d'aquellas partes d'onde Lamentor) por azos de vizinhança houvera o seu amor; e, com dadivas grandes e promessas maiores, a levára de sua terra, de casa de seu pae, que a tinha muito estimada e guardada, — mais ainda do que a seu estado convinha; mas tudo, pola sua fermosura d'ella, era bem empregado.

«Era ensinada a livros de historias, pelo

que, era já entonces sabida, e depois, quando velha, o foi muito mais.

« E dizem que, chegando ambos á terra do mercador, per grandes desaventuras o veo ella a perder, ainda quando moça e fermosa; mas, ficando assi em terras extranhas, e movida de compaixão a mãe de Belisa, a recolhêra pera sua casa, d'onde ainda lhe estava ordenado est'outro desterro pera sua terra.

« E de como a levou elle, e o ella perdeu, se conta um grande conto. Leixál-o-hei agora, porque tenho outro caminho tomado, inda que, lá antre os homens, todos os contos vão ter a fim de mulheres; mas, pois morais nesta terra, outra hora nos veremos, e contar-vol-o-hei então, se pola ventura vos ficar desejos de ouvil-o. »

— « Ainda, senhora, — me não pude eu ter que lhe não dissesse, — qu'eu tinha já posto em minha vontade de nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter, — que tanto po-

dem as cousas vossas commigo; e mais, pois é conto de mulher, não póde leixar de ser triste; e d'esta maneira, tambem, em parte, não irei contra meu proposito; porque, desejando de ouvir tristezas, não se póde verdadeiramente chamar desejo, que só o desejo deve vir d'aquello com que se haja de folgar. E, se tambem acontesce o contrairo, será porque tambem o desejo engana muitas vezes, como todo' los outros sentidos». —

— «Nós outras, tristes, — me tornou ella então, — chamaremos logo a este desejo nojo [1]; porque não se deve de espantar ninguem ver mudadas as palavras, ou o entendimento d'ellas, nas pessoas em que se mudaram tambem muitas outras cousas, que

---

1 *Nosso*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
Noso, — no ms. da *R. Ac. de la H.*
Nojo, — na ed. de 1559.

não dissera, nem cuidára ninguem, que se podiam mudar. E tambem, filha senhora, ainda que me vós vejais assi, já em edade que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais, que de haver tudo por nada, julgar o presente pelo passado, e, emfim, estimál-o assi [1], — comtudo, tamanhas foram as causas que me fizeram triste, que o soffrimento d'ellas, em longo tempo [2], não me

[1] Na ed. de 1557-8: — « ... *julgae o presente pelo passado, e, emfim, estimdl-o-heis, senhora, assi.* »

Na de 1559, como na actual.

Nas de 1645, 1785 e 1852, como na de 1557-8, mas com o futuro na primeira pessoa do singular.

No ms. da *R. Ac. de la H.*, como na ed. de 1559, sendo, porém, o infinito *julgar* precedido da conjuncção *e*.

[2] *E o longo tempo*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Em longo tempo, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

fez sentil-as menos. Cuidando nisto, muitas vezes digo eu que não póde ser, senão que — quando a fortuna ordenou anojar-me — pera que a vida não sobejasse á dor, as compassou, paresce, ambas assi, que não fosse, uma, mór que a outra; e venho entender [1] nisto, que não se accrecenta mais a minha dor, que a vida. E perdoae-me ir-vos assi saltar em falar em mim, tendo ainda por comprir o que vos prometti; que a sua dor traz a cada um. Assi tambem os meus feitos: — indo pera fazer uma cousa, faço outra. E a mim, muitas vezes, d'esta maneira, me são eu mesma em vergonha ». —

— « Não podeis vós já, senhora, fazer cousa ante mim, que haja mister perdão de

---

1 *Vou ho entender,* — na ed. de 1557-8.
Vou entender, — na ed. de 1559.
Venho entender, — no ms. da *R. Ac. de la H.*
Vou a entender, — nas ed. de 1645, 1785 e 1852.

mim; antes, quanto mais vossas cousas olho, me vai parescendo que não viestes aqui, senão pera vos eu ouvir; que, até agora, me sohia eu andar espantando de mim commigo, como podia durar tanto uma dor, depois d'acabada a causa d'ella, e como a não gastava o tempo, como as outras cousas todas, que nelle ha. E, porque eu não via isto na minha magua, tornava dando a culpa d'isto a outrem, porque, pela ventura, me era forçado tornar a dar a mim maior pena... Ou que digo eu, pela ventura?...» —

« E, aqui, indo eu pera dizer outra cousa mais, se me poz deante o pouco conhecimento d'antre nós ambas, e calei-me, assi como que me não quizera calar. Ella, docemente dissimulando, pela ventura, — segundo no fim de sua fala pareceu, — seguiu dizendo:

— « Das culpas que alguem dá a quem bem quer, sempre lhe ficam as penas d'ellas; e traz rezão, que não vos quereria eu

a vós bem, se vos eu o peior desse: mas, antes, me espanto ainda de, quem quer bem, como póde culpar a quem o quer; senão que, — torno a dizer eu, — que podem fazer isto, pola pena que lhes fica; que a ella tomam elles, como por vingança da força que se fazem, nisto, a si mesmos. Tambem, senhora, fui moça; como vós, culpei já alguem contra minha vontade. Causa de grandes nojos me foi muitas vezes, não me poder eu excusar, a mim mesma, só de culpar outrem. Foram desvairos de amor. Ha isto nelle, como ha outras sem-rezões infindas, soffridas como elle quiz, — que té neste nosso soffrimento, poz tambem cousas, que se não soffrem, senão pela ventura ». —

« E, a esta palavra, tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não me entendia, pois lh'o eu queria encobrir. E a mim, que me paresceu mau ensino, a uma senhora, dona e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, — pois

lh'as já d'antes quizera significar, — disse eu entonces:

— « Cuidae de mim, senhora, o que quizerdes; que assi me paresce que sois anojada, qu'esta maneira é melhor que todas, pera saberdes a verdade de minha vida, em que toda longa querella é ». —

— « Fazeis bem, — me tornou ella, — que essa maneira é tambem a melhor pera vol-o eu não ousar de perguntar, que tão affeiçoada vos são já. E, pois ha de ser tão triste, não na quero antes ouvir. Por isso, tornemos ao conto. Elle acabado, farão de nós as nossas tristezas á vontade, que tambem se desejam contadas, como os prazeres. Mas, o conto, foi assi como agora dire ». —

*

CAPITULO XVIII

EM COMO A AMA DÁ REZÃO Á DONZELLA DA CANTIGA DE BIMNARDER

«DISSE (se vos lembra) que uma só cantiga me lembrava, que dezia meu pae que lhe ouvíra a ama; e foi d'esta maneira:

«Começava a cahir a calma; e havia pedaço que o pastor da frauta estava assentado á beira d'este ribeiro, sobre um torrão, olhando pera outra parte contraira, d'onde a ama acertou tamben acaso de vir. E estava tangendo mansosinho a frauta, antre si.

«Estando elle nisto, leixára-se vir um rebanho de vaccas, correndo, apressadas da

mosca. Passando por elle, se foram metter n'agua té os peitos; e, leixando elle então de tanger, ficou como cuidoso um pouco, porém, sem tirar a frauta d'onde a d'antes tinha, como trasportado.

« Olhou pera isto a ama, e quizera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecêra d'antes. Mas, estando pera lh'o dizer, começou elle então tocar a frauta docemente, de maneira que fez detença a ama. Parescendo-lhe cousa triste, e mais que de pastor, deu-se toda a ouvil-o, senão quando elle, depois de um pedaço grande, soltou a frauta, e começou assi:

« Pera todos houve 'hi remedio,
pera mim só não no houve ahi;
inda mal que o soube assi.

« Fogem as vaccas pera a agua,
quando a mosca as vai seguir;
eu só, triste em minha magua,
não tenho d'onde fugir.
D'aqui não me posso eu ir;
estar não me compre aqui,
que, o qu'eu quero, não no ha 'hi.

« Emmentes a calma dura,
tem esta fatiga o gado,
a menhan pasce em verdura,
a tarde, em o sêcco prado.
Dorme a noite sem cuidado;
cá tudo achou pera si.
Descanço, eu só o perdi.

« A mim, nem quando o sol sai,
nem depois que se vai pôr,
nem quando a calma mór cai,
não me deixa a minha dor.
Dor, e outra cousa mór,
comvosco hoje amanheci;
comvosco honte' anoutesci.

« Crendo que assi acabaria,
dei-me todo ao que padeço:
um dia leva outro dia,
por um mal, outro conheço.
Se o fim responde ao começo,
ai! quão mal, o que me provi,
que no começo o fim vi!

« Se nasci por meu mal ver,
e não por vel-o acabado,
melhor fôra não nascer,
que ver-me desesperado.
E, pois qu'este meu cuidado
me traz tão cego após si,
inda mal que o soube assi!

FIM

« Antre lagrimas e pranto,
naceu o meu pensamento;
creceu, em tão pouco, tanto,
que é mais alto que o tormento.
Passa o que passo [1] ao que sento;
mal faz quem m'esquece assi,
que após mim não ha outro mim. »

[1] *O que posso,* — na ed. de 1557-8, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

O que passo, — nas ed. de 1645, 1785, 1852 e 1886 (*Versos*).

Na ed. de 1559, é outro o verso: — « *pois não é cousa de vento* ».

CAPITULO XIX

DE COMO CONTA A AMA Á SENHORA AONIA O QUE VIRA FAZER AO PASTOR, ACABADA A CANTIGA

EM dizendo este derradeiro verso, paresce que não podendo elle já suster as suas lagrimas, calou-se, como estorvado d'ellas; e, entendendo-o [1] a ama polo soltar da frauta, e to-

---

[1] *Em que o entendeu,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

E entendeu, — na ed. de 1559.

E entendendo-o, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

mar d(a) aba pera alimpar-se, — a tamanha [1] paixão a commoveu, que não poude ter as suas, lá aonde estava, e sempre lhe falára, se não fôra que vinham chamál-a já de casa.

«Foi forçado alevantar-se ella, e foi-se, occupada toda a phantesia d'aquelle pastor, cá algum mysterio grande lhe parescen; e, como o que está ordenado de ser, logo traga azos comsigo, entrando a ama em casa, topando Aonia só, — a boa fé, sem mau engano, se poz a contar-lhe tudo, e jurar-lhe e tresjurar-lhe que não podia ser pastor.

«E, porque já Aonia entendia a linguagem d'esta terra muito bem, lhe disse a ama a cantiga; e, quando lhe veo a contar de como o pastor, com aquellas derradeiras palavras, leixára cahir a frauta no chão, e com a aba

[1] *E a tamanha*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

A tamanha, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

do gabão (que de burel era) se alimpára das lagrimas, que com ellas le vieram; e, acabando de alimpar-se, olhára pera a aba, que com ambas as mãos tinha, e, — como parece, — lembrando-lhe do que elle era, ou não sabia porquê, encostára o rosto a ella, assi [1] antre as mãos, como estava; e, após um grande suspiro, se leixára estar assi, e assi ficára quando se ella viera, que, pela chamarem n'este meio, se tornára tão triste, como havia muito tempo que o não fôra, por cousa alhea (e encheram-se-lhe á velha ama os olhos d'agua, em dizendo *cousa alhea,* e assi se virou pera outro cabo, e foi-se fazer cousas de casa), — a senhora Aonia, que ainda então era donzella d'até treze [2], ou qua-

[1] *E assi,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
Assi, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *D'antre,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
D'até, — na ed. de 1559.
De, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

torze annos, sem saber que cousa era bem querer, de umas lagrimas piadosas regou as suas fermosas faces, e só elle [1], os sentidos primeiro lh'enclinou,— tanto podem, algumas horas, as cousas ouvidas! [2] E, se não fôra que era ella moça, ligeiramente o entendêra logo; mas, não no entendendo, mil vezes, naquelle dia, lhe tornou pedir-lhe dissesse, ora a cantiga, e ora como estava.

«E, por acerto, perguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a ama:

— «Eu já outras vezes o vi: de bom corpo, e de boa disposição; a barba, um pouco

---

[1] *Sobr'ellas*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. (Nas tres ultimas, *sobre ellas*).

Com elle, — na ed. de 1559.

Só elle, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *As suas cousas, ouvindo-as*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Algumas horas, as cousas ouvidas, — na ed. de 1559.

A suas horas as cousas ouvidas, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

espessa e um pouco crescida, que a elle traz, paresce que é aquella a primeira ainda; os olhos brancos, de um branco um pouco nublado. Na presença, logo se enxergava que alguma alta tristeza lhe sojiga [1] o coração ».—

« Lembrou (a) Aonia só tornar-lhe a perguntar, quantas foram [2] as outras vezes que o vira.

« Disse-lhe, então, de como aquelle pastor se vinha pôr darredor d'aquellas casas sempre, e, ás vezes, se punha a falar com os officiaes, e outras, andava defronte (ribeira d'aquelle rio) pastorando o seu gado. E este era o pastor a que todos chamavam *o da frauta,* — que conhecido era de todos.

---

1 Subjuga, domina.

2 *Quando fóra,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Quando foram, — ms. de 1559.

Quantas foram, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

«Não no conhecia Aonia, porque nunca sahíra fóra; mas, como então logo poz na sua vontade de olhar por elle, e de buscar maneira pera isso, tamanho dó lhe fez, ouvir d'elle o seu canto, — enganada assi d'aquella falsa sombra de piedade, — que, toda aquella noite seguinte, não poude dormir. Mas não que ainda fosse declarada comsigo, nem, debaixo de aquelle desejo, determinasse nada; porém, ardia em fogos de dentro de si.

«E, porque de todo punto se acabasse isto de confirmar de tudo, ainda bem não era menhan, sahindo a ama da menina a uma varanda a maneira d'eirado, que sobre uma parte das casas estava, e fôra feita, logo no começo, pera despejo, — viu o pastor estar só, sobre a borda d'este rio, não muito longe do logar onde o ella vira o dia d'antes; que alli estava o freixo onde se elle poz a primeira vez que sahíra da tenda; onde tambem viu a sombra, como vos disse, e alli foi onde depois veiu morrer».

CAPITULO XX

DA PELEJA QUE O TOURO DO PASTOR
TEVE COM OUTRO ALHEO, E DE COMO O MATOU.
A QUAL AONIA ESTAVA VENDO DO EIRADO

((E COMO assi o viu, foi logo dizêl-o (a) Aonia correndo [1],— tamanha pressa dava já a Fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar. E, como lh'o houve dito, occupou-se em negocios de casa.

---

[1] A palavra *correndo,* que vem na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.,* falta nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

«Levantou-se Aonia, e, deitando só uma roupa grande sobre si, — que em camisa estava ainda na cama, — se foi ao eirado, e viu-o estar virado pera aquella mesma parte. Mas, vendo-se Aonia no eirado, e vendo-o, lembrou-se logo que ia toucada de um arrodillado só, como se erguêra; e, ou por não parescer que se erguêra então, ou já por não parecer mal, lançou a uma manga da camisa sobre a cabeça, e se leixou estar assi.

«E, n'isto, começaram as vaccas, pascendo, rodeál-o n'aquelle logar onde elle estava, que era uma maneira de outeiro pequeno. Andando pascendo ellas, umas pera cá e outras pera lá, leixou-se de outra manada vir um touro grande e medonho, urrando, e lançando de quando em quando a terra sobre as ancas; e, d'outras vezes, parescia que a queria comer, meneando a cabeça pera uma e outra parte. E, chegando ás suas vaccas, começou tão feramente a

pelejar com outro seu, que espanto fazia a ella, lá onde segura estava d'elles, no mais.

« E, andando assi, começaram de se ir chegando, com grande peleja, pera o logar onde elle estava, — mas vendo ella que não se mudava elle, nem tirava os olhos d'aquella parte onde ella olhava, antes parecia, segundo estava seguro, que os não via, senão que isto não era pera crêr. Mas, quando ella, de todo em todo, viu que os touros se iam chegando a elle, ficou esmorecida; e, tornando em si, olhou, e, com o espaço que se mettia em meio, tolhendo-lhe os touros a vista d'elle, parescendo-lhe que o tomavam debaixo, cahiu do outro cabo como morta.

« Vendo Bimnarder aquello (que pera outro cabo não olhava) deu-lhe logo no coração o que era; e, inda que elle tivesse muitas rezões pera o duvidar, ou não o haver por certo, — pois, de sua vontade, Aonia não era sabedor, que elle soubesse, — comtudo, creu; porque assim o quiz o bem-querer

grande: — que todas as cousas duvidosas fossem mais certas, ou por mais certas se cressem.

« E, cobrando força da manencoria que houvera, pelo que suspeitou, com um cajado grande que tinha na mão, tirou ao touro alheo, que já o melhor do seu levava, e quiz a sua dita que lhe quebrou uma perna; e, lançando se rijo e accordadamente pera elle, o levou per um dos cornos. E, como Bimnarder fosse de muito grandes forças, e com ajuda do seu touro, que, por instincto natural, conhesceu o soccorro, que lhe tambem começou, per sua maneira, de ajudar, — prestamente deu com o outro em terra; e, virando-lhe a cabeça pera o ar, o leixou que se não poude bulir.

« Viram isto todos os de casa, que, ao estrondo grande, e urros dos touros, acudiram; e foram todos espantados do esforço grande do pastor, e não falavam em al. A ama, que tamben o viu, fô'-se em busca de Aonia,

pera lh'o contar; mas, não na achando na camara, lembrou-se que seria no eirado. Indo lá, a achou deitada. Chegando-se a ella, a viu como passada d'este mundo, e, dando um ai grande, lançou mão ao seu rosto; mas, ao brado, accordou Aonia, como cançada. E, parece, como trazia o pensamento occupado do pastor, foi-se-lhe afegurar o que receava, e [1] cuidou que, o que fazia a ama, seria com dó do pastor, — que assi tambem chorava ella, quando lhe contára o que fizera o dia d'antes, — e a primeira palavra que lhe disse, foi:

— « E o pastor? » —

« Descançou a ama, com isto que lhe ouviu, parecendo-lhe que esmorecia ella de ver (a) affronta tamanha em que se pozera o pastor, como é costume das mulheres. Mas

[1] *Que*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
E, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

ella, era outra cousa maior, que estava, não muito [1] havia d'antes, tão longe de poder ser, como ella de o poder então cuidar. Mas tudo já póde ser. Ao longo tempo, não é nenhuma cousa nova.

« Contou-lhe então a velha ama tudo o que passára o pastor. E, tornada em suas forças, se ergueu Aonia, e pozeram-se ambas um pouco a olhar pera o touro, que no chão jazia.

« Estava ahi muita gente, dos officiaes das obras, e de casa; e, se não fôra pela vergonha que havia Aonia de a verem, — que era em extremo bem acostumada, — não se fôra ella d'alli. Mas, comtudo, fô'-se, já um pouco tão declaradamente contra sua vontade, que o entendeu ella; porém, como era aquelle o

[1] *Muito*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
Muito pouco, — na ed. de 1559.
Não muito, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

primeiro cuidado, não lhe pareceu de todo o que foi, senão que já consentia ella a si mesma cuidar, que, se elle não fosse pastor, logo lhe quereria bem.

« Recolheu-se Aonia pera a camara, a vestir-se; e, em se recolhendo, acertou de vir de fóra uma mulher de casa, que tambem, paresce, sahíra a ver a peleja dos touros; e, entrando na casa onde ficára a ama, começou, um pouco alto, falar-lhe, dizendo:

— « Quereis vós, senhora ama, saber?!... » —

« Aqui, calou-se, como muito maravilhada.

« A esta palavra, que Aonia ouviu, se poz a escuitar detraz da guarda-porta da camara.

— « Quê, o pastor? » — lhe tornou a ama.

— « É uma maravilha grande — lhe respondeu a mulher. Deveis de saber (não sei si vos lembra) que este pastor é um cavalleiro que, aquella ante-manhan, que a Deus

prouve levar Belisa pera si, chegou aqui, e falou a Lamentor. Eu me acertei então ahi, e o vi sahir da tenda, com os olhos cheos da senhora Aonia, e d'agua; e todo o tempo que ahi estivera d'antes, sempre a olhou de uma maneira, como que não podia al fazer, e que não desejava fazer al. Que vos hei de dizer? Verdadeiramente me paresceu, que se ia elle então, como que lhe ficava ahi o coração. E, por isto que entendi, sahi logo após elle, por ver onde ia; e elle foi-se assentar apar de um freixo grande que alli está, onde foi a peleja dos touros. Eu não olhei mais o que elle fizera, — nem o tempo era pera isso disposto, — senão agora, que fui ver aquello que elle fez; e, em lhe pondo os olhos, deu-me logo a sombra d'elle, e tomei eu isto por mais mysterio; porque, quanto então estava eu bem fóra de cuidar nelle, por esta maginação supita que me veo, tornei (a) attentar mais nelle, e vi que não podia tirar os olhos de cá. E, quando vós vos

fostes do eirado, ficou triste, mais que d'antes. Quanto pera mim, abastou aquello pera confirmar minha presumpção; porque elle era aquelle, como Deus é Deus ». —

« Era esta mulher um poucochinho lambareira; e porém era avisada, se o alguem era. Mas, pela outra tacha que tinha, qui-se a ama encobrir d'ella; e, posto que aquello todo logo se lhe assentasse n'alma, — pelo desfazer, disse-lhe que se fosse d'ahi; que ella conhecia aquelle pastor; e, por lhe ver, um dia, tanger uma frauta bem, perguntára por elle, e disseram-lhe que era filho de um maioral de uma grande manada de vaccas e gado, que neste valle andava [1].

« E assi se despediu d'ella; porém, a ve-

---

[1] *Anda*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Andava, — na ed. de 1559.

lha ama ficou crendo, — que bem sabia ella que os acertos em todas las cousas podiam muito, e, no querer bem, mais que em todas ellas ».

CAPITULO XXI

DE QUE MANEIRA BIMNARDER SE VIU COM AONIA

AONIA, que estava escuitando, ouviu toda esta pratica; e, comquanto a ama contradissera o da outra, ella o creu. E não fóra isto nada, senão que, após a crença, foram todas as outras cousas, que as crenças, nestes casos, soem trazer após si; que logo teve desejos, cuidosa de querer bem (?) [1]; e já não via o

---

[1] *Cuidos ao querer bem,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Cuidando o bem querer, — na ed. de 1559.

Cuidando o qu'era bem, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

dia nem hora, que elle fosse certo de sua vontade, pera que se não apartasse d'alli por algum desastre, que ella começou a recear; porque o verdadeiro bem-querer não póde estar muito sem receos.

« Vêdes aqui, como se namorou esta donzella de Bimnarder, que paresceu cousa feita acinte; porque ambos se começaram a querer bem sob uma sombra de piedade, e haviam de acabar ambos de uma maneira, começaram assi tambem, ambos de dous, de uma!

« Aonia, que [1] se determinou comsigo, não poude mais descançar. E, como elle tivesse em costume vir sempre por darredor d'aquelles paços (que sumptuosos se faziam, a maravilha), per uma fresta alta, que na camara onde ella dormia fôra feita, só pera lume, se subiu Aonia, sabendo como elle andava ahi.

---

[1] Logo que, assim que.

« E, como o viu, com os desejos que tinha de o ver, e com o que comsigo tinha assentado, paresceu-lhe não tão só assi como elle era, mas como ella queria que fosse.

« Depois de o ella estar olhando um pouco, bem á sua vontade, — porque elle, ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então d'estar, acertou-se tambem d'estar olhando pera o chão, cuidoso, como soía, per onde [1] teve ella tempo pera o ver bem, — mas, depois de um pedaço bom, não supportando não ser vista d'elle, fez que falava com alguma pessoa de casa.

« A isto, olhou Bimnarder; e, conhecendo-a, tresportou-se, e lhe cahiu o cajado no chão.

« Levou Aonia contentamento d'aquelle desaccordo, — que bem o viu, — e esteve assi, mais um pouco; mas não poude tanto

[1] Estas duas palavras, que se leem no ms. da *R. Ac. de la H.*, faltam em todas as ed. cit.

forçar-se, que a vergonha natural de donzella (ainda tão moça e tão guardada, como ella era) não podesse mais que o seu desejo, e tirou-se asinha da fresta. Porém, não sendo ainda bem em baixo, tornou a espreitar se se fôra elle, e tornou-se logo a tirar.

«Tambem quizera ella tornar outra vez, e outras; mas não poude tantas vezes acabar comsigo de fazer o que não devia.

«Veo-se a noite, aquelle dia, mais cedo, pera Aonia, do que nunca outra viera. Deus sabe como ella aquella tarde passou! Mas não quero aqui contar muitas cousas, que, por querer bem, se fazem de maneira que se não podem dizer.

«A velha honrada da ama, que, com o que suspeitou, entendeu o desassocego de Aonia (que differente foi logo, pera quem [1]

[1] *Que*, — na ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Quem, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

attentasse nisso), andava triste e anojada, — em parte de si, polo que lhe contára d'elle. E, por isso, o sentia muito mais, e aquella cea não poude comer.

« Mas, recolhidas, que ellas foram, áquella camara da fresta, onde dormiam, e pondo-se a ama a pensar a menina sua creada [1], como soía, como pessoa agastada de alguma nova dor, se quiz tornar ás cantigas; e começou ella então, contra a menina que estava pensando, cantar-lhe um cantar a maneira de solau, que era o que, nas cousas tristes, se acostumava nestas partes, e dizia assi:

ROMANCE

« Pensando-vos estou, filha;
vossa mãe m' está lembrando;
enchen-se-me os olhos d'agua,
nella vos estou lavando.

1 Isto é: — que ella creára.

«Nascestes, filha, antre magua;
pera bem inda vos seja!
pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

«Morto era o contentamento,
nenhuma alegria ouvistes:
vossa mãe era finada,
nós outros eramos tristes.

«Nada em dor, em dor creada,
não sei onde isto ha de ir ter;
vejo-vos, filha, fermosa
com olhos verdes crecer.

«Não era esta graça vossa
pera nacer em desterro.
Mal haja a desaventura
que poz mais nisto que o erro!

«Tinha aqui sua sepultura
vossa mãe, e magua a nós;
não ereis vós, filha, não,
pera morrerem por vós.

«Não ouvem fados rezão,
nem se consentem rogar;
de vosso pae hei mór dó,
que de si se ha de queixar.

« Eu vos ouvi a vós só,
primeiro que outrem ninguem;
não foreis vós, se eu não fôra;
não sei se fiz mal, se bem.

« Mas não póde ser, senhora,
pera mal nenhum nascerdes,
com esse riso gracioso
que tendes sob olhos [1] verdes.

« Conforto, mas duvidoso,
me é este que tomo assi;
Deus vos dê melhor ventura
do que tivestes té 'qui.

« A Dita, e a Fermosura,
dizem patranhas antigas,
que pelejaram um dia,
sendo d'antes muito amigas.

---

[1] *Sob os olhos,* — na ed. de 1557-8.

Sob olhos, — nas ed. de 1645, 1785, 1852 e 1886 *(Versos),* e no *Romanceiro* de Garrett.

Sobr'olhos, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

« Muitos hão que é phantesia;
eu, que vi tempos e annos,
nenhuma cousa duvido
como ella é azo de damnos.

« Mas [1] nenhum mal não é crido;
o bem só é esperado:
e na crença, e na esperança,
em ambas ha 'hi cuidado,
em ambas ha 'hi mudança ».

[1] *Nem*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785, 1852, 1886 *(Versos)* e no *Romanceiro* de Garrett.

Mas, — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XXII

DE COMO BIMNARDER, ESTANDO NA FRESTA DA CAMARA DE AONIA SE POZ DEVAGAR Á OUVIR A AMA

O PASTOR da frauta (que não era pastor) teve aquella noite maneira como, com um pau que colheu, arribou á fresta; e já estava nella, quando começára o solau.

«Bem conheceu, na limpeza das palavras, e na pronunciação d'ellas, que era natural d'esta terra, e avisada; per onde logo arreceou que, se não tivesse nella ajuda, que teria grande estorvo. Encommendou se á sorte.

«Acabou a ama de pensar a creada, que

não foi pensada sem muitas lagrimas d'ambas, — d'ella e de Aonia, — que penteandose esteve emmentes, segundo sentiu Bimnarder, — que elle nada de dentro podia bem divisar, pelo impedimento de um panno que deante da fresta estava, pera emparo d'ella.

«Acabada a menina de pensar, apagando o lume, se deitaram ellas; e, porque a ama tinha sua suspeita, fez que dormia, pera espreitar a Aonia; e Aonia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e ora se revolvia pera uma parte, e ora pera outra; e outras vezes, após um assocego de um pouco, colhendo folego, dava um baixo suspiro longo, a maneira de cançada de aquello que acabára de cuidar.

«Esteve tudo a ama notando, per um grande pedaço; e já Bimnarder estava pera se decer, cuidando que era outrem a que fazia aquello, senão quando a ama começou assi a falar escontra Aonia:»

CAPITULO XXIII

DO SINGULAR CONSELHO QUE DEU A AMA Á SENHORA AONIA, PELO QUE SUSPEITOU DE SEUS AMORES

«NÃO dormis, senhora Aonia? E que será, senhora, se não podeis dormir? Parescendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe os ordena elles a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer.

«Mal cuidára eu o que havia d'acontecer á senhora Belisa, quando, aquella noite, depois de dormirem todos, nos alevantámos

nós sós, caladamente, e pelo laranjar do jardim (que, com a espessura do arvoredo, fazia então maior escuro) passámos cheas de medo, e vós pegada a mim, toda tremendo, fomos sahir pola portinha falsa, que acolá no mais escuro logar d'elle estava, onde achámos a Lamentor aguardando-nos já, havia pedaço, todo cheo de esperanças, tão longas, que, emfim, haviam de vir a ser assi esperanças, no mais!

« Por isso, cumpre a toda' las pessoas, e ás donas, senhora, muito mais cumpre, — pois são as que aventuram mais, — que, ao principio das cousas, olhem onde ellas podem ir parar; que não ha nenhuma tamanha, que, no começo d'ella, se não possa resistir, ou deixar sem trabalho; que muitos rios grandes ha 'hi, que, onde nacem, se podiam impedir com um pé, ou levar pera outro cabo; e, no meio d'elles, ou depois que colhem forças, todo o mundo junto os não poderam tolher, ou mudar. Chama uma agua a outras

aguas, e um erro a muitos erros! Em pequeno espaço crecem de maneira, que se não podem depois deixar.

« Gravemente, e com muita prudencia, devia cada um cuidar se o que faz, ou o que determina fazer, é cousa honesta, e que convenha; que, se lhe sahe bem, todos lh'o tem a bem, e se não, ainda que o mundo lh'o tenha a mal (o que muitas vezes acontece, porque, mal peccado, já as cousas não são julgadas, senão pelas sahidas d'ellas), não tem, ao menos, de que se queixar comsigo.

« E grande bem é, a meu ver, excusar a pessoa as imisades antre si, pois não ha logar, cá neste mundo, que defenda a ninguem de si mesmo. Póde-se tolher imigo e imiga, frio e chuva. Cuidado, póde-se tomar, e tolher, não. Já quem faz o que deve, sahindo-lhe como não deve, não quero affirmar que lhe não dará paixão; que a perda de qualquer preposito, ainda que seja desarrezoado, a dá.

Mas assi digo, que, se lhe der paixão, dar-lhe-ha soffrimento pera ella. Bemaventurado se póde chamar, nesta vida, quem tem dor que se supporte; pois, segundo paresce, não se póde viver sem ella, assi ou assi.

«Nos amores, cuidará alguem que não é isto necessario, e que não é acostumado. Cuido eu que não podéra ser mais necessario; que, se em toda' las cousas se deve haver respeito ao como e ao quando, e ao porque ou pera que se fazem, por se não errarem [1], — maiormente se deve ter este respeito nos amores; pois são tão sujeitos aos erros, que mais mal contado seria ao cami-

[1] *Ca em toda' las cousas se deve haver respeito ao como e quando, e ao para que se fazem, por não errarem,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Que em todas las cousas se deve haver respeito ao como e quando, e porque e pera que se fazem, por se não errarem, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

Na ed. de 1559, como na actual.

nhante rico, se fosse desapercebido pelo logar que de ladrões é seguido, que por outro que o não fosse; que, naqueste, se lhe acontecesse algum desastre, culparia a ventura; mas, naquelle outro, culparia a si, — que são culpas mais graves de perdoar.

« Por isso, senhora, vos peço que apprendais de mim, que vi culpas, e os damnos d'ellas, que, assi como toda pessoa, no bem, é mais amiga de si, que d'outrem, assi tambem no mal (quando acontesce que haja algum desvairo comsigo) é mais imiga [1] de si, que de ninguem.

« E isto não é pera espantar, que é imigo de casa, como dizem. Ainda mal, muitas vezes, que me foi necessario que vol-o dissesse, e porque o soube pera vol-o dizer! Querei antes, senhora, não ser contente, que arrependida ». —

[1] *Amiga*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Imiga*, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

« E, aqui, fazendo a ama uma pausa, não pera acabar, senão pera descançar (que em vontade tinha já de lhe dizer tudo), sentiu dormir a Aonia.

« E, cuidando que fosse fengido, esteve um pedaço espreitando-a, e, por derradeiro, pondo-lhe a mão, e bulindo-a, se certificou que dormia. Parece que, cançada do trabalho não acostumado, adormeceu. Ella era moça, e nunca se vira noutra.

« A ama, ainda que lhe isto fizesse duvidar do passado, comtudo, pelo que passára já por ella, paresceu-lhe o que era; cá não ha cousa que traga mais certo o somno ás moças, que a dor grande: e ás velhas, tira-lh'o.

« E, com esta phantesia, em que se ama affirmou, adormeceu tambem ».

CAPITULO XXIV

EM QUE CONTA O MAIS QUE A AMA PASSOU COM A SENHORA AONIA, ÁCERCA DE BIMNARDER

«BIMNARDER, que todo aquelle tempo passou como Deus sabe, vendo que assi se calaram, não soube que se determinar; que tão cortado ficou das palavras da ama, pelo damno que temeu de lhe fazerem, que se lhe turvou o juizo, e não soube dar sahida nenhuma áquelle calar. E assi enleado, cêrca do que seria, esteve, até que a manhan o levou d'alli, bem contra sua vontade. E porém, não se poude ir longe d'alli.

«Da magua d'elle, não vos quero contar. Era homem, poderia com ella. Mas da coitada de Aonia, — (a) que as boas palavras da ama não aproveitaram mais que pera se guardar d'ella, — vos contarei.

«Ergueram-se pola menhan, e, posto que a ama tentasse Aonia, dizendo-lhe se ouvíra ella, a noite d'antes, o que lhe ella contára, — ella dissimulou altamente, e, pela sua edade [1], e pelo amor da creação, que lhe a ama tinha, creu logo de todo; e, pelo assocego de Aonia, feito acinte, o acabou de confirmar, e houve o passado por nada. E paresceu-lhe que seria o desassocego de moças, — que, ás vezes, per mocidade, fazem cou-

---

[1] *Saudade,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Sua edade,* — na ed. de 1559.

No ms. da *R. Ac. de la H.* falta esta passagem. Á palavra *cousa,* de pag. 184, linh. 14, segue-se a palavra *emparo,* de pag. 193, linh. 10.

sas que não fariam em outra edade, ainda que lhe nisso fosse todo seu desejo.

« Assentando a ama nisto, metteu-se n'accupação de casa, que era grande, porque sobr' ella carregava tudo; pelo que, (a) Aonia ficou logar e tempo, que bastava, pera cuidar mais á sua vontade, e pera fazer como Bimnarder fosse certo d'ella.

« E, pondo cofres sobre cofres, fechando a porta da camara primeiro, dissimulando fazer alguma cousa, se subiu á fresta; e, ainda bem não era nella, viu Bimnarder, que não estava longe d'alli, nem tão perto, que a conhecesse logo; pelo que, se leixou estar um pouco, pera se affirmar melhor.

« Ella, que não supportou já aquella tardança, lançando uma manga da camisa fóra da fresta, fez que o chamava.

« Chegou elle asinha, e, vendo-a, ficou assi sem lhe poder dizer nada. Mas Aonia, que estava já determinada comsigo, ousou falar-lhe primeiro, mas não o que ella qui-

zera, que não poude acabar tanto comsigo.

« E, mudando o preposito naquello que se acertou, lhe disse:

— « Aqui andais, pastor, cada dia, sempre? » —

— « E essa fresta, — lhe respondeu elle, — não está ahi, senhora, de noite tambem? » —

« Aonia, que o entendeu, muito manso lhe tornou:

— « Está », — ajudando a palavra com o abaixar dos olhos, que de todo então, ao dizer d'aquello, poz nelle.

« E não na [1] entendêra Bimnarder, se não

---

[1] *O*, — nas ed. de 1557-8 e 1852.

Na, — em a ed. de 1559.

Nas ed. de 1645 e 1785, termina este capitulo com a phrase — « . . . *pera fazer como Bimnarder fosse certo d'ella.* » (Pag. 187).

fôra por isso, mas não lhe tornou elle a resposta; cá ella, nisto, deceu-se, porque se lhe afegurou que buliam na porta da camara; e, tornando os cofres a seu logar, se foi abril-a; e, não achando ninguem, quizera tornar, senão quando, nisto, eis vem a ama, com outras mulheres de casa.

« De maneira que, todo aquelle dia, não teve outro tempo; mas logo naquellas palavras, que lhe o pastor dissera, entendeu que eram pera que tambem olhasse de noite por elle; e, com esta esperança, que se deu a si mesma, passou aquelle dia, que tambem Bimnarder passou com sua esperança, que tomou de aquella palavra derradeira, que lhe ella falou, — com os olhos, mais, que com outra cousa.

« Mas não cuidára elle, me parece a mim, — dezia meu pae, — que havia de ser pera tanto, como lhe sahiu, pelo pouco que antre ambos era passado.

« E porém, por isso estava mais certo, me

tornou a mim a parecer, — dezia meu pae, — porque, como a ventura venha mais em toda' las cousas, que tudo, quem só a tiver não ha mister mais ».

CAPITULO XXV

DE COMO BIMNARDER, PELA FRESTA DO APOSENTO DE AONIA, LHE FALOU

«COMO aconteceu a Bimnarder que, vindo a noite, pondo-se á fresta, como as passadas fizera, sentiu-as deitar, e, d'ahi a um grande pedaço, já que estava desesperado, ouviu pela casa andar mansosinho, e porem como alguma cousa escontra a fresta.

« Estando com o sentido prompto nisso, sentiu que subia alguem, e, não crendo que fosse tanto (como acontece na vista das cousas muito desejadas, e esperadas muito), antes

receando que fosse algum desastre, abaixou-se prestes, e deixou-se estar ao pé da fresta.

« Aonia levantou o panno, e, com o escuro que fazia, não viu ninguem. Comtudo, leixou-se assi estar um pouco, e, não sentindo nada, duvidou de todo, e, indo pera se decer, disse:

— « Parece que foram palavras ». —

« Conheceu-a na fala Bimnarder. Dizendo — « não foram, nem serão », subiu asinha á fresta. E ella tambem o conheceu, e, subindo, chegando elle, e querendo-lhe falar, disse ella muito passosinho:

— « Que me perdoeis ». —

« Nisto, começou a chorar a menina, e, accordando a ama, se poz a embalal-a, cantando-lhe; mas, não se querendo ella acalentar, se ergueu a ama, dizendo:

— « Não sei se acharei lume, que esta creança sente alguma cousa ». —

« E, dês que abriu a porta da camara, se foi lá á outra casa das mulheres, a catar lume.

« Aonia, que viu não haver remedio, querendo-se asinha decer, chegou o rosto muito á fresta, dizendo:

— « I-vos embora, que não póde ser mais ». —

— « De vós, — lhe respondeu elle, — me não posso eu ir assi ». —

« E isto, tremendo-lhe a fala.

« E ella, que houve dó d'elle, querendo soltar o panno, emparo da fresta, não se poude ter, que lhe não desse de si alguma presença, e disse-lhe:

— « Pelo que fiz por vós, julgae o que tinha pera vos dizer; e perdoae-me, que vos não posso pagar em mais o soltar d'este panno ». —

« E assi o soltou, decendo-se muito asinha, e concertando tudo. Quando já tornou a ama, (a) achou deitada ».

CAPITULO XXVI

DE COMO BIMNARDER,
ESTANDO NA FRESTA D'AONIA, ADORMECEU, E SE LHE FORAM
PER SONHO OS PÉS, E CAHIU

«DEIXOU-SE Bimnarder ficar á fresta, e esteve até pela menhan, — que tão occupado lhe ficou o pensamento d'aquellas palavras que lhe Aonia dissera, em se indo, e da maneira com que lh'as dissera, que uma cousa e outra não lhe dava a mais vagar, nem tão só pera se accordar de fugir ao tempo. Mas, como elle não tevesse, a noite d'antes, dormido, nem o dia que se seguiu, entonces, como descançado de alguma parte de seus cuidados,

não já pera os ter menos, — mas como se acontece que, quem traz alguma cousa, que muito deseja, anda, emmentes aquelle desejo o traz, não póde repousar, mas, depois que alguma segurança lhe vem de o ter comprido, repousa e dorme, como que se o alcançára (e não podemos dizer que seja então menos o desejo, que, antes, por rezão, deve ser mór), — assi foi Bimnarder, que, parte de cançacio, e parte de contente, trasportou-se, paresce, tanto, em seu cuidado, que se lhe foram per sonhos os pés e as mãos, e cahiu no chão, com o pau após si.

« E, no cahir, lavou toda em sangue aquella parte do seu rosto, que d'aquella banda da parede paresce que levou; de que muitos dias esteve mal, depois.

« Mas nenhumas cousas grandes se acabaram, senão por meio de grandes desastres, como aqui vereis; porque esta queda foi causa de Bimnarder ver o que, pola ventura, nunca vira ».

CAPITULO XXVII

DE COMO A AMA, SENTINDO DE NOITE O ESTRONDO DA QUEDA, O QUE SOBRE ISSO FEZ, COMO FOI MENHAN

« MAS diz o conto, que a ama, — que a menina não a deixára mais dormir, — sentiu todo aquelle estrondo; e Aonia, que não dormia, tambem o ouviu, e cuidou logo o que temeu; porém, dissimulou grandemente, porque já se guardava da ama.

« Mas ella, que já tambem estava descuidada de Aonia, foi suspeitar outra cousa: — que seria alguem d'aquellas obras (por-

que muita gente andava ahi) e, pela ventura, viria espreitar, por aquelle logar, o que ellas de noite faziam, — que bem sabia ella que os homens tudo ousavam fazer de noite.

«E, ainda bem não foi menhan, foi darredor da casa, e achou signaes per onde confirmou sua suspeita; e logo mandou tapar a fresta [1] de pedra e cal, contando tudo, da maneira que o ella cuidou, primeiro, a Aonia, que lh'o ouviu com tamanha magua, que mór trabalho cuido eu que levaria em lh'a encobrir, que em a soffrer comsigo; porque o soffrer faz-se por vontade, e a outra, contra ella.

«Mas este remedio tolhido (a) Aonia, deu-lhe causa pera buscar outro maior; e,

---

[1] *A mandou tapar,* — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852.

Mandou tapar a fresta, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

chamando a uma mulher de casa, que Enis se chamava, avisada, e de quem se podia bem fiar grandes cousas, e assegurada no segredo, polas melhores maneiras que pudo, contando-lhe seu coração, lhe disse que fosse ver se andava pela ribeira d'aquelle rio o pastor da frauta; e, se ó não visse, que perguntasse (a) algum outro pastor por elle.

« Fel-o ella assi; e soube que jazia doente, em um monte perto d'alli, onde morava a mulher e filhos do maioral do fato em que elle andava; e, tomando ella em sua companhia um homem de casa, determinou de ir lá; porque tamanha vontade conhecia em Aonia, que não poude fazer menos.

« Chegou asinha ao monte: e, perguntando pelo pastor da frauta, lh'o foram mostrar, lá em uma casa palhaça, detraz das outras, d'onde elle estava; e, ficando elles ambos sós, — que assi buscou ella maneira, — lhe descobriu inteiramente ao que ia.

«Bimnarder, que logo a creu, porque era mulher, sobre a cabeceira, d'onde pobremente estava encostado, se lhe deixaram cahir umas ralas lagrimas, causadas d'antre contentamento e muita dor, — que de ambas as duas soem ellas ás vezes vir, — as quaes fizeram certo a Enis, do grande bem que elle (a) Aonia queria; e não lh'esqueceu ella contar-lh'o [1] depois.

«Alli esteveram ambos um grande espaço de tempo, — que Bimnarder contou-lhe tudo do começo. E deteveram-se tanto, que foram suspeitando mal da tardança, se fôra em outro logar; mas a vida do monte não cria suspeitas, como não cria de quem se sus-

[1] *Contdl-o,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Contar-lh'o, — na de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

peite [1] mal. Mas, comtudo, deteveram-se ainda ambos nesta prática muito menos do que ambos quizeram, pelo homem que Enis trouxera.

« Tornada ella onde Aonia estava, lhe contou tudo, cousa e cousa, que não ficou nada ».

[1] *Suspeite,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. *Se suspeite,* — na ed. de 1559, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XXVIII

DE COMO, ESTANDO, DA QUEDA, BIMNARDER MUITO DOENTE, AONIA BUSCOU MANEIRA PER ONDE O FOSSE VISITAR

«VEIU assi acerto que, perto d'alli, havia uma casa de uma santa de grande romagem, e era então, o outro dia, a bespora do seu dia; e a ama e as mulheres de casa ordenaram de ir lá. E, havida licença de Lamentòr pera Aonia, e postos no caminho, — que a pé podiam bem andar, — ao passar pelo monte, se chegou Enis (a) Aonia, e disse-lhe que alli era, — porque assi iam já concertadas.

«Nisto, fez Aonia que cançava. A ama disse logo que repousasse um pouco; mas, d'esta vez, não teve ella maneira pera ir onde Bimnarder estava. Foi lá Enis. E, da tornada, fizeram alli grande detença.

«Buscando achaque de querer lá ir pera detraz das casas, levando Enis comsigo, houve tempo pera Aonia entrar onde elle estava então deitado, escontra a outra parte da parede, chorando porque não vira Aonia, ao passar, que bem se podéra elle erguer. E, como isto perdêra [1], cuidava tambem que havia de perder a tornada; porque um mal nunca lhe viera sem outro. Pelo qual, estava no maior pranto do mundo, antre si.

«Entrada Aonia, deteve-se um pouco, e

---

[1] *E como isto,* — na ed. de 1557-8.

E como isto perdéra, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

E com isto, — nas ed. de 1645, 1785 e 1852.

sentiu que chorava e suspirava baixo, de maneira que como, naquello, se forçava a si mesmo. Ella, por ver se poderia saber o porquê, — que tudo desejava saber d'elle, — deteve-se ainda mais; mas elle, com pensamentos muitos, que sobrevinham ao choro, mais o accrecentava, do que o diminuia.

« Assentando-se então Aonia na borda d'aquella sua pobre cama, lhe poz a mão, e quizera-lhe dizer alguma cousa; mas não poude, que lhe falleceu o esprito. Virando-se Bimnarder, e vendo-a, tambem lhe falleceu o seu.

« Estiveram assi ambos um grande pedaço, sem se dizerem nada um ao outro; e elle, com os olhos postos em Aonia, e Aonia, postos os seus no chão, que, em se virando Bimnarder, tomou vergonha. Levando-os assi á terra, cobriu-se-lhe o seu fermoso rostro de uma tamalavez de côr, além da natural; e soía dizer meu pae (que parte d'esta historia em seu tempo se soube-

ra [1]), que não parecia senão que viera aquella côr como por ajudar ainda Aonia escontra Bimnarder, — tão fermosa a ella, fermosa, fizera.

«Mas, estando assi nisto elles ambos, e não estando elles ambos alli, chegou Enis muito rijo á porta, dizendo que se queriam já ir, e que a mandavam chamar. Assi, foi forçado levantar-se Aonia, e ir-se, e Bimnarder... ver tudo, e ficar. Mas Aonia, que bem via os olhos de Bimnarder como ficavam,

---

[1] *Que em parte d'esta historia em seu tempo se soubera,* — nas ed. de 1557-8 e 1852.

Que parte d'esta historia em seu tempo se soubera, — na ed. de 1559.

Em parte d'esta historia que em seu tempo se soubera, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

Nas ed. de 1645 e 1785, falta esta passagem, desde — « *Assentando-se então Aonia...* » (pag. 205, linh. 8), até — « *... pois perdia a vista.* » (Pag. 208, linh. 5.)

tomou uma manga de sua camisa, e, rompendo-a, pera remedio de suas lagrimas lh'a deu, significando, na maneira só de como lh'a deu, o pera que lh'a dava; cá parece que a dor grande que sentia, não lh'o deixou dizer per palavra; mas, em lh'a dando, poz os olhos nos seus, dizendo-lhe só assi:

— « Pesa-me, pois a minha ventura, ou desaventura, não quiz que vos eu leixasse de maguar, com o que eu não quizera ». —

« E estas palavras lhe disse, já fóra da porta. E, com ellas, e com o que sentiu ao dizer d'ellas, duas e duas lhe começaram [1] as lagrimas a correr dos seus fermosos

[1] *Começavam*, — nas ed. de 1557-8 e 1852.

Começaram, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

olhos, e, pelas [1] suas faces fermosas abaixo, lhe iam fazendo carreiras per onde iam, que Bimnarder a tanto pranto convidou, quanta era a rezão d'elle, pois perdia a vista.

« Foi tanto o choro, que não lhe abastavam os seus olhos ás suas lagrimas; pelo que, lhe não poude então dezir nada. Mas, Enis, apressando Aonia com a fala, e com as mãos casi empuxando-a, e levando-a já, — virou-se par' elle Aonia, dizendo:

— « Levam-me ». —

« E, leixando-se ficar toda com os olhos, se foi assi enlevada, até que, com a parede das outras casas, trespoz a porta d'aquella de Bimnarder [2].

---

[1] *Pelas*, — na ed. de 1557-8.
Polas, — na ed. de 1559.
E polas, — na ed. de 1852.
E pelas, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] Por um erro evidente de leitura, facilmente ex-

« E elle não se poude ter que, pela outra banda da sua casa, se não sahisse escontra aquella parte, d'onde se podia ver o caminho que ellas levavam; e alli esteve olhando, emmentes a terra lhe deu logar, e, depois, um gran pedaço, em quanto poderiam bem chegar a casa; cá, — parece, — folgam tambem os olhos com a presumpção, e descançam d'olhar pera aquella parte d'onde está, ou vai, aquello que podiam ver, senão fôra a fraqueza d'elles, ou o impedimento d'alguma cousa.

« Mas, como lhe paresceu que seria em casa, lembrou-se logo do logar d'onde ella estivera na sua cama assentada, e a gran-

---

plicavel pela calligraphia do seculo XVI, na ed. de 1557-8, e suas reproducções, lê-se: — « ... *até que com a parede das outras casas trespoz. Apartada que ella foi de Bimnarder, elle...* », etc. Denunciaram-me esse erro a ed. de 1559 e o ms. da *R. Ac. de la H.*

de pressa se tornou pera lá. E, entrando, foi-se alli pôr, onde estevera d'antes.

« Comsigo estava phantasiando Aonia, ora lembrando-lhe como aquello fizera, ora como aquell'outro. Depois, tomando aquella parte da manga, que lhe leixára, se punha a chorar com ella, a voltas de palavras tristes, como que as houvesse ella [1] de entender.

« N'isto, passou aquella doença, em que grandemente foi visitado de Enis; e sarou asinha.

« E, d'aqui até que lhe aconteceu a des-

---

[1] *Como que houvesse de entender,* — nas ed. de 1557-8 e 1852.

Como que houvesse ella d'entender, — na ed. de 1559.

Como que as houvesse ella de entender, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

Nas ed. de 1645 e 1785, falta esta passagem, desde — « . . . *mas, como lhe paresceu que seria em casa. . .* » (pag. 209, linh. 13), até á phrase a que esta nota se refere.

aventura que vos contarei, se passaram tempos, e outras infindas cousas; porque os paços de Lamentor acabaram-se, e, pelo apartamento do logar em que elles estavam, Aonia e a ama, com outras mulheres de casa, iam passar tempo ribeira d'este rio, onde Bimnarder sempre andava.

« Mas nenhuma cousa ha, neste mundo, em que se deva ninguem muito de fiar; que aquella grande segurança em que Bimnarder estava, em logar tão ermo, lhe não poude durar, como agora vereis ».

CAPITULO XXIX

DE COMO LAMENTOR CASOU AONIA COM O FILHO
D'UM CAVALLEIRO SEU COMARCÃO,
E DO QUE ENIS ACONSELHOU (A) AONIA QUE FIZESSE

«E FOI assi que a donzella por quem morreu o cavalleiro da ponte, como vos hei contado, veiu tristemente acabar, por azo da viuva irman, que o levou nas andas.

« E succedeu, no castello, um filho de um cavalleiro muito valído e rico, nesta terra, que, per meio de vizinhos, dessejou Aonia por mulher, — o que foi asinha acabado, pola egualança d'ambos, naquello em que a

quizeram aquelles em que estava o «prazme» do casamento.

«Mas, pelo nojo de Lamentor, e pelo apartamento de sua vida, não no soube Aonia, senão o dia d'antes que a haviam [1] de levar pera o castello, — qu'em sua casa não queria Lamentor ver prazeres, e bem lhe pareceu que se não descontentaria Aonia do esposo; porque era bem aposto cavalleiro, e dos bens do mundo abastado; e, por isso, tambem excusára [2] dizer-lh'o então. Mas não foi assi: que Aonia toda aquella noite passou em um grito.

«Se não fôra por Enis, que do seu segre-

---

[1] *Havia*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
Haviam, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

[2] *Excusava*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.
Excusára, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

do era sabedor, morrêra, ou se fôra por esse mundo; mas ella a consolou, e, com muitas esperanças que lhe deu, não tão sómente a susteve, que não fizesse de si nada, mas, antes, ainda lhe fez ser contente d'aquella vida, e dessejál-a; porque lhe dizia que, segundo os casamentos occupavam aos homens, poderia ella ter a liberdade que quizesse; e, com o resguardo, faria o que sua vontade fosse, — o que não poderia, na casa onde estava.

« Este conselho foi tomado sem Bimnarder; porque a brevidade do tempo não deu logar pera isso; mas concertaram-se ambas que ficasse Enis pera lh'o dizer, ao outro dia, e, depois, mandaria por ella, — porque logo determinou pedil-a a Lamentor.

« E veiu aquell'outro dia: e, como Bimnarder não guardasse outro gado, ainda bem não era menhan, já elle andava ribeira d'este rio; e viu vir gente de cavallo muita, e passar a ponte escontra os paços de La-

mentor. Mas não teve então a quem perguntar o que seria aquello.

« Comtudo, não se tirou d'alli, porque logo se lhe revolveu o pensamento, e inclinou a vontade a querel-o saber; que, pela maior parte, o que ha de ser, dá primeiro sempre n'alma; e, se andassemos sobre-aviso, ligeiramente entenderiamos tudo, ou parte, do que nos está pera vir ».

CAPITULO XXX

DE COMO PHILENO, — O MARIDO DE AONIA, — DESSEJOSO DE A TER EM SEU PODER, A LEVOU DE CASA DE LAMENTOR, MUITO ACOMPANHADA

«DECIDOS os de cavallo, esteveram per grande espaço com Lamentor; e depois, começaram uns tra'los outros [1] sahindo, fazendo maneiras de prazer.

« E, nisto, viu Bimnarder donas a cavallo,

---

[1] *Contra os outros,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Traz os outros, — na ed. de 1559.

Tra'los outros, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

e viu o fio da gente escontra a ponte; per onde teve sazão [1] de perguntar a um pagem que cousa era aquella.

«Disse-lh'o elle, passando seu caminho; mas Bimnarder não no acabou de crêr, — tamanho abalo fez no seu cuidado! E porém, em olhando, viu Aonia, e com ella, da outra parte esquerda, o seu esposo, que conhecido ia nos trajos, e na communicação da prática que antre ambos levavam; porque tudo, — como derradeira cousa, — olhava Bimnarder, e muito bem via [2].

---

[1] *Rezão,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852, e no ms. da *R. Ac. de la H.*

Sazão, — na ed. de 1559.

[2] *Porque, como derradeira cousa, olhava Bimnarder, e, nisto, bem a viu,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Como derradeira cousa, lavouha toda (sic), *e, olhando-a Bimnarder, mui bem a viu,* — na ed. de 1559.

No ms. da *R. Ac. de la H.,* como na ed. actual.

« E Aonia nunca se virou pera aquella sua banda, que continuada sempre d'elle era; mas, antes, porque ia inclinada pera aquella parte d'onde o esposo ia, paresceu-lhe a elle que o ia muito mais, do que ella inda ia, e que o fazia acinte. Cá isto é natural: — quando vos uma pessoa cai num erro, toda' las cousas que depois faz, tomais á peior parte, como aqui acaeceu [1].

« Ficou Bimnarder tão cortado, que, d'ahi a mais de uma hora, não cuidou nada. E, a cabo d'ella, virando-se pera outra parte, se foi; e não no viram mais.

« Aquelle dia á tarde, veiu Enis buscál-o; e, não no achando, perguntou por elle: e disse-lhe outro pastor (que acaso acertára então d'estar perto d'elle, olhando tambem a gente) que, depois d'ella passada, estivera

[1] Aconteceu.

elle um grande pedaço sem se mudar do logar d'onde estava, e sem tirar os olhos do chão, como homem cuidoso em sua maneira; e tanto, que elle mesmo olhára pera issô, e quizera-lhe falar, senão quando elle, nisto, virára pera outro cabo, e, pela ribeira dando (a) andar rijo, desapparecêra, e nunca mais o vira; e já elle mesmo fôra ao monte de seu amo perguntar por elle, pera que viesse pastorar seu gado, que andava desmandado, e não no acharam; e que, do monte, tambem o foram buscar por todo este matto, e pareceu a todos que seria ido, porque elle nunca tal costumou; e já outrem andava com o seu gado.

« Ficou Enis toda fóra de si; e logo cuidou que lhe não cumpria ir ver Aonia, nem viver com ella, pois sahíra tão mal seu conselho. E, tornada pera casa, ordenou dilatar sua ida por alguns dias, pera ver se sabia novas de Bimnarder.

« Entretanto, não sabendo nenhumas, e

apressando-a Aonia que lh'as levasse, determinou, comtudo, de ir; porque, per outra via, cuidou antre si que com pouco trabalho se lhe tiraria, por então, Bimnarder do pensamento; que os casamentos, á primeira, parecem outra cousa: e as senhoras, que d'antes foram presas d'amor, logo aos primeiros dias esqueciam [1] tudo o passado; mas depois, por cousas e desgostos, que nacem da culpa, do longo tempo, ou conversação que traz menospreço, tornavam, muitas vezes, ás lembranças do primeiro. Porque, nisto que comsigo cuidou, quiz obedecer a Lamentor, que já, a pedido d'Aonia, mandava que a levassem.

---

1 *Esqueceram*, — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

Esqueciam, — na ed. de 1559 e no ms. da *R. Ac. de la H.*

«Que vos hei de dizer? Ainda bem não chegavam, apartou-se Aonia com ella; mas, sabido o que passava, chorou muitas lagrimas, e maldisse o dia em que nacêra. E Enis, que era avisada, e via que, pois o mal se não podia curar, que se devia de dilatar, lhe fez uma fala, d'esta maneira:

— «Leixemos, senhora, o pranto; que d'elle não se vos póde seguir senão dous males muito grandes: — um, é que matais a vós com chôro; e quando, pela ventura, vier Bimnarder, não vos quereria achar assi, e será esta, então, maior offensa pera elle; porque est'outra tem desculpa, e esta, não na terá par' elle, senão se lhe quizerdes dezir que desconfiaveis d'elle, que monta tanto, como cuidardes d'elle mal. Ora volvede lá, senhora, comvosco, se podereis dar la culpa a quem quereis tamanho bem... Pois, afóra isto, tendes ainda outro mal: — que correis risco de se saberem vossos pran-

tos [1], e, como elles sejam tomados em tempo de bodas, não se poderá deixar suspeitar d'elles mal. E, por aqui, tolher-se-vos-ha, pela ventura, o que póde ser em algum tempo, o que eu espero; porque as lagrimas de Bimnarder não podiam ser, sem vos elle querer muito grande bem; e não vos podia elle querer muito grande bem, que lhe não doesse muito o que fizestes; e não lhe póde doer muito o que fizestes, que, nalgum tempo, não queira saber o como, ou porque, o fizestes [2]; porque o bem-querer grande faz

[1] *De o saberem vossos parentes,* — nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852.

De saberem vossos prantos, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

Na ed. de 1559, como na actual.

[2] Esta phrase — « ... *e não lhe póde doer muito* », etc., até — « ... *porque o bem-querer grande* », etc., falta nas ed. de 1557-8, 1645, 1785 e 1852. Teem-na o ms. da *R. Ac. de la H.* e a ed. de 1559, com pequenas variantes.

sentir muito os escandalos recebidos, e crel-os na parte, quanto abaste pera o sentimento ser maior, do que póde ser. Mas porém, sempre leixa uma duvida lá na crença, pera experimentar nalgum tempo, tarde ou cedo, segundo a dor, grande ou pequena, lhe dá logar.

« Não póde ser que aquello que vós, senhora, sabeis, não faça duvidar Bimnarder d'est'outro que fizestes, até [1] se elle desenganar por si mesmo. Ou, se isto não é assi, não ha verdade no mundo, nem nos homens ». —

[1] *De*, — nas ed. de 1557-8, 1559, 1645, 1785 e 1852.

Até, — no ms. da *R. Ac. de la H.*

CAPITULO XXXI

EM QUE SE DIZ DA GRANDE DOR QUE SENTIU AONIA, EM SEU CASAMENTO

«ESTAS palavras desagastaram á senhora Aonia algum pouco, mas não de todo; que, na verdade, se lh'a deixaram estar só, e ter tempo pera perseverar neste cuidado, não creo eu que ella podéra durar muito.

«Mas era esposada d'então, e umas cousas e outras não na leixavam nunca só. Espalhavam-se os cuidados.

«Assi ella, pouco a pouco, foi-se avezan-

do a viver d'outra maneira; que as accupações de casa, e a desconfiança ou desesperança que foi tendo de Bimnarder, lhe fizeram indo nas cousas passadas uma sombra d'esquecimento, em que ella podéra viver toda' las horas de sua vida, descançada, ou menos cançada, — se em alguma cousa d'este mundo houvera segurança.

« Mas não na ha; que mudança possue tudo ».

NOTAS

*

NOTAS

A

Os trinta e um capitulos precedentes constituem, segundo a edição de 1557-8, a *primeira parte* das *Saudades*, á qual se segue, como *declaração*, uma extensa narrativa, de cuja authenticidade se tem duvidado.

E é, realmente, de todo o ponto fundada a duvida.

As paginas da primeira parte (incompleta, se não intencionalmente vaga, omissa e obscura, para confundir, talvez, quem ler, e occultar a verdade) são palpitantes de vida, e commoventemente subjectivas, e por isso teem o alto poder de conciliar a sympathia, e mover o enternecimento, das organisações delicadas.

Sente-se que o poeta as escreveu, como elle confessa, unicamente para si, tomando as palavras que as maguas lhe davam, e servindo menos o engenho do que a sua dor.

Na segunda parte, exclusivamente cavalheiresca, e sem o caracter bucolico da primeira, nem um só d'esses trechos profundamente sentidos e intensamente pessoaes, que se impõem e nos commovem, apesar do imperfeito da linguagem.

Exceptuada a historia de *Avalor*, que, pela sua tinta de melancholia, e, a momentos, pela delicadeza da analyse psychologica, lembra um pouco as paginas deliciosas de Bernardim, — o continuador das *Saudades* apenas consegue dar-nos uma enfiada de scenas e aventuras, que nem sempre completam e explicam a primeira parte, e que não evidenciam, como esta, o que o auctor sentiu, nem o modo como sentiu.

Quem emprehendeu continuar a mimosa narrativa de Bernardim Ribeiro, não tinha a fina impressionabilidade e o irresistivel poder de transmissão do amador de Aonia, e inventava tranquillamente factos e situações, em vez de pôr na escripta a effusão de uma alma dorida e saudosa, que é exactamente o que torna a primeira parte bem humana; o que constitue o segredo

do seu poderoso e eterno encanto; o que lhe dá o cunho de verdadeira obra d'arte.

Desharmonias e contradicções evidentes entre as duas partes do romance, fazem egualmente pensar que ellas não são do mesmo auctor.

Apontarei algumas:

No capitulo IX da segunda parte, a *dona*, contando á *donzella* como a filha de *Belisa* não sabia se acreditasse no affecto de *Avalor*, diz:

« Todas estas cousas, e outras *que não são escriptas neste livro*, trouveram a Arima grande tempo em muitas e diversas duvidas ».

É evidente que estas palavras não podiam ser proferidas pela *dona;* e é decerto muito mais natural num continuador do romance, que no proprio Bernardim, o esquecimento de que era um personagem, e não o auctor, quem falava.

A vinda de *Narbindel* (depois *Bimnarder*) ao logar onde se captivou de *Aonia*, é diversamente explicada na primeira parte e na segunda. Comparem-se os cap. IX e X d'aquella, com a seguinte passagem d'esta:

« Diz que a irman de Cruelcia, que tanto tempo

viu passar, e que não vinha Tasbião [1], com muita saudade, e minguando a esperança, crecia o amor, enxergando-se muito nella. Veiu-o a saber Cruelcia, sua irman. Contando-o a Narbindel, não cuidou ella que fosse pera tanto, como lhe depois sahiu. D'aquella hora, se começaram outras fadas de novo, e, se tal parecêra a Cruelcia, deixára a sua irman passar sua dor, antes que sua tamanha soubera. E rogou a Narbinder que o fosse buscar; e logo após isto, lhe chegou outra de arrependimento do que lhe tinha dito, e cuidou como o tornasse a deter; dizendo que, ante que partisse, ella queria mandar a casa de seu pae de Belisa, que já sabiam onde era, — porque elle, como chegou com sua filha, logo mandou recado ao castello de sua mãe de Cruelcia, como Tasbião ficava são, e que cedo tornaria. E, por lhe Narbindel fazer a vontade (ainda que muita a tinha naquelle caminho), mandou um homem, que veiu com as novas da morte de seu pae de Belisa, e como Lamentor se partiu com suas filhas, sem

[1] Este cavalleiro, — um dos *dois amigos*, — partíra com o pae de *Belisa*, para a livrar do poder de *Fabudarão*, que a tinha roubado.

saberem pera d'onde, nem onde Tasbião estava. Já Cruelcia quizera estorvar aquelle caminho, pondo deante quão duvidoso era, e não poude. E assi, partiu Narbindel, deixando mór saudade a Cruelcia, do que elle levava, dizendo, que, pois era per seu mandado, que esperava d'o achar, e tornar com elle, pera descanço d'elles. E, com isto, ficaram muito consolados, té que ambos perderam sua consolação. Assi, determinou chegar ao castello de Lamentor [1], e informando-se do que ia buscar, por lhe parecer que podia ser dissimulado, o que lhe disseram por parte de Cruelcia ».

Lamentor, deante do cadaver de *Belisa,* diz:

« Por mim, *leixastes* vós vossa terra e *vossa mãe,* e vossos amigos e parentes ».

---

[1] Ha aqui uma confusão evidente.

Se o auctor se refere ao castello que fôra do pae de *Belisa,* como podia *Narbindel* encontrar-se nelle com *Aonia,* se *Lamentor* a levára de lá, como se sabe pelo cap. XXX da segunda parte?

Se acaso fala dos *paços* de *Lamentor,* — o que parece deprehender-se d'uma phrase d'este, quando já estabelecido nelles (« *veiu aqui ter Narbindel a perguntar*

Estas palavras contradizem as seguintes, do pae de *Belisa* a *Tasbião:*

«... é (minha filha) *creada sem mãe...*»

D'uma phrase de *Cruelcia,* quando sabe que *Narbindel* se namorára de *Aonia,* deprehende-se que elle viera de terra extranha [1]. Se o escudeiro de *Narbindel* era *da creação d'elle,* e por isso lhe queria muito, como se declara no cap. XLVII, viera, portanto, de longe tambem, — o que está em opposição com esta passagem do cap. XIII da primeira parte:

«... já não cuidava (*Narbindel,* depois de sahir da tenda de *Lamentor,* onde se namorára de *Aonia*) senão

---

por Tasbião»), — ha neste ponto uma discordancia entre as duas partes do romance, porque, segundo a primeira, aquelles *paços* foram edificados depois que *Lamentor* e *Narbindel casualmente* se encontraram.

Mas, ainda suppondo que elles estavam já construidos, ou que o auctor se refere a um castello que *Lamentor* possuisse, como podia *Narbindel* adivinhar para onde se tinha elle dirigido, com as duas irmans?

[1] «... bem me disseram a mim, que o amor de homem *extrangeiro,* extrangeiras eram suas obras!»

como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois de apartado, lhe não causasse suspeita alguma de aquelle logar, péra elle mais á sua vontade gosar d'elle. Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia elle que havia de soffrer mal ver-lhe leixar Cruelcia; cá *era da creação d'ella, e lh'o dera pera o acompanhar...* »

Os *dois amigos,* — *Narbinder* e *Tasbião,* — não tiveram o destino que na primeira parte (cap. III) se annuncia. Aquelle, foi morto por *Phileno,* quando o encontrou com *Aonia* nos braços; o segundo, veiu a casar com *Romabisa,* irman de *Cruelcia,* e viveu contente, « por escapar de tantos desastres que corrêra ».

A explicação d'estas duas passagens da primeira parte, debalde se procura na segunda:

« Mas, se muito pera sentir foi a morte dos dous, muito mais pera sentir foi a das tristes duas donzellas, que a desaventura trouxe a tanta estreita, que não sómente conveiu aos dous amigos tomarem a morte por ellas, mas ainda conveiu tomarem-na ellas por si mesmas ».

. . . . . .

« Mal cuidariam os dous amigos, quando accepta-

ram a empresa de guardar as aventuras d'este valle (pera só aprazer ás fermosas duas donzellas), que era pera tanto seu desprazer d'ellas! E tambem, mal cuidaram ellas, quando, aquelle dia da grande desaventura, se vistiram e concertaram ricamente, pera verem os dous cavalleiros amigos, que era pera os não verem mais! »

Estas contradicções são frisantes, embora não constituam o argumento mais valioso contra a authenticidade da segunda parte, o qual é a differença de pensamento, de estylo, de caracter.

Por outro lado, a designação de *livrinho*, que Bernardim Ribeiro dá á sua obra, póde, acaso, indicar que, mesmo completa, ella não deveria abranger oitenta e nove capitulos, — que tantos são os impressos em Evora. Comtudo, talvez aquelle diminutivo tenha antes uma intenção depreciativa.

No primeiro capitulo da « *Menina e moça...* », Bernardim Ribeiro confessa ter hesitado em começar a escrever a narração do que vira e ouvira, receando não poder concluil-a:

« ... não sei ainda tão sómente determinar pera quando m'aguarda a derradeira hora. Não póde já vir longe. Isto *me poz em duvida de começar a escrever as*

cousas que vi e ouvi. Mas, depois, cuidando commigo, disse eu, que, *arrecear de não acabar d'escrever o que vi,* não era causa pera o leixar de fazer... »

Duvidaria elle, effectivamente, de poder terminar a sua narrativa, pelo presentimento de que breve morreria? Seria antes causa d'essa duvida a incerteza do seu destino, longe, talvez, de Portugal? Motivaria aquellas palavras o pensamento de que o seu livro era uma obra intima, sem destino á publicidade, e que, por isso, elle talvez viesse a interromper? Teria logo decidido, como *fino amante,* compor a sua historia d'um modo obscuro e vago, para embaraçar os leitores que podessem, acaso, surprehender a verdade que nella ha?

Não sei julgál-o; mas, seja como fôr, o trecho que fica transcripto, e a phrase, tambem do capitulo 1 — « *das tristezas, não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontescem ellas* », — são uma resposta a quem porventura se maravilhasse, de que não tivessem uma continuação aquelles trinta e um capitulos, tão delicados e tão mysteriosos.

É notavel que no prologo da edição de 1557 8, se diga:

« ... conveo tirar-se a limpo do proprio original seu esta primeira e segunda parte, todas inteiras, pera

que mui certo conheça, quem ler uma e outra, a *differença* d'ambas».

Prova isto que no seculo XVI se sabia que não era de Bernardim Ribeiro a segunda parte das *Saudades*, ou, pelo menos, que a *differença* entre ella e a primeira (apesar de contemporaneas) feriu a attenção do editor de 1557-8.

E não é facto unico, essa diversidade de auctores. Escrevia-me, não ha muito, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que poderia provar, que, á excepção do *Don Quijote*, não houve, nas litteraturas peninsulares, um só romance, de cavalleria ou pastoril, de fama verdadeiramente geral e merito superior, a que não fosse logo accrescentada uma segunda parte, apocrypha (isto é — anonyma) ou assignada, mas sempre de auctor diverso.

Note-se, por ultimo, que a primeira parte da «*Menina e moça...*» tem como epigraphe: «*Livro primeiro de Bernardim Ribeiro*». Se porventura isto não significa — *Livro primeiro da obra de Bernardim Ribeiro*, dá a entender que a segunda parte é de outro auctor, tanto mais que esta não se inscreve — *Segunda parte de Bernardim Ribeiro*, mas — «*Segunda parte d'esta historia das Saudades de Bernardim Ribeiro: a qual é declaração da primeira parte d'este livro*».

*

Nesta edição, entram só os capitulos authenticos.

Emprehendido por um simples artista, unicamente no intuito de restituir á evidencia um documento litterario hoje quasi desconhecido, e tão notavel, no emtanto, pela viveza da emoção, pela simplicidade das confissões, pela melancholia suave e tocante, — o presente livro póde effectivamente excluir a parte apocrypha, que numa edição definitiva da «*Menina e moça...*» é decerto indispensavel, — como documento.

*

Theophilo Braga, no seu livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, escreve, quanto á segunda parte da «*Menina e moça...*»:

«Depois do capitulo XXXI da primeira parte, traz (a edição de Evora) uma segunda, cujo titulo revela o seu caracter apocrypho: «*a qual é declaração da primeira parte d'este livro*». Quer dizer, que é um commentario. O estylo d'esta segunda parte é tão embrulhado, e sem a ingenuidade pittoresca da antecedente,

que salta logo ao espirito a profanação de mão apocrypha. Começa com uma nova historia de *Arima e Avalor*, que de fórma nenhuma se liga com a historia simples dos *dois amigos*. Demais, acabando a parte authentica de Bernardim no capitulo XXXI, só no capitulo XXXII da segunda parte é: «*Que torna dar conta do que passou Bimnarder, depois que viu ir Aonia em poder de seu marido Orphileno*». Isto continua até ao capitulo XL, em que a historia termina com a morte de Bimnarder e de Aonia, á maneira de Tristão e Yseult, o que não podia ser contado por Bernardim; demais, o nome de *Orphileno*, da segunda parte, e *Fileno*, dito na primeira, mostram a variante de mão apocrypha» [1].

Não sei d'outro escriptor que tenha tratado o ponto discutido nesta nota. Porventura José Gomes Monteiro; mas o seu trabalho ácerca da «*Menina e moça...*» está inedito.

Costa e Silva, no tomo I do *Ensaio* (publicado em 1852), dá o problema como resolvido. Enumerando as obras de Bernardim Ribeiro, cita «uma Historia de Cavallarias, com uma forte tintura de Bucolismo, *de*

[1] *Ob. cit.*, pag. 125 e 126.

que apenas compoz o primeiro livro, e que se intitula *Menina e Moça...* » [1].

*

Na edição de Evora, a segunda parte comprehende cincoenta e oito capitulos. Na de 1559, a « *Menina e moça...* » termina (a pag. LXXX) com as palavras que, na edição de 1557-8, são as ultimas do capitulo XVII da segunda parte:

« ... com demasiada ira, disse escontra a donzella que o alli trouxera, estas palavras ».

E logo a seguir, o *Laus Deo,* e na outra pagina, a *Egloga primeira.*

O ms. da bibliotheca da *Real Academia de la Historia* interrompe-se tambem no capitulo XVII, e nem esse está completo:

« E, d'ahi, foi-se por um cabo d'aquelle terreiro com sua lanza, *etcetera* ».

Creio que na propria edição de Evora a segunda parte está incompleta.

---

1 *Ob. e tom. cit.,* pag. 108.

Começa ella pela historia de *Arima* e *Avalor*, que no capitulo xxv, é interrompida pela continuação da dos *dois amigos*, promettendo, todavia, a *dona á donzella* tornar a falar-lhe dos acontecimentos de *Avalor*. Esta promessa não é cumprida. Além d'isto, quem emprehendeu completar as *Saudades*, não quereria decerto que o romance terminasse, como na edição de Evora, bruscamente, com a historia dos dois amigos:

«... onde, sendo casados Tasbião com Romabisa, fazendo da fazenda de Lamentor, como de sua, viveu tão contente, por escapar de tantos desastres que corrêra, e veiu acertar em seus amigos, de que se houve por bem pago de tudo o que desejára».

E nem mais uma palavra, mais uma confidencia, da *que, menina e moça, fóra levada pera longes terras*, nem uma phrase, sequer, trocada entre ella e a *dona*, ácerca da longa historia que esta contára.

No prologo da edição de 1645, escreveu Manuel da Silva Mascarenhas, que o livro das *Saudades* se não imprimiu em vida do auctor, e, *por sua morte, se achou entre seus papeis.*

O que é evidente, é que, antes de ser fixado pela imprensa, foi por diversas vezes transcripto e alterado.

Só assim se explicam as numerosas variantes, — a que já se refere o prologo da edição de Evora:

« Foram tantos os traduzidores [1] d'este livro, e os pareceres em elles [2] tão diversos, que não é de maravilhar que na primeira impressão d'esta historia, se achassem tantas cousas em contrairo de como foram pelo auctor d'ella escriptas. »

O confronto das diversas redacções que me foi possivel examinar, impõe logo a fixação de dois typos:

A) Edição de 1557-8, e suas reproducções.

B) Edição de 1559, e ms. de Madrid.

Segui a edição de 1557-8, por ser, no todo, mais correcta que a de 1559, e por ter sido feita sobre o original, — se acreditarmos o prologo.

---

[1] Isto é: — os que trasladaram ou copiaram.

[2] Por um erro typographico evidente, o original tem « *elle* ».

B

Bernaldim Ribeiro.
(Frontispicio.)

Devia ter escripto *Bernardim,* porque na portada da edição de 1557-8, está: — « Primeira e segunda parte do livro chamado as Saudades de *Bernardim* Ribeiro... »

Foi lapso, devido a ser quasi constante, nos livros e documentos do seculo XVI, a fórma *Bernaldim,* geralmente com dois *ll* [1]. Na propria edição de 1557-8, ella occorre tres vezes.

---

[1] A lettra *l* é a expressão graphica de dois sons inconfundiveis. É evidente a differença entre o *l* da palavra *cal,* — por exemplo, — e o da palavra *oliveira.* Como o nosso alphabeto não tem signaes diversos para esses dois sons tão distinctos, os antigos (que na maneira de escrever tinham de guiar-se muito pelo ouvido) dobravam a lettra no primeiro caso; isto é: — quando tinham de representar o *l* a que, em phonologia, se chama *gutturalisado.* (V., sobre a historia do *L,* um artigo de J. Leite de Vasconcellos, na *Revista Lusitana,* num. 1, 1 anno, — 1887, — pag. 64.)

C

> «... para não difficultar sem vantagem a leitura e a execução typographica, orthographei á moderna, sem comtudo alterar uma só fórma...»
>
> *(Pag. VIII.)*

Guardei a orthographia original, sempre que o modificál-a representaria substituir uma fórma antiga, — unica, ou já em lucta com a que se fixou, — ou alterar a pronuncia. Reproduzi, mesmo, fórmas que nunca foram portuguezas, como, por exemplo, *estoy* e *mas* (em logar de *mais*), e, ainda, modos de escrever em que se póde suppôr ter havido erro de copia, ou typographico.

Seria o contrario falsificar um documento, e invalidar, portanto, as conclusões que d'elle fossem acaso tiradas.

Devo notar que, por inadvertencia, respeitei, uma ou outra vez, as seguintes variantes, que, sendo meramente orthographicas, não deveria ter guardado:

Detreminar (ao lado de *determinar*)
En- (ao lado de *in-*)
Oulhar (ao lado de *olhar*)
Preguntar (ao lado de *perguntar*)
Soceder
Soportar
Soster

A edição de Evora tem apenas um *a,* nalguns casos em que evidentemente concorriam a preposição e o artigo feminino. Nesses, empreguei o *á* accentuado.

Naquelles em que poderia não se dar a contracção, embora hoje se dê, empreguei o *a* não accentuado.

Algũa, hũa e *nenhũa* são fórmas constantes nos quinhentistas; e em Camões, a primeira e a ultima d'aquellas palavras rimam com *lũa:*

« Os cornos ajuntou da eburnea *lũa,*
Com força o moço indomito excessiva;
Que Thetys quer ferir mais que *nenhũa,*
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta *algũa,*
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E, se feridas inda estão vivendo,
Será pera sentir que vão morrendo. »

(Lus., IX, 48.)

Pendo a crer que no tempo de Bernardim Ribeiro, esse modo de escrever não era apenas tradicional, e correspondia á pronuncia. Tome-se, portanto, o *m* das palavras *uma, alguma* e *nenhuma,* como simples signal de nasalisação.

D

« Apenas quando a edição de 1559, ou um ms. da *Real Academia de la Historia,* de Madrid, me deram a conhecer variantes, que, sem hesitações, devia seguir, me afastei da edição de Evora. »

(Pag. VIII.)

Foi meu empenho alterar o menos possivel a edição de 1557-8. No emtanto, apesar de ser esta a mais perfeita de quantas pude comparar, e a unica que traz a declaração de ter sido *treladada de seu proprio original,* tive de aproveitar algumas das variantes que o ms. de Madrid e a edição de 1559 offerecem, visto que eu pretendia tornar accessivel, ainda aos menos affeitos á leitura dos nossos escriptores antigos, a apreciação das incontestaveis bellezas que o

livrinho das *Saudades* encerra, devendo, por isso, preparar um texto quanto possivel correcto e de facil intelligencia, em termos que a leitura não tivesse de ser interrompida, a cada passo, para o exame de notas.

De resto, na presente edição está integralmente reproduzida a de 1557-8, porque, sempre que o texto se afasta d'ella, notas de pagina indicam a palavra ou phrase que foi substituida.

E

«... Iurista de professiõ...»

(Pag. XXXV.)

Depois de Faria e Sousa, todos os biographos de Bernardim Ribeiro o teem dado como jurista. Effectivamente, segundo uns apontamentos que devo aos snrs. Gabriel Pereira e dr. Augusto Mendes Simões de Castro, cursava a Universidade de Lisboa, pelos annos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernaldim Ribeiro*. Talvez que esse estudante seja o individuo de egual nome, que em 1524 foi nomeado escrivão da camara de D. João III.

Se tambem é o poeta, não se póde evidentemente fixar o nascimento do auctor das *Saudades* em 1501 ou 1502, como querem, fundados na *Egloga segunda,* Camillo Castello Branco e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

O nome *Bernaldim Ribeiro* apparece, no livro primeiro da Universidade de Lisboa, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v.º, 108 v.º e 111 v.º

F

> «Joanna de Vilhena tinha tres annos, quando a levaram para a côrte de Fernando e Isabel. Era, portanto, *menina e moça,* e desconhecia *a causa da sua levada*».
>
> *(Pag. LII.)*

A interpretarmos á lettra o romance, a amante de *Bimnarder* (Bernardim) não é a que *foi levada,* menina e moça, de casa de seu pae para longes terras.

É possivel, comtudo, que essa allusão lhe convenha, visto como o auctor das *Saudades* quiz desfigurar os acontecimentos, para enredar e confundir o leitor.

G

«... Bernardim Ribeiro,
— que tambem era da familia
dos Mascarenhas...»
(Pag. LXVII, nota.)

Estas palavras não são perfeitamente verdadeiras. Comtudo, ha noticia de dois enlaces entre as familias *Ribeiro* e *Mascarenhas*.

Um fidalgo d'este appellido, que vivia em Evora em tempo de D. João II (João Mascarenhas), casou, em primeiras nupcias, com D. Maria *Ribeiro* (parente de Bernardim?), filha de Pero Domingues, ou Migueis, e de Isabel Correia.

Nos fins do seculo XVI, ou no começo do XVII, Duarte Ribeiro Sodré, segundo primo do poeta [1], e descen-

[1] Seu pae, João Ribeiro, provára, por um instrumento authentico, passado em 1552, — morto já o poeta, — ser primo co-irmão do auctor da «*Menina e moça...*». Encontra-se esta referencia na maior parte dos mss. genêalogicos, no sub-titulo dos *Ribeiros do Torrão*.

dente de Gonçalo Ribeiro, a quem D. Fernando concedeu, por carta de 7 de janeiro de 1372 [1], o prestamo de Aguiar de Neiva, e por carta de 15 de agosto do mesmo anno [2], o couto do Carvoeiro, no almoxarifado de Ponte do Lima, — casou, em segundas nupcias, com Philippa de Brito Mascarenhas, neta de D. Maria de Noronha, filha do referido João Mascarenhas e de sua segunda mulher, D. Joanna de Noronha.

(De Duarte Ribeiro Sodré e Philippa de Brito Mascarenhas, era filho Manuel da Silva Mascarenhas, que em 1645 editou as obras de Bernardim Ribeiro.)

H

«Outros escriptores...»
(Pag. LXXII.)

Gabriel Pereira, num artigo publicado em o num. 10 da *Revista Illustrada* [3], sobre a interessante ruina

---

[1] Arch. da Torre do Tombo, *liv. I de D. Fernando*, fl. 90 v.º

[2] Id., *ibid.*, fl. 110 v.º

[3] Vol. 1 (1890), pag. 118 e 119.

da *Sempre Noiva* (arredores de Evora), diz estar convencido de que as *Saudades* se ligam a esse velho solar, que já no seculo XV era da nobilissima familia Vimioso, á qual suppõe alludir a «*Menina e moça...*» cuja acção principal entende se passa nas cercanias de Evora.

O *ribeiro* (cap. II, e outros) seria o Divôr; os *castellos vizinhos* (cap. XXIX), o da Amoreira da Torre, o da Oliveira, etc.; o santuario *de grande romagem* (cap. XXVIII), Nossa Senhora da Graça do Divôr, ou a Visitação (arredores de Montemór-o-Novo). Os *dois amigos* seriam, talvez, Diogo Gil Magro e Pero Juzarte, o primeiro dos quaes, tendo insultado gravemente a Alvaro Mendes Vasconcellos, do Esporão (termo de Evora), se refugiou no castello de Arrayollos, onde estava o segundo, e ahi foi morto pelos filhos do offendido, que, *per manha* [1] (segundo a expressão de Garcia de Resen-

[1] Approxime-se este modo de dizer da phrase de Bernardim Ribeiro: — «... ordenaram outros homens de os matarem (aos *dois amigos*) *a treição*, mámente...» (Cap. III da I parte.)

de), haviam entrado a fortaleza, com muita gente de cavallo e de pé.

A ruina da *Sempre Noiva,* — denominação que faz pensar num caso de amores tragicos, — é pittoresca, e documenta diversos estylos.

Alberto Haupt, visitou-a em 1886, e desenhou aspectos geraes e diversos elementos, levantou uma planta approximada, e fez um projecto de restauração.

No seu livro *Die Baukunst der Renaissance in Portugal,* estão reproduzidos, a pag. 20 e 27 do primeiro tomo (unico até agora publicado), dois d'esses desenhos.

I

« Carta de 23 de setembro de 1524. . . »

(Pag. LXXII).

Eis, na integra, esse documento:

D. João, etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que, confiando eu da bondade, saber e discrição do doutor *Bernaldim Ribeiro,* que pela pratica e ensino que tem, me servirá com aquelle segredo e boa diligencia que se em tal caso requere, e a meu serviço

cumpre, querendo-lhe fraça *(sic)* e mercê, tenho por bem, e o dou ora novamente, d'aqui em deante, por meu escrivão da camara, assi e pela maneira que o elle deve ser, e o são os meus escrivães da camara. E porém, encommendo e mando a D. Antonio, meu muito amado primo, e escrivão da minha puridade, e a quaesquer outros officiaes e pessoas, a que esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que hajam, d'aqui em deante, ao dito doutor *Bernaldim Ribeiro* por meu escrivão da camara, e o leixem servir e usar do dito officio inteiramente, e haver sua vestiaria, escretura, proes e percalços a elle direitamente ordenados, e segundo meu Regimento, sem duvida nem embargo algum, que a ello seja posto, porque assi é minha mercê. E jurará em a minha chancellaria, aos santos avangelhos, que bem e verdadeiramente sirva o dito officio e use d'elle, guardando, a mim, meu serviço e segredo, e ás partes, seu direito. — Dada em a minha cidade de Evora, aos 23 dias de setembro. — *Domingos Paes* a fez. — Anno de 1524.

(*Liv. 37.º de D. João III*, fl. 164.)

J

«Referir-se-ha porventura ao nosso poeta algum d'estes documentos?»

(Pag. LXXIV.)

Como o livro das *Saudades* só foi impresso depois da morte do auctor, e ha uma edição com a data 1554, é evidente que só o primeiro dos documentos citados se póde referir ao poeta.

Quiz, porém, mencionar todos os documentos do seculo XVI com o nome *Bernaldim Ribeiro,* de que pude haver noticia.

K

«No seculo XVI, havia em Hespanha importantissimas colonias portuguezas».

(Pag. LXXVI.)

Accrescente-se que nos seculos XV, XVI e XVII, muitos compositores portuguezes occupavam logares eminentes nas igrejas mais notaveis do sul da Hespanha, sobretudo da Andaluzia. Consignou este facto, que era

quasi desconhecido, Joaquim de Vasconcellos, na sua obra *Os Musicos Portuguezes* [1], dando-nos depois, no *Ensaio critico sobre o catalogo d'el-rey D. João IV* [2], uma lista de dezenove compositores nossos, que naquelles seculos, exerceram em Hespanha a sua arte.

L

« As obras de Bernardim Ribeiro foram impressas (pela primeira vez?) em Ferrara, no anno de 1554... »

(Pag. LXXVII.)

A edição de 1554 é rarissima. Em Portugal, não ha d'ella, — que eu saiba, — exemplar algum, e os nossos bibliographos não a citam.

Brunet [3] transcreve assim o titulo d'essa preciosa

---

[1] Vol. II, pag. 191, e 197, nota *c*.

[2] A pag. V (« Notas supplementares »). — O *Ensaio* constitue o fasciculo III da *Archeologia artistica*.

[3] *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, tom. IV (Paris, 1863), col. 1:273 e 1:274.

especie: — « *Hystoria de Menina y Moca, por Bernaldim Ribeyro, agora de novo estampada e con summa diligencia emendada eassi algũas eglogas suas...* »

E accrescenta:

« L'édition de 1554, dont nous venons de donner le titre, est fort rare... mais elle en fait supposer une plus ancienne, qui n'est citée par aucun bibliographe... »

Salvá y Mallen [1], que não conhecia esta edição, e só tinha noticia d'ella pelo *Manual* de Brunet, tambem infere, da redacção do titulo, a existencia de outra mais antiga:

« Se ve por lo que dice la portada que debe existir otra anterior ».

Como a locução *de novo* não tinha a significação actual, e queria dizer *recentemente*, só da phrase *com summa diligencia emendada*, se póde inferir a existencia de uma edição anterior á de 1554.

O facto, porém, de apenas se conhecer uma impres-

1 *Catálogo de la biblioteca de Salvá*, tom. II (Valencia, 1872), pag. 178, col. 2.ª

são em 1557 [1], e duas em 1645 [2], leva-me a *suppôr* que a edição de Ferrara é a primeira.

A phrase citada referir-se-hia, nesse caso, como quer Theophilo Braga, a emendas feitas no manuscripto, para que a edição fosse o mais correcta possivel.

M

« *Pera morrer, asinha me podêra isto aproveitar...* »
(*Pag. 10.*)

Tomei aqui o adverbio *asinha* no sentido de *facilmente*. É possivel, comtudo, que, ainda neste caso, elle tenha a significação mais geral: — *depressa*.

Nesta hypothese, dever-se-hia virgular assim: — « *Pera morrer asinha, me podêra isto aproveitar...* »

---

[1] « ... não é de maravilhar que na *primeira impressão* d'esta historia... » (*Prol. da ed. de 1557-8*).

[2] « Gastaram-se *duas impressões*... » (*Prol. da ed. de 1645*).

N

« Os homens cuidam outra cousa, mas do que das mulheres não cuidam... »
(Pag. 37 e 38.)

Como esta passagem é obscura, noto, excepcionalmente, as variantes:

« Os homens cuidam outra cousa (mas o que das mulheres não cuidam elles)... » — Ed. de 1559.

« Os homens cuidam outra cousa mais do que as mulheres não cuidam... » — Ms. da *Real Academia de la Historia*.

O

«... ellas, porque eram mulheres, e elles, porque eram homens... »
(Pag. 43.)

A edição de 1559 e o ms. da *Real Academia de la Historia* offerecem uma variante, que é talvez preferivel:

«... ellas, porque eram mulheres; e elles, porque não (*nom*, no ms.) eram como outros (*os outros*, no ms.) homens... »

ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
XXI	9	comprimentar	cumprimentar
XXVII	14	Portugal	portugal
XXXV	7	jurista	Iurista
LII	21	*Cruelsia*	*Cruelcia*
LXXI	13	extrangeiro	estrangeiro
LXXII	5	relativa	reciproca
5	6	*ainda*	*ainda (a)*
10	13	*estoi*	*estoy*
15	9	assomar	(a) assomar
22	7	alma	(a) alma
23	13	cortezia	cortezia (a)
24	13	teem	tem
29	3	ouvia	ouvia(-a)
33	4	AQUELLA	ÁQUELLA
35	11	teem	tem
37	2	teem	tem
37	3	teem	tem
38	3	teem	tem
39	5	pertencia	pertenecia
39	8	affrontas,	affrontas
39	9	contava	contava (a)

Paginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
40	4	maneiras	maneras
40	4	teem	tem
40	6	teem	tem
41	9	livros	livros,
41	19	á	a
42	16	per	por
45	3	Com	Co'
48	9	quando	quando,
48	9	(da	da
48	10	desaventura)	desaventura,
48	17	veem	vem
56	12	a	á
58	15	Impetuosamente	Rapidamente
60	9	andar	(a) andar
60	19	*vive*	*vivo*
70	3	jantar,	jantar, —
70	3	fez,	fez
70	4	depois	depois, —
71	14	panos	pannos
74	9	á	a
78	7	por	pôr
79	16	assi	emfim
128	2	a ferrál-o	(a) aferrál-o
175	9	mas	mais
208	9	Enis,	Enis

Á nota 1 da pag. 63, accrescente-se:

... *e levantando,* — na ed. de 1559.

(Deve, portanto, eliminar-se a data 1559 da primeira linha d'essa nota.)

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70